



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

João Gustavo Monteiro de Barros

**Pescadores Evangélicos de Provetá na Ilha Grande:
uma etnografia filmica sobre um “modelo exemplar”**

Rio de Janeiro

2014

João Gustavo Monteiro de Barros

**Pescadores Evangélicos de Provetá na Ilha Grande:
uma etnografia fílmica sobre um “modelo exemplar”**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Patrícia Birman.

Rio de Janeiro

2014

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/A

Barro277 Barros, João Gustavo Monteiro de

Pescadores Evangélicos de Provetá na Ilha Grande: uma etnografia
fílmica sobre um “modelo exemplar” / João Gustavo Monteiro de Barros. –
2014.
110f.

Orientador: Patrícia Birman.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Bibliografia.

1. Pesca – Grande, Ilha, Baía da (RJ) - Teses. 2. Religião – Teses. 3.
Antropologia visual – Teses. I. Birman, Patrícia. II. Universidade do Estado do
.Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 351.823.1

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

João Gustavo Monteiro de Barros

Pescadores Evangélicos de Provetá na Ilha Grande
Uma etnografia filmica sobre um “modelo exemplar”

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 13 de março de 2014.

Banca examinadora:

Patrícia Birman (Orientadora)

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Ana Maria Lima Daoul

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Marcos Albuquerque

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Rio de Janeiro

2014

Dedico este trabalho aos meus pais Rosina Amélia Matos Monteiro de Barros e Alcir Monteiro de Barros, sem os quais nada disso seria possível.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é fruto de uma relação de convívio e troca de experiências entre mim e os moradores de Provetá. Gostaria de agradecer a seus moradores e, principalmente, àqueles que tão gentilmente receberam-me durante o período da pesquisa em seus lares, abrindo para mim parte de sua intimidade numa demonstração de afeto e confiança: Marcela Neves Gonçalves e João Carlos (Neném). Também me sinto grato por ter tido o privilégio de conhecer e conviver com o pastor e mestre Manoelzinho, que sempre me colocou em um lugar confortável para que eu desenvolvesse meu trabalho da melhor maneira possível na vila. Da mesma maneira, quero manifestar meu apreço em ter podido conviver com sua esposa Magna, com sua outra filha Manoela e com os sempre camaradas Fabico, Magno, Teleco, Teteti e Clayton. Meus agradecimentos também a D. Deca, Seu Zé Pimenta, Solange, Abraão, Boeca e Ninica, e todos os moradores que estiveram presentes como interlocutores em minhas viagens.

Meus agradecimentos a minha orientadora e mestra Patrícia Birman que com muita paciência e generosidade ajudou a guiar os caminhos da pesquisa, colocando-me em contato com autores e trabalhos importantes para o seu desenvolvimento. Sou grato também a mestra e amiga, a professora Patrícia Monte-Mór que desde o princípio, no Atelier de Cinema e Antropologia, apresentou-me à disciplina, indicando as possibilidades do profícuo diálogo do Cinema com a Antropologia. Um agradecimento especial também devo a professora Rosane Prado, pelas leituras, viagens e projetos da Ilha Grande, nos quais fomos parceiros.

Sou grato aos colegas que estiveram na Ilha Grande antes de mim, tornando possível a troca de experiências e pensamentos a respeito da vila: Natânia Lopes, André Bakker, Vicente Cretton, e, principalmente, Mariana Mendonça.

Por fim, agradeço `as pessoas que conviveram comigo nesse período da pesquisa e foram um alento à solidão da escrita: Luis Ignacio Aldunate, Fernanda Sal, Gustavo Guimarães e Alexandre Lima. Serei sempre grato.

“Não estou interessado exatamente no que se chama realidade. Me dizem, às vezes assim: ‘Ah, como as pessoas são naturais nos seus filmes’ . São naturais e artificiais, é um jogo... Tem teatro nisso. Tem teatro em você, tem teatro em todos nós; nós, durante o dia temos sete comportamentos diferentes, se chama a encenação do eu na vida cotidiana: você vai à polícia fala de um jeito, aqui se fala de outro jeito, com a mulher se fala de outro... Então, isso já é ser natural sendo falso: tudo o que é natural é artificial para mim”

Eduardo Coutinho

“As cidades também acreditam ser obra da mente ou do acaso, mas nem um nem o outro bastam pra sustentar as suas muralhas. De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas...Ou as perguntas que nos colocamos para nos obrigar a responder, como Tebas na boca da Esfinge”

Ítalo Calvino

RESUMO

BARROS, João Gustavo Monteiro de. **Pescadores Evangélicos de Provetá na Ilha Grande: uma etnografia fílmica sobre um “modelo exemplar”**. 2014. 110 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Esse trabalho busca compreender a relação do trabalho na pesca e a sociabilidade entre os moradores da vila de Provetá na Ilha Grande, Rio de Janeiro. Analiso as dinâmicas sociais presente no “desvio” dos jovens provetaenses que saem da igreja quando entram no mercado de trabalho promovendo uma fissura no ethos local. Acompanhando a montagem da Festa dos Gideões, ritual catalisador, procuro perceber seus momentos fortes, onde a comunidade revela para si a religiosidade e seu modo de ser. O uso da ferramenta audiovisual está presente como importante meio de captação das performances em jogo, colocando em presença os atores filmados nos espaços de convívio.

Palavras-chave: Pesca. Religião. Pentecostal. Ilha Grande. Antropologia visual. Antropologia fílmica. Antropologia e Imagem. Performance. Gideão.

ABSTRACT

BARROS, João Gustavo Monteiro de. **Evangelical fishermen of Provetá on Ilha Grande: a film ethnography on an "exemplary model"**. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

This work seeks to understand the relationship of work in fishing and sociability among the residents of the village of Provetá in Ilha Grande, Rio de Janeiro. I analyze the social dynamics present in the "diversion" of the young Protestants who leave the church when they enter the labor market, promoting a rift in the local ethos. Accompanying the assembly of the Gideon Festival, a catalytic ritual, I try to perceive its strong moments, where the community reveals to itself the religiosity and its way of being. The use of the audiovisual tool is present as an important means of capturing the performances in play, putting in presence the actors filmed in the convivial spaces.

Keywords: Fishing. Religion. Pentecostal. Ilha Grande. Visual anthropology. Film Anthropology. Anthropology and Image. Performance. Gideon.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	09
1	A UTILIZAÇÃO DA FERRAMENTA DO AUDIOVISUAL NA PESQUISA	16
2	A FESTA DOS GIDEÕES.....	26
2.1	O Monte Sagrado – A preparação espiritual da festa e nossa apresentação na comunidade.....	35
2.2	“Primeiro Dia” – A construção da festa pelo pastor Manoelzinho.....	47
2.3	“Segundo dia” – A Festa.....	61
2.4	“Terceiro dia” – O batismo.....	65
3	A PESCA DA SARDINHA.....	68
3.1	O Desvio – a diferente construção da noção de pessoa entre homens e mulheres provetaenses.....	71
3.2	Trabalho e Solidariedade.....	86
3.3	O barco Estrela do Horizonte e os “horizontes” de trabalho dos provetaenses.....	91
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
	REFERÊNCIAS.....	108
	ANEXO.....	112

INTRODUÇÃO

Esse trabalho é fruto de uma pesquisa que teve início em meados de 2010 quando cursava Especialização em Sociologia Urbana na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. No período, eu trabalhava como editor de imagem no NAI, Núcleo de Antropologia e Imagem nessa mesma instituição, coordenado pela professora Patrícia Monte-Mór. Na ocasião, fui convidado a participar do projeto “Turismo na Ilha Grande: Manifestações e Imagens” para desenvolver junto a alguns alunos de mestrado e de graduação dois filmes ligados a pesquisas por eles desenvolvidas. Um deles na Praia da Longa, campo sob orientação da professora Rosane Prado e, o outro, na Praia de Provetá, sob orientação da professora Patrícia Birman. Comecei a viajar seguidas vezes à Provetá acompanhando a estudante Mariana Mendonça, e fizemos algumas atividades com recursos audiovisuais como fotografias, apresentação de slide no telão na praça local, entre outras. Com o tempo fui me tornando conhecido entre os moradores e, após a saída de Mariana do projeto, passei a freqüentar a praia para finalizar o filme, parte obrigatória da Projeto de pesquisa que ganhara apoio da FAPERJ. A partir daí, com uma câmera na mão, circulava na vila, registrava algumas cenas cotidianas e fazia entrevistas visando a elaboração do filme.

Minha chegada na Vila de Provetá se deu antes da ideia de fazer um trabalho de pesquisa. Mariana costumava ficar hospedada na casa da Marcela, filha do pastor Manoelzinho, que fica no Cafundó, localidade próxima à igreja, região central da vila. Na minha primeira viagem, alugamos uma casinha na região da fazenda, lado mais afastado da região central da vila, onde fica a igreja e moram as pessoas mais abastadas e com mais estatus em Provetá. A casa na qual moramos era anexada à do senhorio, Abraão. Abraão é casado e tem dois filhos jovens. A menina faz parte do grupo dos jovens da igreja, o rapaz, à época, estava *desviado*. De vez em quando tomávamos café da manhã reunidos debaixo das amendoeiras no quintal. A casa fica numa região de casas mais simples e próxima ao chamado “Canto do Diabo”, onde ficam os bares, o campo de futebol e a pousada da D. Áurea, única de Provetá.

Enquanto Mariana fazia as entrevistas de sua pesquisa, eu muitas vezes ia ao campo de futebol para jogar bola com os jovens provetaenses. Era comum eu estar em casa e ouvir o som dos meninos jogando bola. Aprontava-me e descia para jogar com eles. Minha entrada em campo se deu muito por essa via marcada por aspectos que descrevo abaixo e que serão interessantes para a compreensão da discussão a seguir.

O campo de futebol é um local marcadamente discriminatório no que diz respeito à presença feminina. As únicas vezes que avistei meninas no campo, eram as estudantes da UERJ. As mulheres e meninas de Provetá não vão ao campo de futebol, pois o lugar é freqüentado majoritariamente por meninos *desviados* e localizado no espaço que eles chamam de “Canto do Diabo”. No campo, além do jogo, faz-se uso de bebidas alcoólicas e maconha. A sociabilidade se dá através de uma gramática machista, onde xingamentos e palavrões são ouvidos à distância. Para mim, vivenciar aquelas tardes no campo de futebol era como estar diante de uma cartilha de gestos, palavras e gírias mais corriqueiros do universo masculino da vila. Naquele espaço liminar, onde se encontravam a maior parte dos desviados de Provetá, pude notar a construção de uma sociabilidade amparada na disputa e na performance do jogo.

À noite, quando acompanhava Mariana nos cultos sentia que “navegava entre dois universos” que pareciam antagônicos. À tarde com os *desviados* e à noite com os *crentes*. Essa geografia do lugar cindida pela estruturação feita a partir dos preceitos morais pentecostais se manifestava em mim subjetivamente quando percorria meu itinerário diário na vila.

No carnaval de 2011, após a saída de Mariana do projeto, preparei-me para ir pela primeira vez sozinho à Provetá na festa dos Gideões. Mas o destino prega suas peças. Na véspera de minha viagem, mais precisamente, dois dias antes de partir do Rio rumo à Provetá, eu estava em casa tomando café da manhã com um amigo que morava comigo na minha antiga casa em Botafogo, quando bateram à porta. Eram duas meninas alemãs que falavam mal o português e uma delas era amiga do Rodrigo. Ele convidou-as para o café. Luana, uma delas, coincidentemente, era cinegrafista na Alemanha e se interessou pelo meu projeto. Contou que foi criada em uma igreja luterana e que gostaria muito de conhecer a Ilha Grande. Eu explicava que a Ilha Grande possuía lugares distintos, que diferente do Abraão e outras praias, Provetá não era uma praia turística. Ela disse que ficou interessada pela minha descrição e pediu para me acompanhar. Fizemos a viagem juntos e ganhei ali uma grande parceira que me ajudou muito nas primeiras tomadas do filme que faria a partir daquele momento.

Após o carnaval de 2011, fui convidado pelo pastor Manoelzinho, morador da vila e proeiro do barco Estrela do Horizonte, a sair para o mar na abertura da temporada da pesca após o defeso¹ daquele período. Aceitei o convite. Ficando seis dias no barco Estrela do

¹ Defeso é o período no qual a pesca da sardinha é proibida para que a desova não seja prejudicada. Abordarei esse tema mais adiante, no cap.III.

Horizonte, colhi material audiovisual e fiz um documentário etnográfico chamado Dias de Pescador. Na minha seguinte viagem à Ilha Grande levei 30 cópias para distribuir entre os pescadores do barco e alguns moradores da vila. Eles gostaram muito do filme e, a partir de então, recebi convite para filmar eventos diversos, como festas, casamentos, aniversários e cultos da igreja; aumentando meu campo de ação e me tornando uma figura mais “naturalizada” entre os moradores do local.

A Vila de Provetá é historicamente marcada pela presença da igreja evangélica da Assembléia de Deus. No início do século passado, a vila, segunda maior da Ilha Grande, localizada entre o exuberante verde da mata atlântica e o Oceano, teve quase todos os seus membros convertidos a Assembléia de Deus. Atualmente, são três gerações de “filhos” convivendo com a cultura pentecostal.

Menor em quantidade de moradores apenas do que a Vila do Abraão na Ilha Grande, as melhores casas da Vila são de propriedade de seus “filhos”. Esse “filhos” de Provetá fazem resistência à entrada do turismo pois acreditam que isso traria ameaça à tradição e costumes locais². A pesca é a principal fonte econômica e todos compartilham da atividade pesqueira, seja no trabalho, costurando rede, como simples brincadeira de criança, ou como assunto comentado e partilhado no cais, na praia, na igreja, nas ruas e vielas do lugar.

Como habitantes de uma ilha oceânica, os provetaenses construíram uma relação de proximidade com o mar. Ele é assunto do dia-a-dia e quando ele “*vira*” com o vento sudoeste, ninguém pode sair de barco para ir à cidade – Angra dos Reis – fazer compras, ir à escola, comprar material de construção, ir ao banco, etc.

O crescimento da vila de Provetá acompanhou o crescimento da Igreja e de seu corpo ministerial. Hoje, Provetá possui aproximadamente 1.300 moradores e 500 membros filiados à Igreja³. A Assembléia de Deus de Provetá é sede de outras 30 igrejas localizadas do sul do Rio de Janeiro e no norte de São Paulo.

A Igreja “Assembléia de Deus” local detém uma clara hegemonia sobre o modo de vida há pelo menos três gerações. Seu território é designado e percebido, tanto pelas pessoas dali, quanto pelas pessoas “de fora”, como um local regido por preceitos religiosos, cuja moral é predominantemente pentecostal. (BIRMAN, 2008)

² Ver Mendonça, Mariana. Festas e Visitação religiosa em uma Comunidade Evangélica na Ilha Grande. Dissertação de Mestrado (IFCH/PPCIS), 2011.

³ Bastos, Marcos e Callado, Cátia Henriques. O Ambiente da Ilha Grande. Rio de Janeiro Uerj/CEADS, 2009.

A história da chegada do evangelho em Provetá foi conceituada por Patrícia Birman como uma construção mítica que dramatiza a origem da comunidade de Provetá. Segundo Bakker, a chegada do evangelho é pensada como “*uma ruptura primordial com um passado católico de privações e dificuldades*”. Após a vinda da “Palavra” através do missionário Dioclécio

Deus teria dado início às bênçãos que transformariam definitivamente a natureza do território provetaense, bem como a vida de seu habitantes, doravante herdeiros de um território abençoado.

Foi há aproximadamente setenta anos, numa canoa, que Dioclécio e Helena, chegaram a Provetá para ali fundarem seu legado. Contam-nos que Dioclécio, que era ‘um filho do lugar’, regressou à terra de origem já como missionário, convertido no continente à ‘Assembléia de Deus’. O casal fez uma jornada – com seu pequeno filho Samuel, no colo de Helena. O sol estava fortíssimo e Dioclécio, temeroso que Samuel não agüentasse a viagem, fez uma oração a Deus pedindo-lhe que protegesse a criança. Seu pedido fora aparentemente atendido quando uma grande nuvem cobriu toda extensão dos raios do sol que incidiam sobre eles. Acompanhando-os até sua chegada a Provetá e protegendo a pequena criança do sol escaldante que lhe ameaçava a vida, Deus anunciava assim, com um pequeno milagre, a chegada do Espírito Santo e sua bênção ao território onde futuramente habitariam seus eleitos (BAKKER 2008)

Provetá é vista assim por seus moradores, como um lugar abençoado. O mar foi acalmado graças a chegada do evangelho, assim como histórias de curas de doenças que assolavam o lugar são também narradas por seus moradores. Mesmo aqueles que estão fora do Evangelho, os desviados e os afastados, concordam com isso. Há um consenso entre jovens que conversei em Provetá e que estão desviados da igreja que “*o único caminho possível*” é o do Evangelho e por isso, um dia, eles retornarão à Igreja.

As categorias “afastado” e “desviado” possuem características distintas, mas designam posições sociais próximas. Ao se considerar um “afastado”, o retorno à igreja parece mais iminente, o indivíduo está mais próximo da categoria de “crente”. No início do “desvio” (principalmente os mais jovens), os indivíduos costumam ser designados como “afastados”. Mas quando o desvio se estende por períodos mais longos, começam a ser chamados de “desviados”. Essa posição aumenta o distanciamento em relação à igreja. Se o desvio proporciona um novo campo de práticas possíveis para o ator social, “este não afeta sua crença em Deus, no Diabo, e na inevitabilidade do Inferno, caso permaneçam indefinidamente onde estão. Tais fronteiras classificatórias são movediças frente à subjetividade daqueles que delas se apropriam durante a vida. (Bakker 2008, p. 78).

A questão de ser ou não “filho do lugar” em Provetá tem a ver com a ligação com o passado religioso. Aqueles que cresceram sob a influência do Evangelho e possuem seus

antepassados nas primeira e segunda gerações se julgam os verdadeiros donos do lugar. Essa característica legitima uma ancestralidade religiosa que hierarquiza em diversos aspectos da vida social a posição hierárquica dos atores em campo. Esses moradores possuem as melhores casas, são proeiros dos barcos, presidentes da associação de moradores, são pastores e presbíteros.

Portanto, “esses atores sociais herdaram, não somente, a “prosperidade” legada pelas bênçãos divinas, mas um “direito político-religioso” de gerir politicamente o território provetaense e zelar por sua sacralidade” (BIRMAN 2008).

Os moradores que não possuem esse vínculo ocupam lugar hierarquicamente inferior dentro dessa lógica social, muitas vezes criticando o domínio da Igreja sobre o local que interfere diretamente na sua organização político-social. Esses ocupam cargos secundários na pesca, ganhando os menores salários, por exemplo.

Fazer campo na Ilha Grande, numa comunidade que possui em torno de 1500 habitantes, e que demanda esforço físico e tempo para chegar – 2 horas até Angra dos Reis e 2 horas de barco até Provetá – foi muitas vezes uma aventura insólita. Sensação que desaparecia quando, já no cais de Angra, reconhecia alguns moradores que me confortavam com uma recepção “amiga” e calorosa.⁴

Além da utilização do audiovisual, também passei muito tempo da pesquisa observando a comunidade “de dentro”, participando de atividades do cotidiano, convivendo nos lares, nas ruas e lugares da vila mediante observação participante.

Sentimento e emoção são elementos que se insinuam no trabalho de campo, segundo Da Matta (1978). Hóspedes há pouco tempo não convidados na viagem do etnográfica, os sentimentos, dentro da rotina do campo, participam e em parte moldam as relações em cada situação.

Quando comecei a fazer contato com a vila, ainda fora do Programa de Pós-Graduação, Mariana Mendonça já estava fazendo sua pesquisa. Na sua dissertação ela menciona o motivo da escolha de seu objeto. A compreensão da construção religiosa e moral da mulher provetaense, segundo ela, foi um tema que chegou através da memória da experiência de campo, onde ela havia passado bastante tempo com as mulheres no interior das

⁴ Os dados que me ajudaram a compreender o lugar da pesquisa são provenientes das pesquisas dos colegas André Bakker (2008), Mariana Mendonça (2011), Natânia Lopes (2011) e Vicente Cretton Pereira (2007); além dos artigos produzidos por Patrícia Birman (2006, 2008, e outros) e Rosane Prado (2003, 2003b, 2006).

casas, trocando alegrias, dores e experiências. Talvez minha pesquisa tenha se desdobrado muito também pelos lugares e itinerários que escolhi percorrer em campo – o campo de futebol, a pescaria, o convívio com os homens do lugar. De certa forma, empaticamente, fui marcando minha presença nesses espaços onde podia trocar experiências concretas em um universo já previamente conhecido e que me interessava – aquele claramente masculino.

Jean Rouch em seu “Moi, un Noir” radicalizou a experiência do lugar do sujeito no mundo, ou melhor, no filme. O outro se constrói a partir da fabulação que ele mesmo propõe como personagem de si mesmo. Jogo reflexivo que na sua radicalidade coloca o cineasta e o espectador no lugar do outro, de forma a pensar como possível a proposição “Eu, um negro?”⁵

“(…) alteridade só começa quando o sujeito que emprega a palavra ‘outro’ aceita ser ele mesmo um ‘outro’ se o centro se deslocar, aceita ser um ‘outro’ para o ‘outro’”
(Gonçalves, 2008)

Posso dizer que muito do que vivi em campo foi imbuído de um espírito aventureiro de troca de experiências, onde muitas vezes, ingenuamente, tentei me colocar no lugar do outro. Recurso muitas vezes fadado ao fracasso, mas que muitas vezes me levou à “fronteira subjetiva” entre as duas *culturas* e me ajudou a formular minha própria “invenção”.

Ao longo desse trabalho procuro entender os modos de vida dos habitantes de Provetá. No mar e em terra, os modos de sociabilidade no trabalho e em comunidade atravessam os respectivos campos e proporcionam a construção de ethos peculiares. Para abordar essa temática busquei como referência a “noção da pessoa” de Marcel Mauss (2008). Além disso, levei em conta algumas concepções sobre construção de gênero para ajudar a formulação de um “tipo ideal” local.

No capítulo 2, pretendo analisar a relação entre trabalho e religião através de um estudo sobre a festa da igreja dos homens, a festa dos Gideões. Procuro estabelecer uma compreensão de como a vila de Provetá ritualiza a abertura da temporada da pesca após o período do defeso. Tomando como guia metodológico a teoria da performance de Victor Turner, acompanho o dia-a-dia do ritual, procurando perceber seus momentos fortes, onde a comunidade revela para si a religiosidade e o modo de ser local. O uso do áudio-visual será importante meio de captação das performances em jogo, já que coloca em presença o homem filmado em imagem-movimento no seu meio-ambiente.

5 Em francês: *Moi, un noir*, 1958. Filme de Jean Rouch.

Para entender essa relação, acredito ser importante a noção desenvolvida no trabalho “A Invenção da Cultura”. Nele, segundo Roy Wagner, o antropólogo utiliza sua própria cultura para estudar outras culturas. Ele está o tempo todo colocando em relação dois universos de significados e vai se valer de seu repertório de significados e sua experiência para comunicar uma compreensão de outra cultura aos membros de sua própria cultura. Portanto, o que ele observa e analisa está sendo codificado pelo seu manancial de símbolos e significados. E essa consciência, a da cultura, gera uma importante ferramenta para os objetivos do trabalho. A ideia de que inventamos cultura advém de uma situação de campo, como um “insight”. Ao ver como os outros funcionam, outras possibilidades de experimentar a vida se apresentam para o pesquisador. É como ele, ou nós, se desarmasse e pudesse enxergar nessa situação limite como sua própria cultura funciona. Então ele estaria inventando também sua própria cultura na medida que inventa a cultura do outro. (Wagner, 2010)

A seguir, no capítulo 3, tomo o trabalho da pesca como objeto para compreender as relações entre os pescadores, descrevendo a pesca industrial da sardinha e a divisão de trabalho que perpassa as relações dos envolvidos. Como dialoga a relação do trabalho na pesca e a sociabilidade em terra, na vila. Nesse capítulo também irei analisar o desvio dos jovens provetaenses que saem da igreja quando entram no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo em que se apresenta como uma fissura na estrutura ideal do ethos local, o desvio prepara os homens para ocuparem os lugares mais altos dentro da hierarquia social do lugar.

Nesse capítulo também verifico um conceito caro aos estudos de pescadores, o de solidariedade. Estabeleço uma análise, levando em consideração o trabalho de Luiz Fernando Duarte (1999) com os pescadores de Jurujuba, sobre os modos de solidariedade verificados no contexto da pesca industrial na comunidade em questão. De que modo esses modos de solidariedade saem do campo do trabalho da pesca e se fazem presentes na vila. Também tomo como objeto as mudanças sociais que, anunciadas profeticamente pela chegada da “nova geração de doutores”, dos “filhos do lugar” que não seguirão a profissão de pescador de seus pais, desarticulam o “tipo ideal” construído principalmente na performance do pastor Manoelzinho, catalisadora dos ideais sociais morais para a conduta de cada morador da comunidade.

1 UTILIZAÇÃO DA FERRAMENTA DO A AUDIOVISUAL NA PESQUISA

Durante minha viagem à bordo do barco Estrela do Horizonte no verão de 2011, pude acompanhar, através da experiência em campo com a utilização do audiovisual, o trabalho dos pescadores de sardinha de Provetá no litoral fluminense.

No domingo de carnaval, acordado pelo pescador Neném, dono da casa na qual me hospedara, às quatro da manhã, liguei minha câmera, tomei um café com alguns biscoitos e esperei Neném arrumar seu “kit pescaria” – uma sacola feita de rede de pescaria com vários tipos de anzol, rolos de nylon e pequenas bóias em forma de rosca. Perguntei sobre a finalidade daqueles utensílios e Neném me respondeu que era para matar peixe grande:

“Às vezes a gente tá no barco e não tá cercando nada, aí eu pego minha linha e jogo na água. Pego cação, dourado e até tartaruga pra vender, pra comer”.

Ainda estava escuro, não devendo passar das cinco. Posicionei-me fora da casa para pegar sua saída do portão. Marcela, sua esposa, veio até o portão também para se despedir. Andamos até o cais e embarcamos juntamente com outros tripulantes. Notei que nem todos que estavam no cais carregavam uma sacola de utensílios de pesca como Neném o fizera. Para mim, aquilo era o indício de algo havia escutado de um colega na vila, de que Neném era um dos melhores pescadores do lugar, que “*gostava de pescar de verdade*”.

Após 8 horas de viagem chegamos até a praia de Jurujuba em Niterói onde uma sucessão de tarefas ainda iria se desenrolar até a partida do barco em busca da pesca. Enquanto Manoelzinho, proeiro do barco, reparava o rádio da embarcação junto com um técnico, Neném e outros de seus homens desenrolavam a rede na ponta da praia de baixo de um sol de 40 graus. Como mostra o filme Dias de Pescador, a rede fica na ponta da praia de Jurujuba. Os pescadores sobem no topo da rede que forma um monte e desenrolam a mesma, verificando os furos e os locais onde deve ser feito reparo. Na praia de Jurujuba várias redes ficam expostas na praia formando montes. Depois de um longo período ao sol, é comum aparecerem rasgos e furos nas malhas.

Todos ficam em cima de um morro de rede de pesca para ser içada até o barco com o auxílio de uma roldana mecânica, o rolete. Ao lado, centenas de pessoas se banhavam nas águas pouco claras do mar da praia de Jurujuba. Um grupo, notado pela proximidade com a cena do desenrolar da rede, fazia churrasco e ouvia um funk bastante alto, compondo a paisagem com aquele ritmo sob o sol à pino. Depois de uma hora nessa função fomos, eu com a câmera, até o barco para outra etapa, costurar a rede e montar as pás de gelo. Enquanto isso,

o porão do barco era suprido de gelo e Manoelzinho negociava com o dono do barco algo que parecia ser uma estratégia de ação no mar.

Quando tudo estava pronto descemos até o convés do barco a pedido do proeiro, mestre Manoelzinho, e fizemos mais ou menos um círculo para o que seria uma oração de proteção para a viagem. Ouvimos sua palavra:

Vimos pedir a Deus sua misericórdia. Um tempo já sem trabalhar, né? Vamos voltar a trabalhar com a ajuda de Deus. Perdemos um tripulante que foi o Gó. Tudo bem. Eu quero todo mundo à bordo com saúde. Teleco vai tentar trabalhar no lugar do Gó. Então nós sabemos que vamos sair pro mar para trabalhar, mas nós somos dependente inteiramente de Deus, não é verdade? Se tiver sonar bom, proeiro bom, rede boa, mas se Jesus não estiver na frente do barco, nada acontece. Todos nós dependemos inteiramente da ajuda do nosso Deus e estamos saindo nessa certeza que ele está conosco. Querido Deus queremos agradecer nessa tarde, senhor, nesse momento feliz de estar na sua presença. Reunidos no convés dessa embarcação estamos aqui 13, 14 homens senhor. Não plantamos nada, não sabemos onde está o peixe. Mas eu quero pedir pela tua misericórdia que nos ajude a encontrar o peixe. Mostra onde está o peixe para que possamos cercar, apanhar o peixe e pagar a nossa dívida e também contribuir com a tua obra, oh Pai. Nós te louvamos pela nossa saúde. Senhor, nos dê força, saúde e sabedoria para que possamos enfrentar as ondas do mar e nos guarda para a glória do Teu nome. Nos livre dos acidentes à noite, dos ventos e vendavais. Guarda essa embarcação. Coloque seus anjos na proa, senhor, na hora de jogar sua rede ao mar. Que nada nos aconteça, mas que nós estejamos guardados pelo teu sangue Senhor. Fica Tua benção conosco. Nos dê Tua graça e Tua misericórdia. Nós Te agradecemos para todo sempre. Amém.

Eu era o décimo quarto homem. Estava portanto incluído na tripulação. A partir daquele momento pude sentir que a viagem não seria um passeio de férias durante o carnaval, e realmente não foi. Muito trabalho e esforço físico me seria exigido pela inexperiência no mar, para vencer os enjôos e manter o foco da filmagem. Somente partimos do cais de Jurujuba às 19 horas do horário de verão; passamos pelas praias do Rio lotadas: Copacabana, a pedra do Arpoador, Leblon, as praia de onde muitas vezes eu vi passar traineiras em busca de sardinha.

A realização do filme Dias de Pescador será, neste capítulo, um campo privilegiado de reflexão para questões relativas ao uso da ferramenta do audiovisual na Antropologia. Através da minha experiência no campo, vou estabelecer um debate com o campo teórico da antropologia visual, utilizando de seus principais paradigmas para pensar sobre o meu fazer fílmico. A imagem na experiência de minha pesquisa antropológica não devem se limitar a

ilustração de um texto escrito, nem tampouco suprimir a escrita para o desenvolvimento de uma tese. O que eu quero propor é um diálogo entre o filme e a teoria que advém da reflexão a partir de sua elaboração. O filme é tomado assim como meio de pesquisa primário e não como auxílio visual de segunda ordem. Seguindo Paul Henley (HENLEY, 1999), minha intenção não é romper com a prática antropológica atual baseada no texto e na linguagem, mas identificar os pontos de articulação entre as duas, promovendo uma iluminação mútua de saberes.

Minha pesquisa se fez com uso do audiovisual. Todas as entrevistas que fiz foram gravadas em formato HDV pela câmera do Núcleo de Antropologia e Imagem da UERJ. Vou expor minhas inquietações durante a viagem a campo e na ilha de edição, onde assisti às imagens feitas e as coloquei numa sequência inteligível, que pudesse transmitir o que e como fazem os pescadores de sardinha da Ilha Grande quando deixam seus lares e saem para a pesca.

Como “marinheiro de primeira viagem”, embarquei no Estrela do Horizonte e me fiz tradutor com o auxílio da câmera de um universo inteiramente novo para mim. Ao mesmo tempo, como minha primeira experiência de campo, estabelecia critérios, reagia aos acontecimentos e tentava organizar minimamente as tomadas de câmera que fazia.

Antes do embarque, porém, acho importante falar um pouco sobre minha receptividade na vila de Proveta. Como já foi descrito, a vila de Provetá é uma vila predominantemente evangélica e minha chegada na Vila foi, primeiramente, mediada pela presença da UERJ, representada pelos alunos que ali fizeram seu campo de estudo, orientados principalmente pela professora Patrícia Birman. No começo, minhas idas à Vila eram orientadas para atender às demandas dos alunos que faziam pesquisa nesse campo. Assim, por exemplo, fui, como editor e técnico do NAI-Núcleo de Antropologia e Imagem da UERJ, para montar um telão na praça onde iria passar um slide com fotos tiradas pelos alunos da UERJ, editadas por mim. Depois dessa primeira incursão, acompanhei a aluna de mestrado Mariana Mendonça algumas vezes, já no contexto da elaboração do filme que seria parte do Projeto Turismo na Ilha Grande: manifestações e imagens, patrocinado pela FAPERJ.

Foi somente após minha viagem com os pescadores locais e minha experiência no Monte Sagrado que ganhei um status social definitivo entre os moradores da vila. Após exibir e distribuir o filme Dias de Pescador entre alguns moradores, fui convidado a participar de alguns eventos para filmá-los. Na festa das crianças, no mês de outubro, fui “contratado” pela organizadora da festa Ninica para registrá-la. Filmei também, o casamento do filho do pastor

Manoelzinho, Magno e o videoclipe do cantor Teteti. A partir daí, eu sentia que podia ter minha entrada facilmente aceita na vila. Eu registrava e cedia as imagens e em contrapartida fazia o filme e minha pesquisa. Minha relação se tornou um via de mão dupla estabelecida por essa troca. Mauss, no Ensaio sobre a Dádiva (2008), analisa as relações de troca além dos aspectos econômicos e funcionais. Segundo ele, as complicações e implicações impostas pela dádiva, criam vínculos e estabelecem relações sociais. Para além desses aspectos, a dádiva produz também identidade, segundo as bases da troca. Sendo assim, meus filmes, além de estabelecerem meu lugar entre os moradores, me instituía um modo de apresentação muito favorável.

Ouvi de muitos moradores de Provetá tanto a respeito do filme Dias de Pescador, quanto ao clip do cantor Teteti, que “*as imagens eram lindas*”, que eles realmente tinham gostado. Marcela, filha do pastor Manoelzinho disse que assistiu ao clip junto com a irmã Manoela e que as duas choraram. Percebia que eles partilhavam comigo de um sentimento estético ao se tornarem também expectadores. Esse sentimento nos colocava enquanto receptores num mesmo lugar de observação.

Esse tipo de experiência encontra eco na obra Jean Rouch, quando em 1951 filma “La Bataille sur Le grand fleuve”, em que acompanha a caça ao hipopótamo por uma tribo africana. Na volta à tribo, Rouch exhibe o filme e permite aos observados acompanhar seu empreendimento. A partir desse diálogo, Rouch propõe a “antropologia partilhada”(ROUCH,1993). O filme permitiu ao etnógrafo partilhar a antropologia com os próprios “objetos” de sua pesquisa. O cinema através de Rouch inaugura um novo viés teórico para a antropologia que iria ter seu reconhecimento a partir dos anos 70 com Geertz. David MacDougall, por exemplo, já afirmava, em 1969, que o filme etnográfico não é meramente um documento de uma outra sociedade; é sempre um documento do encontro entre o cineasta e aquela sociedade. De fato, não é somente o filme ou o texto escrito, mas sim a própria prática de pesquisa que equivale a um encontro entre o etnógrafo e a sociedade que se estuda. Mas, como nota Jean Rouch, é ainda o filme etnográfico que representa a rota mais fácil para estabelecer um diálogo entre o antropólogo e os seus sujeitos, isto é, uma antropologia partilhada.

Indo além, a relação com nosso “objeto” não se reduz ao compartilhamento do filme já pronto e sua discussão. A negociação que envolve os atores nesse campo, o da antropologia, mais especificamente, o da antropologia visual, vai um pouco mais longe e começa muito antes de acionarmos o rec da câmera. É necessário se ter uma noção do que filmar e do

contexto social no qual o filme está inserido. Precisamos saber os códigos locais para não infringirmos nenhuma regra de conduta e agirmos dentro dos limites éticos. Além disso, somos agentes participativos também daquele momento de convívio social. Estamos sim atrás de uma lente, mas o que se dá diante dela é decorrente dessa relação estabelecida na pesquisa durante nossa estada no campo.

Antes da saída do barco Estrela do Horizonte, a meu pedido, o pescador Neném me contou todos os pormenores da saída da ilha até a saída para o mar. Assim mesmo, a cada plano feito, eu me punha a pensar e planejar o próximo. Na saída de casa, por exemplo, posicionei-me do lado de fora em um eixo em que eu pudesse com um movimento de câmera (panorâmica) acompanhar a despedida de Neném de sua mulher, e na sequência, ele passando pela frente da câmera, se perdendo mais adiante depois da esquina da viela onde sua casa se localiza. Depois que ele some de quadro, eu corro com a câmera com minha bagagem pendurada até sua frente para fazer outra tomada, para no momento seguinte correr novamente e filmar um plano fechado de sua sacola de pescador balançando junto a seu corpo. O planejamento se dá a todo instante e recorta o itinerário passado a mim por meu personagem em dezenas de planos. Assim, por exemplo, da casa de Neném até o cais de Provetá – distância que deve medir uns 200 metros – eu contei 19 planos diferentes, que seriam escolhidos e conectados na ilha de edição. Neném não me perguntou se eu queria que ele andasse mais devagar ou repetisse a ação, nem passou pela minha cabeça fazê-lo. Dessa forma se estabeleceu nesse trecho do filme, o que seria minha atuação durante as filmagens. Eu estava ali, mas não iria interferir diretamente no que seria filmado, ou seja, não dirigiria “meus atores”.

O cinegrafista precisa perceber e narrar aquilo que grava, quase que ao mesmo tempo. Mais do que observador de uma ação que se passa, a pessoa que segura uma câmera na frente de outra, e é claro, toda a equipe que acompanha essa pessoa, está necessariamente participando daquilo que narra, está configurando uma experiência em uma linguagem. Essa câmera se adapta à situação onde está inserida e ao mesmo tempo, como o próprio Rouch diria, a câmera provoca. (DEVOS, 2009)

Essa postura adotada em campo me remontou ao embate que se deu na história do cinema entre cinema-verdade e cinema-direto. A crença em uma objetividade, transbordou das fronteiras do cinema documentário e fez o que se convencionou chamar de cinema-verdade. Na transição do cinema-verdade para o cinema-direto, proposto por Mario Ruspoli

(DA-RIN, 2004) e largamente desenvolvido, a presença do autor pretendia ser suprimida assim como sua mediação na abordagem. Metaforicamente, a câmera pretendia ser como uma mosca na parede para registrar a realidade assim como ela se apresentava, sem interferências. Enquanto o documentarista do cinema direto levava sua câmera para uma situação de tensão e torcia para explodir uma crise à sua frente, o autor do cinema-verdade, como Rouch procurava provocar a crise.

Em 1975, Colin Young formula os princípios subjacentes ao cinema de observação, cuja abordagem deve ser baseada num relacionamento íntimo, empático entre diretor e sujeito – “não no olho de um observador distante e destacado, mas de alguém que observa o máximo que pode do lado de dentro” (HENLEY, 2004). Ele formula várias regras que formarão os novos paradigmas da disciplina, entre elas, o não uso da narrativa em off – seria efeito de uma experiência distante que sujeitaria o observado a uma autoridade, minando sua representatividade autoral; a não interferência do diretor nos planos filmados; a tendência em rejeitar as entrevistas formais, entre outras.

Em alguns momentos de minha experiência em campo, e vendo o filme na ilha de edição, é possível sentir a relação entre observador e os observados de maneira mais evidente. No último plano do filme, por exemplo, quando o pescador Neném levanta o peixe dourado capturado e procura como olhar o “olhar da câmera” como que para pousar para uma foto (Fig.2), é impossível pensar na existência dessa cena sem a presença de uma câmera, sem a presença de minha câmera. Ela provocou essa cena de algum modo.

As pessoas, talvez porque haja uma câmera ali, criam algo diferente; e o fazem espontaneamente. Ao criá-lo, não só criam o filme como criam uma dimensão de si mesmos que não poderia existir sem o filme. Dimensão a um só tempo real e imaginária. (DA-RIN, 2004)

Ao mesmo tempo, mas no sentido inverso, em alguns momentos minha câmera se faz silenciosa, quase invisível. Quando chego devagar com a câmera e o pastor Manoelzinho lê a bíblia na cabine da embarcação, foi possível notar que ele não mudou seu modo de agir na presença da câmera. O que me deu impressão de ser uma cena digna de um cinema-direto. Entretanto, sei que minha presença ali não era invisível e o que se dava na frente das lentes era fruto de uma relação que estava em processo.

Figura 1 – Pescador Neném com o dourado. Frame do filme “Dias de Pescador”.



Fonte: BARROS, João Gustavo Monteiro de , 2011.

Um das regras de Colin Young para o cinema de observação diz respeito a não intervenção do cineasta-etnógrafo mesmo quando algum acontecimento foge de seu controle. Por exemplo, ele diz que se um evento se deu e a câmera não registrou, não se deve pedir para repetirem a ação. Mas se alguém espontaneamente na frente da câmera começa a falar ou fazer alguma coisa sem conhecimento prévio do pesquisador cineasta, não há problema. Aconteceu na festa das crianças em outubro de 2011 um episódio que marcou minha presença na vila e surpreendeu a comunidade evangélica. Durante o ano acontecem diversas festas em Provetá: a festa dos Gideões (festa dos homens), a festa dos jovens, a festa das mulheres e a festa das crianças (Jóias de Cristo). Na véspera da festa dos Gideões, os adultos sempre vão ao Monte Sagrado para pedir a graça do Divino Espírito Santo, para que ele ilumine os dias de festa e todos saiam fortalecidos e vitoriosos no ano que começa. Na festa das crianças, elas inventaram subir ao monte sozinhas para abrir também com “chave de ouro” a sua festa. Fiquei sabendo depois e não pude registrar o evento. Falando com as crianças na praça à noite, elas comentaram que se eu quisesse, iriam de novo só para eu filmar. Eu fiquei um pouco desconfiado da eficácia da encenação para o filme, mas enfim, aceitei a proposta. No dia seguinte subi ao monte com as crianças e pude observar e registrar com minha câmera o ritual. No Monte existe uma construção em madeira com púlpito e bancos sobre um telhado de amianto como uma pequena capela ao ar livre. As crianças em sua performance imitavam o modo como os adultos se comportam nos cultos. Havia algumas lideranças entre elas que conduziam a palavra e se revezavam entre os momentos de oração, pregação da palavra e

louvores. No ano seguinte eles fizeram o mesmo ritual ao subir ao Monte Sagrado antes da celebração da festa dos Jóias de Cristo. Ao que tudo indica, a prática deverá se manter dali pra frente e fazer parte efetivamente do ritual. Essa dimensão do real que foi criada para o filme pelos atores induz a uma noção de reflexividade associada aos papéis por eles desempenhados. A performance da atuação para câmera distancia os atores de modo a participarem de dentro com uma consciência do que está sendo transmitido para a câmera e que vai posteriormente ser oferecido ao espectador. No final dos anos 80, a questão da autoridade etnográfica (CLIFFORD, 2011) questionando a relação sujeito-objeto na pesquisa e enfatizando o caráter construído do texto leva o filme etnográfico a uma nova reflexão. O texto etnográfico construído como narrativas ficcionais permite a incorporação de novas linguagens na pesquisa.⁶ Geertz (1997) ao estudar a sociedade balinesa e do uso do conceito “lek” usado por essa sociedade, menciona a reflexividade presente nos papéis desempenhados. A subjetividade, segundo ele, está associada às formas culturais, e, ao mesmo tempo, é um modo de se estar dentro delas. O “lek”, ou o medo de falhar, é uma forma reflexiva de estar dentro do contexto social. Da mesma forma os atores inseridos no contexto do filme, estavam consciente sobre seus papéis e desempenhavam para a câmera seus papéis de forma consciente.

Marc Piault discutindo o papel do cinema etnográfico fala sobre uma materialidade que se constrói na troca intencional entre observador e observado. O que se oferece como produto de uma situação será também produto de um terceiro olhar, o do espectador-consumidor-questionador.

A passagem à imagem supõe um acesso a esta imagem como composição, senão como resultante de uma negociação, de uma transação entre os agentes e sua fabricação.(PIAULT, 1995)

Desta forma, a antropologia visual reinscreve o objeto na produção do discurso. E o que interessa aqui não é mais a busca da verdade, ou a apreensão da realidade. Na radicalização do cinema-vérité, Rouch propõe que o que importa não é o cinema-verdade, mas a verdade do cinema. Ou seja, aquela que é fruto de uma interação entre sujeito e objeto, entre observador e observado.

⁶ “A imagem passa a ter interesse significativo”.(MONTE-MÓR, 2004)

Quando comecei a olhar na ilha de edição as imagens que havia feito em Provetá e na viagem de barco para pensar em como fazer o filme, dei conta de que havia acertado em muitos planos e também deixado passar momentos importantes. Em algumas sequências de ação eu desliguei a câmera, ou desviei o foco para outro lugar enquanto algo importante acontecia. Em muitos momentos, por exemplo, na primeira *pescaria*, eu estava dormindo, após ter ingerido dois dramins para enjoar. Outro momento, quando Neném foi vender o peixe dourado para um restaurante de Jurujuba, me arrependi de não ter levado a câmera. A negociação com o dono do restaurante foi muito interessante do ponto de vista antropológico e seria também para o filme. Nesse mesmo tempo, pude perceber que podia fazer um filme da minha experiência. Um filme sem entrevista formal ou fala que explicasse direto para a câmera o que acontecia diante da lente da câmera.

A câmera nessa viagem no Estrela do Horizonte, e isso eu notei na ilha de edição, me colocava numa situação de observador muito interessante. Junto à câmera eu me distanciava das interações entre os homens e a natureza, o mar, etc., no que dizia respeito a uma ação direta, de interferência. Eu, escolhendo o ângulo e minha posição, aliás tarefa nem sempre fácil devido ao balanço do mar, dos enjoos e da quantidade de pessoas se movendo no convés, participava daquele ritual observando e oferecendo um campo de contato onde eles seriam vistos por eles próprios, por mim, e por terceiros num momento posterior. Na ausência de um roteiro formal de edição, eu procurei dentro dos planos por uma estrutura sequencial coerente para contar a história. A busca, é claro, que não foi às escuras, pois já havia presenciado certos problemas no campo da pesquisa. Ocorreram vários insights na ilha de edição. De acordo com Paul Henley:

De forma análoga ao conhecimento que pode surgir na revisão e reclassificação de anotações de campo, esse novo conhecimento pode consistir de insights mais abstratos que se originam no ato de ver as imagens (HENLEY, 2004)

Assim, pude perceber a força das imagens que fariam parte do filme que seria basicamente uma crônica filmada da vida cotidiana daqueles homens no mar. E o cinema (ou o vídeo) se fez para mim um instrumento único de captação e transmissão de informações que não pode ser descrito no plano lingüístico. Como passar a sensação da maré e das ondulações

com palavras de forma tão eficaz quanto no filme. Algumas pessoas que assistiram ao filme relataram que se sentiram “mareadas” após a sessão. Isso como exemplo radical.

O uso da imagem acrescenta novas dimensões à interpretação das sociedades abordadas, permitindo aprofundar a compreensão do universo simbólico que, por sua vez, se exprime em sistemas de atitudes pelos quais se definem grupos sociais, se constroem identidades e se apreendem mentalidades. As imagens proporcionam modos de cognição e compreensão de universos simbólicos de uma forma própria. Através dela os homens constituem uma percepção de si mesmos e do mundo com uma qualidade diferencial.

2 A FESTA DOS GIDEÕES

As festas de Provetá acontecem no “claro”, ou seja, como eles chamam os períodos de lua cheia, quando há parada da pesca e os pescadores voltam para a ilha depois de duas, três ou quatro semanas no mar ou, ainda, no período do defeso.

Nessa parte do trabalho, pretendo também analisar a presença da religião no modo de socialização dos pescadores do lugar. Através de um estudo sobre a festa da igreja dos homens, a festa dos Gideões, procuro estabelecer uma compreensão de como a vila de Provetá ritualiza a abertura da temporada da pesca após o período do defeso. O que significa o ritual da festa para seus principais componentes e para a comunidade como um todo? De que modo a identidade de ser pescador está presente na festa?

Como integrantes de uma comunidade pesqueira que provém seu sustento através da obtenção de recursos naturais, os habitantes de Provetá tecem suas relações sociais tendo como forte referência os modos específicos de como se relacionam com o meio ambiente. Evans Pritchard (1978) faz uma análise sobre a percepção do tempo entre os Nuer que pode servir como inspiração para pensar aqui o modo de vida dos pescadores de Provetá. Ele fala das dimensões ecológicas e estruturais de que se compõe a experiência humana da exploração da natureza. São duas dimensões: a ecológica e a estrutural. O “tempo ecológico” estaria expresso na prática social e se comporia em atividades coordenadas ou cooperativas determinadas por fatores naturais. O “tempo estrutural” seria constituído da dinâmica das relações sociais relativas a essa noção. Transpondo a análise da realidade dos Nuer estudada pelo autor para o dia-a-dia dos pescadores de Provetá, podemos perceber que lá também a estruturação das relações sociais, como o calendário das festas, por exemplo, está relacionado ao modo específico de relação construído a partir do tempo da atividade da pesca relacionado diretamente ao meio ambiente.

Acontece também muitas vezes, pela ordem inversa, a paralisação da pesca para a realização de alguma festa da igreja. Assim, a temporalidade obedece a essa dimensão social ditada pela vontade do corpo da igreja local.

Assim como a temporalidade social é regulada pelo trabalho na pesca, as atividades da Assembléia de Deus também constituem elemento importante na estruturação do tempo local. (MENDONÇA, 2011, p.64)

Os recursos conseguidos para produzir a festa também dependem do que foi conseguido com a pesca. Pescadores fazem doações para igreja, mesmo aqueles que não são convertidos. O mar é o meio ambiente, ou a parte da natureza que oferece recursos à manutenção econômica da igreja e da comunidade como tal. A forma como os homens de Provetá se relacionam com o meio “natural” que lhe dá sustento implica em outros processos e relações sociais. Assim, se o ganho com a pesca for grande, a festa será melhor, mais abastada. E se não for, todos pedirão durante o festejo para que Deus garanta os proventos futuros. Mais adiante nesse trabalho, estabeleço a noção de solidariedade que perpassa à comunidade pesqueira de Provetá – como as relações de solidariedade no campo espacial marítimo interferem também nas relações em terra. Por exemplo, a festa dos Gideões se constrói a partir de relações de lealdade e reciprocidade de modo análogo a atividade da pesca. São homens que em regime de mutirão dão seu suor para obter sucesso em cada uma das diferentes empreitadas. Assim como vemos todos no convés do barco sem um esquema hierárquico claro, ou passível de ser notado – alguns diriam inexistente – o pastor Manoelzinho, liderança local, pinta a fachada do hotel da igreja com um ajudante diácono, ocupante de um cargo hierarquicamente inferior.

A regularidade das festas obedece ao ciclo anual. No verão de todo ano, no mês que antecede o fim do defeso, a festa dos Gideões é realizada pela igreja local. Geralmente, a festa acontece nos dias de carnaval. Uma festa, como veremos, para iniciar um novo ano da pesca com a benção divina.

No verão de 2011, acompanhei os preparativos da festa dos Gideões em Provetá. Escolhi acompanhar o pastor Manoelzinho na véspera da festa, já que ele é o dirigente responsável por sua organização.

O tempo para a construção da festa, sobretudo aquele dispensado pelo pastor Manoelzinho que tem a responsabilidade de ser regente do coro masculino e seu representante perante à igreja, foi respeitado pelas filmagens de campo. Escolhi, nesse trabalho, percorrer junto com pastor suas tarefas de véspera, desta maneira meu período de inserção para a captação do material de pesquisa me foi imposto por esse tempo. Paralelamente, me coloquei filmando de perto e procurando simultaneamente compreender os sentidos das ações desempenhadas por ele, e por alguns de sua equipe, na produção da festa. Então, como exemplo, o pastor, enquanto pintava a fachada do hotel da igreja, me explicava algumas questões pertinentes para compor o cenário da festa e desse trabalho. Optei por percorrer cronologicamente os acontecimentos para obedecer o desenvolvimento dramático dos

acontecimentos em sequência de forma processual, uma etapa evoluindo da anterior como num ritual. Desta forma, divido o presente capítulo de acordo com os dias que se seguiram da preparação até o último dia em que ocorre o rito do batismo nas águas do mar. Sendo assim, dois temas caros à obra de Victor Turner estarão pontuando essa parte do trabalho: performance e drama social.

A utilização da ferramenta do audiovisual permite a observação de como os personagens traduzem sua própria experiência vivida. Como o que eles dizem através da palavra dialoga com gestos, posturas, expressões corporais, sons e silêncios, é possível dizer que a antropologia visual é em grande parte uma antropologia performativa (...). A fotografia proporciona a simulação da visão, todavia, quando as dimensões do som e do movimento são acrescentadas a ela, um espectro muito mais vasto de vida social se torna acessível à representação e à análise. (MC Dougall, 2005)

No contexto da festa e de sua preparação vamos observar e analisar a performance de alguns atores sociais para a câmera e para o meio ambiente. O estudo da festa através do filme e, também, de alguns personagens que narram e performatizam suas participações na mesma é o estudo não somente desses elementos que compõem o quadro da festa, mas o estudo deles tal como aparecem no filme, nas imagens captadas. Dessa forma é interessante pensar na dinâmica processual da performance, que ora se dirige para a câmera e se aproxima de uma atuação direta e ora somente é captada em relação a outros elementos e objetos do meio social. A relação que se estabelece entre pesquisador e personagem, com a participação da câmera vai além do que está visível no filme. As negociações que se dão entre o pesquisador cineasta transbordam suas fronteiras. E se o ritual já se apresenta como objeto a ser filmado e analisado, o filme editado que retorna em uma sequência lógica encadeada é compartilhado com os atores sociais. Se no processo das filmagens, os atores performatizam para câmera seu modo de ser em seu meio social de forma reflexiva, a imagem de si trazida pelo filme pronto coloca sua representação ao nível da análise e da fruição estética. É a partir da leitura fílmica que o filme produzido pelo antropólogo encontra com o “objeto” da pesquisa, num movimento de duplo reflexo. Enquanto “atua” para a câmera o personagem está consciente de sua construção e performatiza de acordo com o que ele entende que é o mais interessante para mostrar. Essas práticas voluntárias e refletidas compõe o jogo de cena e mais tarde após a trama do enredo montada na ilha de edição vão compor a realidade do filme. Na volta, quando o filme é exibido, os atores possuem a distância crítica necessária para poderem

apreender a performance da própria atuação e ao mesmo tempo partilhar o produto fílmico da pesquisa antropológica.

A antropologia compartilhada de Rouch não é, portanto, simplesmente uma relação “equivalente” entre sujeito e objeto, mas um dialogismo em que as sensibilidades dos participantes são postas em jogo no intuito de conhecer o mundo e construí-lo como “campo comum de conhecimento” (PIAULT, 2000: 212-213).

Podemos pensar até que ponto a *exigência documentária* antecede tanto ao cinema do real quanto ao do ficcional, devido ao fato de que nele há uma “implosão” da consciência cinematográfica sobre si própria que lhe impõe a procura de formas e conceituações acerca de seus processos narrativos e expressivos de apreensão do real, onde se misturam descrições, preocupações sociais, políticas, estéticas. Nas palavras de Comolli (2002), a maneira em que a “cinematografia fornece a prova de que, em cada um, há um saber inconsciente do olhar do outro, e de que esse saber é manifestado numa tomada de posição; e também porque suscita e solicita essa posição, porque a registra, porque inscreve sua marca. Porque o sujeito filmado, infalivelmente, identifica o olho preto e redondo da câmera como um olhar materializado. A partir de um saber inconsciente, porém seguro, o sujeito sabe que ser filmado significa se expor perante o outro” (COMOLLI, 2002: 135).

Ao mesmo tempo, o antropólogo cineasta inserido no campo também se circunscreve em um campo visual que está por trás do olho da câmera. Esse lugar diferenciado do lugar do etnógrafo comum que vai à campo com seu caderno de anotações apenas, também é palco de negociações dialógicas que vão estabelecer a posição social do pesquisador. E não somente isso. As transformações ao longo das tomadas que irão compor o filme tem comprometimento com esse nível de contato estabelecido e que se transforma ao longo da pesquisa. As premissas fundadoras do documentário que vêm a ser: a) ausência de atores profissionais em papéis de representação; b) utilização de cenários naturais; e c) inexistência de roteiro (ASH, 1996; GAUTHIER, 1995) colocam o pesquisador na busca por narrativas que possam dar sentido lógico ao filme. Por isso podemos falar do exercício de fabulação através da performance dos personagens. Sem roteiro, são eles que vão dar vida e construir o texto do filme de acordo com o diálogo com a câmera e o cineasta-pesquisador. Isso deságua naquilo que Jean Rouch chamou de “política compartilhada da imagem”. Esta perspectiva inscreverá a presença de um “motivo subversivo” para a antropologia como reflexão prática, pela imagem das condições epistemológicas da produção do conhecimento como um processo compartilhado da construção do olhar.

A personagem deixou de ser real ou fictícia porque deixou de ser vista objetivamente (ou ela de ver objetivamente): é uma personagem que atravessa passagens e fronteiras porque se dedica a inventar como personagem real, tornando-se tanto mais real quanto mais inventou (DELEUZE, 2005).

O caminho que percorre o etnógrafo-cineasta no campo é pontuado pelas relações que ele estabelece. O “antropological blues” no qual Roberto da Matta sentimentaliza a sensação de estar fora de casa em terras distantes que acomete os antropólogos em campo é uma boa metáfora para entender o lugar desconfortável que muitas vezes ocupamos. Ou como James Clifford pontuou nós também estamos sendo observados e enquadrados pelos “nativos” a todo instante. Sua *mise en scène* também está sendo colocada à prova a cada encontro. Daí se verifica que somos no campo dimensionados por nossos interlocutores e muitas vezes colocados em rituais de iniciação (Clifford, 2011) que nos levarão a uma nova condição no campo.

Procuo entender a festa dos Gideões como um momento ritual, de acordo com Turner (TURNER, 1996), no qual estão em jogo os conflitos reais da ordem social local e a força integradora que mantém a unidade da comunidade. A pesca e a aventura dos homens para fora da vila em busca de peixe faz da pesca um elemento ambíguo na composição do meio social em questão. Ao mesmo tempo em que a pesca é celebrada com orgulho pela comunidade pesqueira, ela possui um potencial disjuntivo, já que é através dela que os homens deixam de ser da igreja para experimentar o “mundo”. A dinâmica social é marcada por essa ambigüidade e o “tipo ideal” (WEBER) sob a perspectiva do homem-pescador-crente tem sido constantemente abalada.

Na festa dos Gideões a pesca é referida a todo momento nos cultos. Até mesmo os pastores de fora que são convidados a pregar no festejo, incorporam no discurso o modo de vida pesqueiro da vila. O pastor convidado para pregar no culto no primeiro dia de festa veio com um conjunto de Volta Redonda. A todo instante ele exaltava a beleza da festa e da igreja, dizendo que nunca havia visto uma igreja “*tão bem arrumada, com uma gente tão bonita*”.

Manoelzinho conta que os convidados chegam à vila e ficam fascinados com a beleza do lugar, e têm desejo de ir à praia, passear, andar de barco e pescar. Geralmente, Manoelzinho recebe em sua casa alguns convidados que acabam conseguindo um passeio de barco ou de lancha para pescar nos arredores da ilha, na Lagoa Verde, ou na Praia do Esmero, lugares que também fazem parte do roteiro do turismo convencional que parte de outros

lugares da ilha ou de Angra.⁷ Desse modo, a viagem até Provetá para a participação nas festas acaba por se tornar também uma viagem com teor turístico para esses crentes. Assim pela manhã, os turistas crentes usufruem a natureza e à noite vão ao culto na igreja.

A troca de experiências narradas em forma de pregação nas festas da igreja servem para ampliar a percepção da capacidade de eficácia da doutrina pentecostal. O poder conferido aos homens ganha uma amplitude que ultrapassa os limites da vida na ilha. A chegada das informações da cidade, do mundo secular violento, diabólico e perigoso que se dá através dos meios de comunicação de massa (BAKKER, 2008), ganha uma nova dimensão, a da palavra.

Através da pregação, dentro do templo da igreja, há uma troca de experiências no que diz respeito às experiências passadas pelos participantes que *dão seu testemunho*. Histórias de salvamento de naufrágio, da cura de doenças ou de experiências de vida na fase do afastamento ou desvio da igreja são dramatizadas em narrações fortes, cheias de paixão e ênfase. O pastor convidado de Volta Redonda contou como se deu sua volta para a igreja. Ele disse que havia trabalhado para o tráfico de drogas e que já havia largado há mais de um ano. Numa noite, voltava pra casa que ficava em uma comunidade e que começou a ouvir uns tiros. Os tiros, segundo ele, estavam cada vez mais altos e, portanto, mais próximos dele. Em certo momento ele se virou para trás e viu dois policiais correndo e atirando em sua direção. Ele então começou a correr. *“Corri até uma ruazinha que parecia ser sem saída. Pensei: agora vou morrer. Pedi a Deus para não deixar aquilo acontecer comigo. De repente se abriu uma porta, era uma senhora me falando para entrar no quintal dela, eu entrei. Ela me acolheu e eu entendi que Deus havia colocado ela no meu caminho”*. A partir daquele momento ele aceitou Jesus e traçou o caminho para se tornar pastor evangélico.

As festas se constituem como um momento importante para a atualização da religiosidade e sacralidade das relações familiares e sociais do lugar. Elas possuem a função de reforçar a presença da igreja dentro do território provetaense. São parte de um todo que constrói as representações do mundo e transmitem para além das paredes da igreja, para a comunidade, o conhecimento religioso. O desvio como elemento disjuntivo que carrega a potência da contradição e da divergência da ordem social local e os desviados, filhos do lugar que se perderam do caminho, são o objetivo preferencial das pregações culturais. O rito da festa traz à tona essa contradição que ameaça a ordem moral e social da vila ao mesmo tempo que a compõe (cf. BAKKER, BIRMAN, MENDONÇA). A conscientização da vida social

⁷ Ver o trabalho de Mendonça, Mariana. Op.Cit.

legítima para ela mesma aquilo que ela é e o que ela não deve ser. No final da festa acontece o ritual do batismo. Nas águas do mar, na praia, centenas de moradores acompanham o ritual. A aceitação do Espírito Santo eleva a pessoa a um novo status dentro da comunidade. O ritual fecha a Festa dos Gideões, demarcando o objetivo final da festa que é converter os *filhos do lugar* ao evangelho. Se nos cultos durante a festa, o desvio e os perigos do “mundo lá fora” são caracterizados como espaços a serem combatidos pela força do Espírito Santo e aqueles que estão desviados ou afastados se encontram num espaço de liminaridade, no final da festa, no batismo, é dado a solução que irá incorporar os indivíduos de volta ao caminho certo, o do evangelho.

No caso da festa dos Gideões, a fé e a força dos homens são celebradas na comunidade. Pelas palavras do pastor Manoelzinho, podemos perceber o orgulho de pertencer ao grupo de homens pescadores da vila de Provetá. Através da festa o modo de ser do “povo provetaense” é relacionado ao modo de ser pescador e crente e assim glorificado.

Parece que você trocou a roupa. Quando chega a festa você tá cansado, fraco, aí na festa você tem energia pra começar o ano. Quando você pensa em fracassar você lembra da festa. Poxa, Deus falou comigo na festa, que alegria, isso fortalece você. O Espírito Santo te enche, você fica forte de novo e continua a batalha. É uma guerra boa. Guerra espiritual, mas é boa.

O conjunto dos Gideões é referido como responsável por levar a palavra de Deus, pregar o evangelho. A habilidade do “ser pescador” possibilita aos homens uma mobilidade que por fim servirá para que ele seja capaz de levar “a palavra” a outros lugares. Além disso, no período do desvio o homem conhece a “vida lá fora” e se torna um portador da experiência de ter conhecido “outros mundos”, o que irá compor melhor seu testemunho. Ter presenciado outras realidades o capacita para ser um doutrinador e pastor de almas de forma diferenciada.

Os Gideões formam o grupo detentor da posição maior na hierarquia da igreja local. Os homens possuem a maior parte dos *testemunhos*, cujo conteúdo é relativo vivência das práticas mundanas, exercida fora da comunidade. Esse *testemunho* possui a força retórica responsável pela posição superior do gênero masculino dentro da hierarquia da membrisia local. A atividade da pesca fornece aos homens também a possibilidade de levar o evangelho a lugares distantes. De acordo com o pastor Manoelzinho, os pescadores possuem “*mais força e andam por lugares mais difíceis*”.

A construção da masculinidade do modelo ideal do homem provetaense é processada ao longo da vida. A pesca e o desvio que o capacitam para se tornar um conhecedor

testemunhal do mundo e o casamento que o traz de volta à igreja são fases comuns a essa trajetória. Vamos tentar observar, acompanhando o pastor Manoelzinho, como se dá em seu discurso essa construção. O que a performance do pastor contribui para a verificação da construção do tipo ideal masculino provetaense.

Podemos dizer que o ritual da festa dos Gideões fortifica o ethos dos homens provetaenses. A festa exalta a força masculina ligada organicamente a atividade da pesca em duas instâncias: interna, em comparação a outras festas, a das mulheres principalmente, e, externamente, um: para os convidados de fora que levam consigo a experiência participativa na festa; e outro: para a sociedade externa como um todo.

Como salienta André Bakker, a pesca tendo sido o principal meio de sustento econômico de toda a Ilha Grande antes do florescimento do turismo, constitui ainda uma dimensão forte da “identidade caiçara”, de uma certa imagem de “ser nativo” dos ilhéus. Neste sentido, os moradores de Provetá se sentem privilegiados e marcam sua identidade também com esse ponto de diferença. Os filhos do lugar têm orgulho de pertencer à comunidade pesqueira e crente.

...é a partir das referências aos universos simbólicos da pesca e da religião evangélica que os provetaenses costumam descrever sua comunidade e tecer os fios de sua autenticidade. (BAKKER, 2008)

Essa “identidade” em Provetá está amparada pela presença da igreja pentecostal. A chegada do turismo que se localizou em outras praias da Ilha Grande após a desativação do presídio na década de 90, não se consumou em Provetá. Tudo o que é considerado como prática “diabólica” merece ser afastado. O baixo e o alto turismo são então mal vistos pelos locais. O baixo, por trazer a ameaça da presença de jovens que possam promover a instabilidade moral na comunidade e o alto, por ameaçar através da vinda e da ocupação do território por pessoas de fora a hierarquia social, econômica e política dos “donos do lugar”.

A Igreja possui poder decisório nas questões políticas relativas à comunidade dentro do espectro político mais amplo. Qualquer questão política relativa ao lugar deve ser mediada pelos representantes da Igreja.

Vicente Pereira aponta para o fato de que a pesca é um traço mais marcante na composição do modo de ser provetaense do que a religião. Ele diz:

A identidade da comunidade pesqueira serve muito melhor para caracterizar, de uma maneira geral, o modo de vida provetaense do que a comunidade de crentes, pelo simples fato de que a pesca é uma atividade bem mais comum do que a plena dedicação às práticas religiosas.... Quero apenas chamar a atenção para o fato de que o interesse na atividade pesqueira (em suas diversas formas: artesanais, industrial, pesca de molinete, de linha de fundo, pesca de cerco, etc.) é compartilhado por um número maior de pessoas, do que aquelas que constituem o corpo de membros da igreja. (PEREIRA, 2007, p. 47)

É interessante recordar minhas idas à Ilha Grande antes das viagens que fiz como editor do NAI e como pesquisador. Visitei algumas praias da Ilha em diferentes ocasiões para passar curtas temporadas, como no carnaval ou no fim de ano. Lembro de uma dessas viagens que fiz à Praia do Aventureiro, vizinha de Provetá, quando na volta um barco que trazia um casal de amigos a Angra dos Reis sofreu uma “avaria” e todos tiveram que descer em Provetá. Dias depois encontrei com meus amigos que tiveram que pernoitar na vila, “*aquela praia dos crentes que tomam banho de roupa*”. O modo de classificação e identificação da vila de Provetá para o senso comum está de certo modo muito amparado também pela perspectiva religiosa. É comum encontrarmos em guias turísticos menção a esse status religioso do lugar, alguns até com um caráter de aviso e precaução.

A pesca, a religião e a comunidade são espaços interativos, transversais, que compõem um dos modos de ser próprio do morador de Provetá. Assim, podemos sentir a presença da igreja no barco do pastor Manoelzinho e a presença da pesca nos cultos religiosos. De modo análogo, a presença da igreja para além do templo engloba a todos, mesmo os não-crentes, que absorvem os modos de sociabilidade em jogo na vila.

2.1 O Monte Sagrado – A preparação espiritual da festa e nossa apresentação na comunidade

“Realizar um filme é mergulhar na realidade e ao mesmo tempo estar presente e invisível.” (Jean Rouch)

O antropólogo não terá mais o monopólio da observação, ele será ele mesmo observado, gravado, ele e sua cultura. E assim, o filme etnográfico nos ajudará a compartilhar a Antropologia (PIAULT, in: GONÇALVES, 1996:55)

O cine-transe de Rouch, no qual a câmera provoca a cena, abre possibilidade para a discussão e o entendimento de algo pertencente à disciplina da antropologia que é a construção da realidade filmada ou pesquisada ligada à subjetivação imanente à relação estabelecida entre os atores em campo. O que o cinema de Rouch procura explorar é o choque do contato entre “eu e o outro”, emancipando os limites dessa fronteira divisória a partir de novas produções de relação que colocam o outro em relação com ele mesmo – “Eu, um negro” – que acaba por refletir através de um jogo de espelhos a imagem do próprio autor, cineasta. No cinema de Rouch o “outro” não está fixado enquanto objeto, ele é sujeito.

Se para Rouch a essência do fazer etnografia e do fazer cinema é a relação –enquanto gênese, possibilidade e resultado de uma narração – esta relação é entre sujeitos e o conhecimento na Antropologia e no cinema surgem como possibilidade de subjetividade. (GONÇALVES, 2008:21)

Uso essa reflexão sobre o cinema e a antropologia de Jean Rouch para iluminar minha experiência enquanto cineasta e pesquisador no campo em questão. Com uma câmera 16mm em 1971, Rouch filmou “Tambores do passado” num plano sequência sem cortes – curta-metragem de dez minutos do rito de possessão em Simiri no Níger. Após aguardar três dias para ligar a câmera e filmar a possessão dos cavalos pelos espíritos da agricultura e da boa colheita, Rouch, no quarto dia, decidiu filmar mesmo sem saber se aconteceria a possessão. Se os espíritos não se manifestavam, ele pelo menos registraria a bela música dos tambores arcaicos Tourou e Bitti em risco de desaparecimento. Começou a filmar e quando estava pronto para desligar a câmera, as possessões começaram. A câmera está dentro do ritual e os personagens, músicos, cavalos e espectadores interagem orgânica e naturalmente com ela, evidenciando um caráter catalisador da performance ritualística.

Não tenho a pretensão de comparar minha experiência em campo com a obra do grande nome do filme etnográfico, Jean Rouch. Quero apenas pensar o ato de filmar uma realidade diferente da minha tendo a noção da experiência de Rouch que ao ligar a câmera estabelece um novo modo para a apreensão do real. O real a partir desse ato já não existe como tal; existe como a realidade própria do filme. Isso está presente quando ligo a câmera e as pessoas diante dela sabem o que estou fazendo e diante dessa consciência performatizam suas ações de acordo com seu modo próprio de viver em sociedade.

Um dia antes da Festa dos Gideões começar de fato para toda a vila e para os visitantes, acontece no “Monte Sagrado”; nome dado pelos moradores de Provetá; um ritual para a abertura da festa. Nesse culto, os cristãos pedem que os trabalhos sejam abençoados

por Deus e acreditam que as orações para uma vida melhor, mais próspera, ganhem força. Entre outras coisas, eles clamam por um ano com mais peixes e que a palavra do Senhor seja levada cada vez mais longe através do trabalho de evangelização dos componentes da Igreja. Por ser um lugar no alto, perto do céu, como dizem, o monte é considerado sagrado. Sendo de difícil acesso e ao demandar certo sacrifício para atingi-lo, essa noção sacra é fisicamente incorporada – o sagrado está ligado ao sacrifício de subir o Monte. É lá que se busca a inspiração do Espírito Santo.

No Novo Testamento há passagens que relatam montes e montanhas como lugares sagrados, onde é possível um contato maior com o plano divino. Os evangélicos da vila de Provetá também possuem esse lugar, seu “Monte Sagrado”. Magno, filho do pastor Manoelzinho, por ocasião da festa das crianças em outubro daquele mesmo ano, um dia subiu ao Monte pela manhã para se concentrar pois iria “dar uma palavra” no culto da mesma noite. Ele me chamou para ir com ele e lá me contou de sua volta à igreja depois do desvio. Com uma Bíblia ele narrava sua interpretação sobre a passagem que iria norteá-lo no culto e disse que ali a presença de Deus era mais forte e que, desse modo, ele ouviria seu pedido para conduzi-lo bem durante o culto. Ficamos muito tempo em silêncio. Ele concentrando para o momento esperado enquanto eu aproveitava para fazer minhas próprias orações, dentro da minha fé. O que se estabelecia ali e em outros momentos entre mim e outros moradores da vila era uma relação de amizade e confiança. Muitas vezes fui argüido sobre minha religião e respondia que era católico. “*Mas você é crente?*” – respondia que sim, já que eu cria. Então completavam : “*mas você não é cristão*” como nós não é? De fato, não era, já que ser cristão para eles é ser da igreja evangélica.

No cair daquela tarde calorenta de verão, a subida ao monte se fazia acompanhada da percepção da paisagem natural do entorno. De cima tem-se uma visão incrível da Vila de Provetá, margeada pela praia e pelo mar. Vê-se a Igreja imponente do lado esquerdo de quem chega pelo mar, as casas entre a encosta e a praia limitadas lado a lado pelas montanhas. A natureza da vegetação tropical da Ilha Grande de cima se percebe com mais nitidez e longe dos microfones e caixas de som potentes da Igreja, o culto no monte cantado e pregado à capela, tinha um aspecto pitoresco comum aos rituais narrados pelos antigos aventureiros e antropólogos que iniciaram a disciplina.

O ritual no Monte me remete à noção de estar numa comunidade caiçara de ilha tropical, onde a força da natureza se apresenta em vários aspectos da vida cotidiana. Esse tom exótico, no qual minha percepção se formou e que é difícil se distanciar, propiciou o quadro

no qual estabeleci um diálogo com o passado da vila que tomei contato lendo os trabalhos feitos lá por colegas e professores que desenvolveram a ideia da história do lugar e da chegada do Evangelho como um mito fundador.⁸ O Monte não possui luz elétrica e a iluminação é feita através de um lampião à querosene.

Caminhar até o platô do Monte onde se encontram a cobertura de telha e os bancos de madeira para os cristãos de Provetá significa para os moradores, como já dito, *estar mais perto de Deus*. De uma certa forma, os crentes revivem a experiência das narrativas dos personagens bíblicos através dos montes santos, fazendo sua projeção no presente, de acordo com a própria realidade do vivido. É possível perceber nas histórias de vida dos habitantes de Provetá uma adaptação de certas passagens épicas do Novo Testamento para a realidade cotidiana. No sentido inverso, histórias de vida, e metáforas são construídas para a adaptação de conteúdos míticos ou bíblicos. No Monte, o pastor Manoelzinho em sua pregação fez uso de metáforas, tomando a experiência do pescador com o controle do Estado transpondo-a para o exercício do controle do Espírito Santo sobre seus fiéis:

Em Brasília existe um aparelho que rastreia as embarcações. Se você estiver em local proibido eles lá sabem. Se você estiver à deriva, eles lá têm como saber. Hoje aqui você está sendo rastreado pelo Espírito Santo. Não importa se você está escondido no último banco...

Na ilha de edição, as imagens do monte e as performances da comunidade me deram a sensação de estar em um local do passado, mais próximo às construções ideais de um lugar turístico, paradisíaco. Talvez as edificações da igreja e de seu entorno que compõem a topografia do espaço central da vila em certo sentido semelhantes a localidades de baixo poder aquisitivo das periferias e favelas da cidade, façam com que eu esqueça que estou numa ilha.

A noite, enquanto caía, colocava a filmagem em cheque, pois tínhamos que parar para melhorar a captação de luz da câmera, através da abertura do diafragma e da exposição. Luana a todo instante me chamava para ver a imagem no view-finder e perguntava se valia a pena continuarmos com a filmagem. Eu disse que era para continuarmos mesmo sem uma nitidez 100%, pois pensava em no mínimo poder utilizar o áudio. Para nossa alegria, acenderam um lampião a querosene melhorando nossa captação, ainda assim deficiente.

⁸ Ver Bakker, André (2008) e Birman, Patrícia (2008).

Ao longo de minha pesquisa no campo que durou aproximadamente um ano de idas e vindas, essa ida ao Monte foi minha primeira experiência de filmagem em contato com a comunidade. Já havia filmado um pouco da vila, feito algumas entrevistas, mas não havia ainda me introduzido para a comunidade num sentido mais amplo como cineasta-pesquisador da UERJ. Ao longo desse período, após ser devidamente “iniciado” na vida comunitária com o filme “Dias de Pescador”, durante o qual fiquei uma semana no mar no barco do pastor Manoelzinho filmando a pescaria, recebi alguns convites para fazer registro fílmico. Por exemplo, Ninica, coordenadora do grupo das crianças, me chamou para filmar a festa das crianças em outubro e Magno, filho do pastor Manoelzinho me chamou para filmar seu casamento.

Partimos da casa do pastor Manoelzinho rumo ao monte, Luana, Fabico, genro do pastor Manolezinho, e eu. A ideia era acompanharmos a trajetória do personagem escolhido para essa sequência até o local do culto. Fizemos uma sequência de planos abertos e fechados. Fabico andando pela vila cumprimentando as pessoas, do rosto e da Bíblia na sua mão. Ele aparentava se sentir extremamente à vontade. Cumprimentava as pessoas, dizia que tinha virado um “pop star”, pois havia arranjado um cinegrafista. No “pé” do monte encontramos com outras pessoas que também estavam a caminho. Chegamos lá e já havia alguns crentes sentados nos bancos de madeira aguardando o início do ritual. Alguns homens oravam de joelhos debruçados por sobre as pedras. Quando os bancos estavam todos ocupados e outras pessoas se enfileiravam de pé, o culto começou. Timóteo, pastor de Provetá e também proeiro, foi quem conduziu o culto. As crianças, todas do sexo feminino e as mulheres ocupavam os dois primeiros bancos próximo ao púlpito de madeira. As três fileiras detrás eram ocupadas por homens. Não havia meninos no monte naquele fim de tarde. A lua cheia já despontava na cabeceira do monte dando mais ênfase ao tom exótico da minha percepção.

Naquela tarde, início de noite, para a sequência do monte, eu planejei filmar o genro do pastor Manoelzinho saindo de casa e caminhando até lá, como mencionado acima. Entretanto, não sabia o que iria encontrar e como se daria a filmagem. Ao chegar no platô onde está a construção de madeira sob o telhado de amianto, conversei com a Luana para tentarmos ser o mais discretos possível. Minha intenção era deixar transcorrer o culto sem interferências. E que nós nos colocássemos de maneira discreta, para não atrapalhar a visão dos fiéis em relação ao púlpito. A maioria das pessoas presentes não nos conhecia e o olhar de estranhamento era comum em nossa direção. Eu segurava a vara do microfone e me posicionava de acordo com o lugar para onde a câmera apontava. Conversei com Luana sobre

o que poderia ser importante para o filme e para a pesquisa, mesmo sem saber ao certo o que estava por vir. A idéia era captar a fala de quem se apresentava no púlpito, mas ao mesmo tempo não deixar de filmar as expressões e respostas vindas da fila de bancos. E quando eles tocassem alguma música, não parar de gravar para que o som se mantivesse completo sem cortes para a cobertura posterior de imagens na ilha de edição.

Fazia muito calor e todos suavam muito, ampliando a sensação de sacrifício. “*O sacrifício de ter subido ao monte vai valer a pena porque Deus está presente aqui hoje, não é verdade meus irmãos?*” Disse o pastor. “*Mesmo nós ainda não sendo merecedor, Deus alcançou nós pela sua infinita misericórdia*”. Assim ele abria os trabalhos lendo trechos da Bíblia. Em seguida chamou as crianças para cantar, louvar a Deus. Elas levantaram da primeira fileira e se colocaram em frente ao púlpito de madeira para a louvação:

Cria em mim ó Deus, cria em mim ó Deus um coração puro que renova o espírito inabalável. Não retire de nós o teu espírito. Quero aprender com meus erros e nunca mais cometê-los. Sei que não vai ser tão fácil, mas difícil é permanecer no erro, e viver esse desespero e ficar pra trás...

As meninas cantaram acompanhadas pelo violão de Nice, filha do pastor presidente, que ensaia o conjunto das crianças. A letra da canção orienta a juventude para uma vida ética e regrada dentro do espírito da religião em tom educativo. A música é um elemento muito importante na formação da cultura evangélica local. Em Provetá, caminhando pelas ruas pode-se ouvir as pessoas, principalmente meninas jovens, cantando hinos e louvores. Muitas dessas meninas sonham em cantar profissionalmente e conquistar o mercado gospel. Nathália, neta de D. Deca, quando perguntada em certa ocasião sobre o que mais gostava na igreja me respondeu que gostava de cantar os hinos e que sonhava ser cantora. Assim como ela, Fabiana, filha do pastor Gustavo também já desponta como um fenômeno da ilha e lidera o coro das crianças tendo papel de destaque nas festas e cultos importantes. Importante para perceber o alcance da música no universo religioso gospel é o trabalho de Marcelo Ayres Camurça e Tâmara Lis Reis Umbelino sobre o hip-hop gospel como movimento de afirmação da juventude negra de Minas Geraes. Segundo ele, a música alia emotividade, promessa de “cura divina” e reversão de uma situação de dificuldades a um estilo descontraído de pregação com seus “corinhos alegres e contagiantes” e pode atingir através dos meios de comunicação de massa uma dinâmica própria da cultura de massa (MAFRA, 2001).

Outro aspecto importante para esse trabalho é o fato de que somente as meninas

subiram ao Monte naquela tarde. As meninas desde cedo experimentam de forma mais regular a sociabilidade produzida pela igreja na comunidade. Enquanto os meninos são criados com mais liberdade, já tendo como horizonte a fase etária em que entrarão na pesca, no mundo dos adultos e no desvio, as meninas são criadas para o casamento, para cuidar da casa e permanecer na vila enquanto seus maridos estão no mar buscando o sustento da família. Essa noção da separação dos sexos nas atividades religiosas está presente na doutrina pentecostal. Segundo M. Das Dores C. Machado:

“Tal como a matriz norte-americana as primeiras Igrejas Pentecostais expressam a mesma ênfase no Batismo do Espírito Santo e no dom de falar em línguas estranhas. Comum a elas, seria também o estímulo à participação emocionada e espontânea nos rituais, ao proselitismo religioso e à rigidez moral, levando os fiéis a ocuparem lugares separados nos cultos de acordo com o sexo, e encarregando toda comunidade religiosa da vigilância constante de seus membros.⁹

Segundo Heilborn,

...em decorrência do atributo de uma maior exterioridade frente ao domínio da casa, os meninos têm acesso a um tempo de lazer que decorre de fora das vistas de seus parentes, que só podem, portanto, exercer sobre eles um controle menos direto. (1993)

Em Provetá, é notável a participação menos direta dos meninos nas práticas religiosas. A generalidade da observação da autora acima supõe um duplo ingrediente na formação cultural dos jovens do sexo masculino se somado ao modo como eles são criados na comunidade e dentro da doutrina pentecostal local. Mais soltos e vistos nas ruas e na praia sem a presença de pais ou parentes e menos assíduos dentro da igreja, esses meninos se preparam para mais tarde conhecer a vida mundana, seja através da atividade pesqueira ou somente como atributo da passagem da adolescência à vida adulta.¹⁰

Ainda seguindo a autora, entre todas as gerações existe um idioma de gênero organizando as relações sociais, estruturando as diferenças que qualificam os comportamentos

⁹ Ver Freston (1994), Mafra (2001), Mariano (1995) e outros.

¹⁰ Muitos jovens quando chegam perto da idade adulta, ou seja dos 18 anos, mesmo sem trabalhar na pesca, se afastam da igreja para usufruir da vida mundana, usando álcool e drogas dentro da comunidade.

pertinentes aos grupos de meninos e aos grupos de meninas. Se na infância os meninos de Provetá brincam de bola, de pescar e de fingir que estão no mar pescando como seus pais, isso tem muito a dizer sobre o papel social que terão no futuro que os diferenciara das mulheres.

O conjunto infantil em Provetá é composto por ambos os sexos. As crianças participam do conjunto “Jóias de Cristo” até aos 12 anos e a partir daí passam a integrar o “Eterno Louvor”, conjunto dos adolescentes. Quando chegam aos 17, 18 anos vão para o “Atalaias de Cristo”. As mulheres casadas formam o Circulo de Oração “Heroínas da Fé” e os homens casados, os “Gideões”. À mulher provetaense é atribuída a base da religiosidade familiar e o bom desempenho das atividades domésticas.¹¹ Esse estatuto lhe é conferido como sendo uma função de gênero dentro da divisão de trabalho no interior da família. A participação religiosa da mulher geralmente é suficiente para manter a proteção religiosa familiar e resolver os problemas espirituais nos momentos de crise. Segundo Birmam (2006):

É interessante observar que embora os relatos insistam sobre o alcance da prosperidade através da transmissão paterna, percebemos que são as mulheres as guardiãs da herança espiritual da família. Elas possibilitam a seus maridos, muitos ‘afastados da igreja’, serem reconhecidos como seus membros. O equacionamento entre ser mulher e crente, embora não seja obrigatório num sentido estrito, carrega uma densidade normativa maior. A ruptura com os laços comunitários é assim claramente considerada se as mulheres do grupo familiar não se encontram nas Igrejas.”

A presença das mulheres nos dias de festa é mais notado, já que normalmente a mulher se encontra mais no interior da casa cuidando dos afazeres domésticos e religiosos. O espaço público mais ocupados pelos homens desde a infância, nesses dias ganham outros aspectos, o da presença feminina que além de cuidar da produção das roupas e das comidas da cantina, prepara os coros femininos e infanto-juvenis para a apresentação na igreja. A presença feminina nas festas e cultos é mais forte. Podemos afirmar que nesses momentos, as mulheres afirmam para a comunidade através da presença e performance o estatuto de “guardiã espiritual” que acabamos de dizer.

Continuando o culto no Monte, o pastor Timóteo chamou ao púlpito o irmão Paulinho, “*ele é o alvo das nossas orações*”. Paulinho havia voltado para a igreja depois de ter se desviado novamente após o casamento. Naquela festa, ele seria batizado e se tornaria também um Gideão. Nas palavras do pastor Timóteo: “*Deus tem um mistério para você, irmão. Você vai levar a palavra de Deus a muitos lugares. Vejo você acompanhando o ministério. Você é*

¹¹ Ver Mendonça, Mariana. Op.Cit.

um homem de Deus.” Paulinho – o alvo das orações – representava a condição de liminaridade. Ali naquele ritual, dois dias depois quando seria batizado nas águas do mar, ele voltaria da “*communitas*” para a regularidade da vida em comunidade. Segundo Victor Turner, nos processos rituais os aspectos de indeterminação e anti-estrutura social de determinada comunidade são expostos pelos atores que através da performance do ritual trazem à tona de forma reflexiva o conflito. Como bem frisou o pastor Timóteo, Paulinho era o alvo das orações, pois saindo da condição de desviado e voltando para a igreja, sua volta simbolizava o ponto máximo do ritual, o fechamento do “drama social” da comunidade religiosa, onde se recriava a vida comunitária.

Logo após ao pastor Timóteo, a irmã Marilene foi à frente e conduziu a maior parte do culto. Se dirigindo a nós, Luana e eu, únicos estrangeiros do lugar, ela agradeceu nossa presença e disse que Deus tinha um mistério para nossas vidas. Que ela, Luana, subirá muitos montes em todo mundo e levará com ela a palavra de Deus, viajando a muitas nações. Ela continua e se refere a mim: *“Deus vai te abençoar também, moço. Vocês não estão aqui apenas filmando. Tu sairás daqui marcado por Deus e Deus vai te abençoar muito materialmente e também espiritualmente porque Deus vai abrir a tua mente!”*

O filme que fazíamos, nas palavras da irmã Marilene, seria um veículo de transmissão midiática do poder transcendente de Deus. Na história de Provetá que acompanhamos através de outros trabalhos de pesquisa, a televisão tem um status controverso de acordo com sua aceitação nos lares da comunidade. André Bakker (2008) explora esse tema em sua dissertação de mestrado desenvolvida nesse mesmo programa. Em 1987 a primeira antena parabólica foi instalada em Provetá na casa de João Maia, um “estrangeiro”, ex-agente da policia federal que havia se mudado para a comunidade. O pastor Sales via com maus olhos a utilização da TV e dizia ser coisa do demônio. A vocação da comunidade evangélica era ser guiada pelos preceitos evangélicos e não deveria ser contaminada pelo mundo pecaminoso das imagens televisivas. O perigo à pureza do local marcado pela oposição entre Provetá e o mundo, entre as bênçãos de Deus e as poluições do Diabo, entre a Palavra e a tecnologia formaram a concepção de muitos provetaenses de que a TV era uma expressão da agência do Diabo. Na casa do pastor Manoelzinho até hoje não há TV, pois ele recebeu uma mensagem do Espírito Santo à época em que sua filha Manoela era criança e estava doente, que se ele não tirasse a antena parabólica de casa, ela não se curaria. Obedecido o pedido, a menina obteve a cura, segundo o pastor. O tempo passou e muitos aderiram à utilização da TV em seus lares. A história da chegada da televisão com a antena parabólica até os dias de hoje é

representada por Bakker como um drama social. A noção de drama social evoca um estado de instabilidade sociológica que é acionado a partir do conflito, da quebra de um padrão normativo de organização das relações sociais (Turner, 1996:91). Turner argumenta que o drama social se desenvolve progressivamente em fases. São elas: ruptura, crise, ações regressivas e integração ou reconhecimento da cisma.

Após o falecimento do pastor Sales, seu sobrinho, pastor Eliseu assumiu a presidência da Assembléia de Deus de Provetá. O novo pastor presidente não proibiu o uso da antena parabólica e da TV e, segundo Bakker, sua entrada representou uma ruptura com o antigo regime. Eliseu concebe a existência da tecnologia em geral como um produto da vontade de Deus e diz que na televisão há coisas boas e más. Bakker sublinha que a ruptura discursiva de Eliseu em relação a Sales é concomitante a um amplo processo de transformação do Pentecostalismo no espaço público brasileiro e seu crescente envolvimento com as mídias de massa.

À medida que o Evangelho passou a ser crescentemente trazido para as telas televisivas, a simbolização da televisão enquanto uma tecnologia exclusivamente diabólica parece ter sido eclipsada por uma perspectiva segundo a qual a televisão é uma tecnologia ambivalente, sobre a qual tanto Deus quanto o Diabo são capazes de operar. (Bakker, 2008, p.155)

Bakker traz o conceito de “remediação religiosa” desenvolvido por Brigit Meyer (2005). Meyer estabelece como seu ponto de partida teórico a concepção de religião enquanto prática de mediação entre sujeitos religiosos e a esfera do transcendental. Segundo ela, as mídias, ou seja, quaisquer objetos, textos, imagens, palavras, filmes ou sons são capazes de tornar sensíveis a realidade transcendente. Nesta perspectiva, seria através das diferentes mídias religiosas que a experiência do sensível do transcendental como uma presença imediata seria acessível ao sujeito religioso. Bakker, seguindo a teoria de Meyer, investiga entre os moradores de Provetá a possibilidade de transmissão midiática de eventos previstos na Bíblia, como o arrebatamento e a volta de Jesus no Juízo Final.

Seu Zé Pimenta admite que o arrebatamento será televisionado, mas seu significado ignorado pelos emissores de TV. Ele será somente acessível aos conhecedores da Palavra. Já Lúcia, outra moradora, descreve:

Na Bíblia está escrito que, quando Jesus retornar ao mundo pela segunda vez, “todo olho na Terra verá”, todos vão ver ao mesmo tempo. Agora, como é que isso seria possível? Pela televisão. As tecnologias que nós temos hoje de satélites, transmissão

ao vivo pela televisão, tudo isso será utilizado por Deus como seu instrumento pra transmitir pro mundo todo o segundo retorno de Jesus. Todo mundo não aparece na televisão, porque Jesus não pode aparecer também? (BAKKER, 2008:244)

Nossa missão, segundo a irmã Marilene, então, era também a de levar a palavra de Deus para lugares afastados da vila da Ilha Grande. O filme, quem sabe, possa talvez repercutir favoravelmente a essa expectativa.

Dessa forma, nossa apresentação havia se efetuado, dentro do contexto do ritual e percebi que aquele modo de apresentação depois reforçado pelo pastor Manoelzinho que incluiu nossos nomes na chamada do tema da festa pelos presentes em uníssono – todos bradaram *“João e Luana rumo à vitória!”* – tinha um poder de agregação. Ao mesmo tempo que nos era oferecida a palavra do Evangelho ganhávamos a confiança dos anfitriões para realizar nosso trabalho na comunidade. Numa comunidade separada do continente pelo mar e orgulhosa por ser escolhida e abençoada por Deus e brava por seus homens enfrentarem as adversidades do mar e da natureza e conseguirem prover seus filhos, receber pessoas interessadas em conhecer sua cultura e modo de viver pode ser considerado como um privilégio. Para o pastor Manoelzinho nos receber era percebido por mim como motivo de orgulho. O pastor me contou que gosta muito de receber em sua casa os alunos da UERJ. *“Quem sabe a gente não traz um de vocês pra ficar com a gente”*. Nunca passou pela minha cabeça me tornar evangélico. Sempre quando ouvia esse tipo de comentário, me sentia um pouco constrangido em não poder retribuir o carinho das palavras. Refletindo agora sobre isso, minha performance ligada ao fato de estar numa comunidade evangélica filmando seus rituais e colhendo confidências e testemunhos para meu trabalho eram objeto da percepção de uma dádiva a ser retribuída na forma de conversão: um dia eu poderia me tornar um deles e ser instrumento da Palavra de Deus?

Nossa inclusão no discurso da irmã Marilene não somente nos apresentou às pessoas que ali estavam como também nos incluiu como parte integrante do trabalho que ali se inaugurava. Nós, a partir daquela apresentação, transformamo-nos também em instrumentos da palavra de Deus, destinados a levar a palavra para outras partes fora da Ilha e do mundo, através do filme. Isso para mim agora soava como um rito de boas-vindas. Vale dizer que todo período em que estivemos na praia de Provetá fomos acolhidos pela família do pastor Manoelzinho, mais precisamente por sua filha Marcela, esposa de Neném. Sempre que encontrava Manoelzinho ou sua esposa Magna, eles me convidavam para almoçar, tomar café, insistindo em que se algo me faltasse eu deveria procurá-los. Num culto que eu filmava

na festa das crianças, meses depois da festa dos Gideões, que descrevo aqui, Manoelzinho surpreendentemente me chamou para dar uma palavra para o templo lotado. *“O João é quase um irmão, não é verdade? Ele fica lá no Rio, mas o coração dele está com a gente. João, vem dá uma palavra aqui pra Provetá!”*.

Interessante observar a dinâmica na prestação desses favores. Ao me acolher e oferecer sua casa, Manoelzinho também compartilhava um capital simbólico, contido na perspectiva da troca que se estabelecia. Para mim, como foi muitas vezes explicitado por Marcela, quando não aceitava algum convite para almoçar e ela me contestava aborrecida, estava claro que eu devia uma espécie de fidelidade para com a família. Ao mesmo tempo que aceitava, direcionava minhas intenções de pesquisa e filmagem tendo como base a casa do pastor Manoelzinho. Todas as negociações que se seguiram foram direcionadas por essa perspectiva. Por seu turno, o pastor Manoelzinho se cerca de um valor de prestígio sendo anfitrião de estudantes estrangeiros que chegam curiosos pela cultura pentecostal de um povoado que vive da pesca.

Ainda no Monte, Marilene continuava sua pregação agitada, me fazendo esquecer da serena irmã Marilene de fala mansa, que não conversa à toa e, comigo, apenas dialogou uma vez depois de várias tentativas minhas.

Deus vai mudar pessoas aqui de posição. Nosso irmão Paulinho será um obreiro. Quem é diácono será um presbítero. Quem é presbítero será um ungido pastor. Quem não aparece, Deus vai fazer aparecer. Tu não serás mais o mesmo homem, tu não serás mais a mesma mulher. Você não vai morar no mesmo país da irmã Marilene? Você não vai morar no mesmo país do irmão Paulinho, então fale em línguas estranhas, sem medo de alguém falar que você está imitando. Que aqui não tem lugar para carne, aqui só tem lugar para o espírito.

Nesse momento todos se agitavam em seus lugares, emitindo sons e alguns falando em línguas estranhas. Alguns homens choravam e clamavam aos céus agradecendo suas conquistas, lamentando suas perdas, suas dores, pedindo por suas causas. Somente consegui ter uma noção do que ocorria naquele momento do culto na ilha de edição com a amplificação dos canais de áudio. Era como se fosse um lamento em uníssono com picos momentâneos de sons de gritos como repentinas rajadas de vento. Muito me impressionou o choro daqueles fortes homens, pescadores que enfrentam o mar e suas tempestades, dramatizando fragilizados e chorando frente uns aos outros sem orgulho ou vergonha num espetáculo de explanação de respeito a Deus e fé.

A glossolalia pentecostal é uma forma de elocução ritual caracterizada pela falta de um componente semântico. Apesar de sua indeterminação semântica e variabilidade sintático-fonológica, a glossolalia carrega um significado global como uma forma inspirada de louvar a Deus, e também pode ser utilizada como uma prece profundamente vivenciada rogando por intervenção ou orientação divina. É um princípio doutrinário que os poderes expressivos da glossolalia transcendem as inadequações das línguas naturais. (Csordas, 2008)

A captação do áudio pelo microfone me colocou em contato com esse aspecto sonoro de forma singular. Não havia percebido com tanta nitidez a plethora de sons produzidos pelos fiéis. Como foi citado, o dom de falar línguas estranhas e o estímulo à participação emocionada e espontânea nos rituais são características comuns às igrejas pentecostais. Destarte, a performance dos indivíduos que integram o corpo da igreja durante o ritual responde às expectativas da comunidade. O sacrifício de subir ao Monte e a demonstração pública da condição daqueles homens diante de um Deus todo poderoso pontuaram a véspera da festa dos Gideões.

2.2 Primeiro Dia - A construção da festa pelo pastor Manoelzinho

Na noite anterior, após a ida ao Monte Sagrado, vendo as imagens no “view-finder” da câmera na casa amarela¹², notei que várias tomadas feitas pela minha companheira e operadora de câmera, Luana, continham falhas. Uma das regras fundamentais para se fazer uma boa filmagem é estabelecer rapidamente o quadro que se deseja. Para isso deve-se estar atento com todos os sentidos voltados para o objeto, ou cena, que desejamos enquadrar. No Monte pude perceber que Luana ficou muitas vezes indecisa sobre o tamanho do quadro e que abria e fechava o zoom para enquadrar a cena. Conversamos durante a noite para tentar solucionar esse problema para as filmagens que estavam por vir. Claudine de France

¹² Casa Amarela é a casa onde os alunos de Ciências Sociais da UERJ se hospedam quando vão à Provetá. Ela é contígua à casa da D. Deca, dona da casa.

argumenta que para uma filmagem precisa o pesquisador deve ser o operador da câmera. Segundo ela:

A exploração minuciosa do real às vezes significa que se penetre profundamente na descrição continuada, não importando quão ingrata ela seja. É por isso que, neste caso, torna-se necessário que o pesquisador seja também o operador da câmera, responsável pela escolha de todos os momentos como o escritor é responsável pelo seu texto. Isso vale não somente para o estudo das ações materiais consideradas em si mesmas (técnicas de fabricação, técnicas do corpo etc.), mas igualmente para descobrir, assim como já observei anteriormente, as manifestações mais efêmeras e mais discretas da sociabilidade de um grupo humano, a partir dos gestos rituais, os mais banais da vida cotidiana. (De France, 2000:31)

Não sei se devo concordar inteiramente com essa observação, mas devo dizer que pesquisador e operador de câmera devem estar de acordo quanto ao teor etnográfico do material filmado. Os planos-sequência, ou planos sem corte, devem ser privilegiados em detrimento dos planos curtos. Para tal, uma maior estabilidade do campo filmado é imprescindível. Quando a filmagem envolve uma possível conversa entre observador e observado durante a operação, é muito mais interessante ter uma outra pessoa operando a câmera, pois falar desestabiliza o enquadramento, fazendo com que o plano fique tremido, e a conversa flua mais naturalmente.

Na festa dos Gideões, além dos moradores locais, comparecem pessoas de outros lugares da ilha, pessoas de fora da Ilha Grande e grupos de outras igrejas evangélicas do mesmo ou de outro ministério. Munido da câmera com minha parceira Luana, acompanhei o pastor Manoelzinho em suas atividades na preparação da festa. Ele disse que tem o papel fundamental de organizar e fiscalizar as funções que são delegadas a homens e equipes de trabalho. Moradores, integrantes da igreja e trabalhadores da prefeitura trabalham para a limpeza e melhoria da vila para a festa. Na manhã do dia de abertura da festa, Manoelzinho pintava a fachada do hotel da Igreja com dois ajudantes. Pintava para ficar bonito para os visitantes que estavam chegando, segundo ele.

Era branco. Agora a gente está pintando de azul pra combinar com o azul do céu. Na verdade o hotel fica muito perto da praia. E o 'salito' é muito forte. Você pinta uma casa e com seis meses ela já está toda deformada, devido à força da natureza, do mar. Como a gente tem festa todo ano, a gente dá aquele trato, a primeira impressão é a que fica. O melhor que a gente pode oferecer pra comunidade de visitantes é

isso: fazer nosso melhor. Ninguém melhor do que vocês pra participar da nossa luta no dia-a-dia.

A presença de grupos de outros lugares da ilha (Praia Vermelha, Araçatiba) e também de fora (Angra dos Reis, Campo Grande e outros) é tradição nas festas da Assembléia de Deus de Provetá. O hotel fica lotado com os evangélicos que usufruem a estadia e a alimentação oferecidas pelos anfitriões. Os grupos da igreja de Provetá, principalmente os Gideões e o Círculo de Oração das mulheres são convidados também a participar de festas fora da comunidade e a troca de experiências nessas viagens é um dado para tentarmos compreender a dinâmica social que está em jogo nessa interação; o que a performance comunitária nessa festa dos Gideões dramatiza para si internamente para comunidade e externamente para os grupos estrangeiros.

Em seu “Ensaio sobre a Dádiva”, Mauss discorre sobre as trocas nas sociedade de economia arcaica destacando o caráter voluntário dessas prestações aparentemente livres e gratuitas, mas que guardam um caráter obrigatório e interessado. Nesse *sistema de prestações totais*, que o autor denomina de *Potlatch*, são atestados elementos intrínsecos essenciais como a honra, o prestígio, o *mana* e a obrigação de retribuir as dádivas sob pena de perder esse *mana*, “essa autoridade, esse talismã e essa fonte de riqueza que é a própria autoridade.”(MAUSS, 2003:195)

O trabalho da comunidade simbolizado na figura do pastor Manoelzinho pintando o hotel para melhor receber seus visitantes pode caracterizar uma certo tipo de dádiva. A hospitalidade é uma característica da comunidade provetaense para com seus convidados. Veremos mais a seguir que muitos desses hóspedes além de usufruírem o banho de mar, passeiam de barco com os “nativos” visitando as ilhas das cercanias como os turistas também o fazem.¹³ Além disso, eles experimentam a pesca e vão à praia, vivenciando o lugar como os moradores locais.

Se coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem “respeitos” – podemos dizer igualmente “cortesias”. Mas é também porque as pessoas se dão ao dar, e , se as pessoas se dão, e porque se “devem” – elas e seus bens – aos outros. (MAUSS, 2003:263)

Nessa troca de bens onde indivíduos, famílias e clãs estão envolvidos, Mauss chama atenção para o vínculo moral e espiritual que a elas subjaz. Trazendo essa reflexão para

¹³ Ver Mendonça, Mariana. *Ibidem*.

perceber a dinâmica da prestação do acolhimento local aos “turistas evangélicos”¹⁴ na festa dos Gideões, é passível concluir que quando esses turistas são recebidos pela comunidade, esta pretende desempenhar seu melhor papel.

A performance do pastor Manoelzinho e da comunidade evangélica trabalhando para a festa deflagrada pelas lentes da câmera compõe um certo ethos comunitário marcado pela solidariedade entre moradores nos mutirões de construção civil na vila. O espírito prestativo também é encontrado entre os que trabalham no mar e está descrito na literatura sobre pescadores e trabalhadores do mar. Em Provetá, a solidariedade comum à atividade pesqueira também está presente no espaço terrestre e pode ser sentida nos detalhes da arrumação da festa.

Simone Maldonado em “Mestres e Mares – Espaço e Indivisão na Pesca Marítima” (1993) aponta alguns estudos sobre o tema da pesca que ajudam a pensar a relação entre terra e mar e suas interlocuções no modos de sociabilização dessas comunidades pesqueiras. Citando Godelier (1974), a autora descreve o mar como meio do qual serão retirados recursos para a sobrevivência. O recurso é o meio pensado, classificado, passível de usufruto, o que se dará por sua vez em articulação com outros processos sociais e históricos. As relações com a natureza elaboradas intelectivamente pelo homem-pescador sofrem ajustamentos que abrangem certo tipo de sociabilidade.

Os pactos, acertos e formas de mediação implicados nas diversas formas sociais de apropriação da natureza se viabilizam, na visão de Godelier, em primeira instância por uma interpretação, certa percepção intelectual que cada sociedade tem do mundo que a rodeia, sendo possível combinar esses elementos com os meios materiais e os acordos sociais necessários para atuar sobre a natureza, pondo-a a serviço de sua reprodução física e social. (MALDONADO, 1993)

Uma peculiaridade que se refere ao contexto no qual é desenvolvida esta atividade tem a ver com o caráter público e “aberto” da área marítima e do acesso aos recursos da pesca. Este fato torna-a uma atividade particularmente dura e insólita na hora de conceber políticas eficazes para seu desenvolvimento, tornando-a suscetível de ser abalada pelas turbulências do mercado. Esse distanciamento terra-mar imposto aos pescadores, assim como o caráter indiviso que não se dobra à apropriação, sugere competição e ao mesmo tempo competência e cooperação. No caso de Provetá, como grande parte da comunidade sobrevive do recurso da

¹⁴ Ver Mendonça, Mariana. *Ibidem*.

pesca, no mar e em terra é possível notar certa solidariedade em atividades como a pesca e a bateção de lage nas construções, por exemplo.

No caso da pesca, certas formas de camaradagem se constroem no pescar juntos anos a fio, não só igualando-se os pescadores e os róis a que pertencem diante dos muitos riscos e pesadas tarefas comuns, como capacitando-os a uma cooperação também de ordem prática, da ordem do fazer bem, do ser capaz de coordenar tarefas com outros companheiros, sem pôr em risco suas vidas nem o bote. (MALDONADO, 1993)

Segundo a autora, esse ideário social através do qual a “camaradagem” se constrói na pesca, passa pelas noções de autonomia e liberdade provocadas pela ausência de apropriação e de divisão formal do meio. Essa camaradagem e esse senso de igualdade se estendem à terra quando os pescadores e também outros moradores falam da pesca como assunto cotidiano. Essas representações compartilhadas terminam por exercer um papel fundamental no ethos local.

Como a gente tem festa todo ano, a gente dá aquele trato, a primeira impressão é a que fica. O melhor que a gente pode oferecer pra comunidade de visitantes é isso: fazer nosso melhor. Ninguém melhor do que vocês pra participar da nossa luta no dia-a-dia.

Simone Maldonado (1994) observa que “o *segredo* de que o mestre é guardião e detentor, tem um conteúdo de informações que podem ser ocultadas ou reveladas em intensidades diferentes, mas se trata também de feixes de relações morais e afetivas, de acordos éticos da ordem da solidariedade enquanto competência tecnológica e enquanto participação comum no processo de trabalho” (1994:46).

O *segredo* age, portanto, no processo de intercâmbio e construção dos conhecimentos, e através do saber que o *segredo* representa e dos modos pelos quais é transmitido, são organizados os “mandos” no interior do barco. Ele opera invisivelmente e se alastra num campo de laços também políticos e familiares. Estes laços, por sua vez, definem também “alianças” entre barcos e homens tendo repercussão na dinâmica que estas últimas desenvolvem em terra quotidianamente.

Quando Manoelzinho pinta a fachada da igreja com seus companheiros e é filmado quer transmitir a ideia de um líder solidário que exerce sua tarefa da melhor maneira, dando o exemplo para todos. No barco, durante as gravações do filme “Dias de Pescador” de minha autoria, quando o barco estava parado em Barra de Guaratiba consertando o motor, o barco do

pastor Vadico parou ao lado e pediu uma pá emprestada. De pronto Manoelzinho se dirigiu a seus homens e disse. *“Vai lá e pega uma pá para dar a eles. Eles vêm buscar. Tem seis pás aqui, a gente só usa três por vez, não custa dar uma. Vai lá!”* Manoelzinho nessa fala demonstrava, para mim, o espírito de mestre que mantém frente a seus homens. A solidariedade com o barco do pastor amigo devia possuir, pelo seu modo de agir, um tom educativo dirigido a seus homens.

Manoelzinho construía sua fala para câmera ao mesmo tempo em que trabalhava na pintura do hotel dando em tom preciso reforçando sua performance como um líder comunitário. Sua fala incorpora sua eminente posição superior masculina na hierarquia da igreja e da comunidade. Na vila, todos reconhecem a fama de “matador” que Manoelzinho possui através de seu trabalho nos mares. Exemplo a ser seguido por quem almeja um dia ser como ele um bom pescador. Muitos pescadores querem trabalhar no barco de Manoelzinho por conta de sua competência em conseguir boas pescarias.

Não é distante de se conceber num plano imaginário uma brincadeira de meninos provetaenses na qual é assumida a persona desses pescadores heróis tal qual a do proeiro Manoelzinho. A construção do ethos masculino vai na direção do que está dado como performance social desses “heróis”.

Segundo Jucelia Ribeiro, quando se examina a transmissão dos papéis de sexo, na família, de uma geração a outra, observa-se que o mais importante não é o que cada genitor diz ou recomenda fazer (a norma), mas aquilo que eles fazem na vida cotidiana, as práticas observadas pela criança.

Essa percepção parece estar relacionada com o que as mulheres e homens adultos vêem como legítimo e não-legítimo nas condutas dentro das normas de gênero da comunidade. A categoria homem e mulher, envolve atributos sociais e simbólicos, como poder fazer certas coisas, exercer legitimamente a o papel coerente com sua sexualidade, assumir comportamentos dentro de uma determinada ordem. (RIBEIRO, 2006)

Na fala e no gesto do pastor Manoelzinho está implícita a construção da “noção de pessoa” que servirá de exemplo a outras construções. A figura do herói guerreiro presente nos textos bíblicos e personificada no relato cotidiano da comunidade sobre as aventuras desses pescadores nos mares ganha uma dimensão reflexiva para a construção dos modos de ser dos futuros homens que compartilharão um mesmo ethos.

Segundo Manoelzinho, foi um senhor chamado Noel da Silva que a partir de um chamado de Deus, decidiu formar um conjunto somente de homens. Enquanto pintava, Manoelzinho me explicava porque a festa dos Gideões é a maior festa de Provetá.

Estamos comemorando 21 anos dessa festa de varões de pescadores. Gideões na Bíblia eram guerreiros, então, nós somos Gideões porque somos guerreiros também, tanto no mar quanto em terra. Hoje temos uma média de 80 homens no conjunto. Virou a maior festa do campo. Hoje todas as igrejas do sul fluminense tem o conjunto dos Gideões por causa da nossa igreja. Nasceu daqui. Há uns cinco anos a maior festa era das irmãs, que tinham facilidade em agregar as pessoas. Só que de cinco anos pra cá, a festa dos Gideões se tornou a maior festa da comunidade. Conjuntos da Bolívia, do Peru, já tiveram aqui. O povo se agita quando a gente fala da festa dos Gideões. E por ser de homem, uma festa de varões, é uma festa espiritual. Festa onde Deus trabalha, onde Deus fala aos corações. Quando chega a festa dos Gideões aqui em Provetá, o sangue corre com mais violência. A gente trabalha, mas é recompensado.

De acordo com o trabalho de Glaucia da Silva (1988) sobre os pescadores de Piratiniga em Niterói, a categoria que mais proximamente se ajusta ou representa a idéia da presença de Deus é a de força. Todo o Universo parece ser organizado segundo o critério da intensidade dessa força. A força está referenciada em 5 contextos. A força muscular, física, atribuída basicamente aos pescadores e aos peixes e associada aos ventos, chuvas e ondas. Para os pescadores, o ato de comer peixe dá força e está associado a ser sadio.

Ainda segundo a autora, a força física dos homens pescadores é atributo indispensável nas tarefas do mar. Estar no mar significa estar “submisso às leis naturais”, enfrentando seus perigos que abrem a possibilidade de a vida ceder à morte, inesperadamente. E além disso, significa estar longe da sociedade, do que lhe é familiar e decodificável: no mar, a sabedoria a respeito da arte da pesca e a precisão com que se deve ler seus indícios tem eficácia relativa frente à imprevisibilidade dos agentes naturais.

O “*sangue correndo com violência*” é atributo do poder masculino. A atividade braçal e de resistência muscular como condição primordial para o trabalho na pesca favorece a noção de que a força dos homens pescadores se diferencia sob esses aspectos dentro do espectro social. Eles são conscientes e, disso, têm orgulho.

Trabalhar no mar pressupõe o enfrentamento de condições de adversidades particularmente graves. Afastar-se da terra firme é navegar sobre o mundo invertido daquilo

que não é firme por excelência. No barco do pastor Manoelzinho, a força da natureza é enfrentada com braços e com a ajuda da força de Deus. O imprevisível, o perigoso e mortal é aceito dentro da ideia da criação de um Deus onipresente e onipotente. Ser um pescador crente é estar mais preparado para enfrentar essas diversidades.

Noé não era pescador, pois não conseguia se acostumar ao balanço do mar. Sua presença constante na vila o disponibilizou para os trabalhos da igreja de uma forma mais assídua que a dos homens que trabalhavam na pesca. Ele formou o conjunto dos homens e dos jovens. São esses oitenta “varões”, trabalhadores da pesca que financiam a festa. Manoelzinho nessa mesma conversa disse que quanto maior é a dificuldade em fazer a festa devido à crise mundial no setor de pescados, maior é a espiritualidade da festa.

A festa financeiramente fica difícil, porque você sabe que a crise é geral. E pra nós que vivemos da pesca, a dificuldade é grande. A dificuldade torna-se maior em situação financeira, mas ao contrário, em espiritualidade, ela torna-se maior. A cada ano, Deus melhora o lado espiritual da festa. Tem sempre uma surpresa que você não esperava. A gente acredita, tem fé que vai acontecer e acontece. É uma glória, uma benção.

A festa dos Gideões é composta por homens que retornaram à igreja após o período do desvio. São os homens, de acordo também com as palavras de Manoelzinho, quem detém o papel de maior destaque dentro da hierarquia da Igreja local. São em sua grande maioria pescadores com diferentes atribuições na pesca. Alguns são pescadores do barco do pastor. Manoelzinho comentou a dificuldade em reunir os homens em comparação ao grupo das mulheres. De acordo com seu ponto de vista, os homens pensam “*mais forte, mais pesado*” que as mulheres, então a missão de reunir os homens com uma finalidade comum a todos se torna mais difícil. “*Precisa ser Deus trabalhando nos corações*”. Ele continua:

Você vem do mar, o cara já chega do mar cansado, aí você exige dele no ensaio. Não pode dormir depois do almoço. Quando passa o dia da festa você chora. Já passou a festa, que alegria, que pena. Foi aquela festa pra chegar e passa muito rápido.

O que Manoelzinho quer dizer quando diz que os homens pensam mais pesado tem em relação às mulheres, deve estar relacionado à atividade pesqueira – o trabalho braçal, duro no mar, meio ambiente rústico que requer habilidade e resistência. Quando estava no barco com

os pescadores muitas vezes ouvi a frase: “*É aqui onde a criança chora e a mãe não vê*”. A dificuldade, que é motivo de preocupação e cuidado, e faz com que muitos pais da “*nova geração de doutores*” não queiram a profissão de pescador para seus filhos, compõe a noção diferencial entre os gêneros e é motivo de orgulho. Os meninos desviados mesmo em terra já participam de um meio social onde as brincadeiras machistas e jocosas estão constantemente presentes. É comum brincadeiras e desafios verbais no futebol em terra onde meninos participam de um tipo de relação na qual a ofensa e a teatralização jocosa são comuns.

Tradicionalmente, a participação em jogos e desafios é concernente ao gênero masculino nas mais diversas culturas e boa parte dos significados articulados ao modo de ser masculino se relaciona em aceitar desafios propostos por outros homens. (Gastaldo, 1995: 117). Eventualmente esses desafios tomam forma direta de ofensa a honra – caso do futebol. Outras vezes, operam em um nível mais simbólico e entram no lugar da ironia e do sarcasmos – caso do barco. Essa sociabilidade marcadamente masculina pode muitas vezes derivar para formas bastante agressivas de interação, que ficam no limiar do que possa ser considerado “brincadeira”.

O comportamento é tal que em qualquer outro contexto social ele expressaria e geraria hostilidade; mas tal atitude não é a sério e não deve ser levada a sério. Há uma pretensão de hostilidade e uma real amizade. Posto de outro modo, é uma relação de desrespeito consentido. (Radcliffe-Brown, 1959: 91)

No barco ou em terra, esses homens experimentam um tipo de interação social que vai compor um modo de sociabilidade particular.

A construção simbólica da diferença masculino/feminino, procurando, no conjunto de representações próprio a cada sociedade, os elementos invariáveis cujo agenciamento se traduziria, sempre, por uma desigualdade considerada como natural, inscrita na ordem do mundo, ganha uma nova perspectivas nos estudos atuais sobre construções de gênero. Assim como outros autores, Hérítier também considera que as categorias de gênero e as representações da pessoa, do corpo e de suas partes, por exemplo, não são fenômenos universais, inscritos em uma natureza biológica irreduzível, mas constituem, ao contrário, construções culturais específicas de cada sociedade.

Débora Breder argumenta sobre a descrição da autora estendendo sua tese que liga a noção de masculinidade às percepções do corpo e do meio social onde os sujeitos estão inseridos à noção de formação da pessoa.

Em sua ótica, a observação das qualidades sensíveis teria levado à constatação, em si mesma bastante trivial, tanto da diferença entre os sexos quanto dos diferentes papéis desempenhados por cada um na reprodução. Ao considerar esse ponto de vista é preciso notar que, para a autora, a noção de identidade passa necessariamente por uma representação do corpo e de seu lugar no mundo, sendo impossível viver como indivíduo, ou seja, como ser social e sexuado, sem se colocar problemas relativos ao corpo. Nesse sentido, argumenta, ao analisar as categorias de gênero é preciso levar em conta as representações relativas ao corpo, aos diferentes papéis desempenhados por cada sexo na reprodução, aos aportes dos ancestrais e genitores na formação da pessoa. (Breder, 2011)

Faço uma ponte aqui do que a autora apontou como “pessoa” ao estudo de noção de pessoa de Marcel Mauss. O autor observa que as pessoas, ou os indivíduos escrevem seu status e suas leis em todos seus relacionamentos e expressões diárias. Dessa mesma maneira, posso concluir, que a noção de pessoa por estar historicamente ancorada nas práticas sociais que irão formar o indivíduo circunscrito em seu meio social, também carrega as informações tributáveis a formação do gênero.

Mauss descreve a categoria da “noção de pessoa” (2008) observando entre diferentes culturas o status do “eu” e da pessoa. O autor traça de forma um tanto evolucionista a maneira sobre a qual essas culturas desenvolveram a ideia consciente do eu individual. Dos pueblos norte americanos, que estruturam a ordem social através do drama dos jogos de máscaras nos rituais no qual cada ator individualmente representa a totalidade prefigurada de cada clã, até a *persona* latina, onde a “pessoa” é mais do que um elemento de organização; mais do que um nome ou o direito a um personagem e a uma máscara ritual; ela é um fato fundamental do direito.

Paralelamente, a palavra *persona*, personagem artificial, máscara e papel de comédia e de tragédia, representando o embuste, a hipocrisia – o estranho ao “Eu” – prosseguia seu caminho. Mas o caráter pessoal do direito estava fundado, e *persona* também havia se tornado sinônimo da verdadeira natureza do indivíduo. (Mauss, 2008: 389)

O interessante aqui é compreender o jogo performático do personagem do pastor Manoelzinho diante da câmera, no qual ele performatiza e ao mesmo tempo busca traçar uma narrativa daquilo que entende ser o seu papel social, enquanto pastor, mestre e líder comunitário. Através desse jogo reflexivo, é exposto um certo “tipo ideal” que representa a não somente sua “*persona*”, como também a totalidade prefigurada da imagem ideal dos pescadores crentes provetaenses.

Volta e meia nossa conversa era interrompida por alguém querendo saber a opinião de Manoelzinho sobre alguma tarefa da preparação da festa. Manoelzinho se equilibrava do lado de fora sobre a marquise, pintava e deliberava sobre outros afazeres e funções de “seus

homens”. Ao ser interrompido por outros homens que queiram saber a cor que usariam para pintar o refeitório, respondeu prontamente “*de branco*”, pois se fosse azul ficaria muito escuro.

Na parte interior do hotel, Cícero, presbítero da igreja, pintava os cartazes que comporiam o cenário do interior da igreja nos dias de festa. Cícero trabalha na prefeitura na limpeza de Provetá. Segundo o pastor Manoelzinho, ele é um artista e concebe todas as peças gráficas de todas as festas em Provetá.

Manoelzinho explicou o motivo principal da festa que estampava o cartaz principal – “*Marchando rumo à vitória*”. Segundo ele, o povo de Deus está marchando para o céu e não pode se desviar do percurso. Então o cartaz era para reforçar esse objetivo e tudo aquilo que se passar no culto terá esses dizeres como inspiração.

Esse cartaz vai ficar de frente na igreja para todos lembrarem que os Gideões estão marchando naquele rumo. Marchando sempre na direção sem perder o rumo. Igual na embarcação, se você perder o rumo, você tem um acidente. Você não pode perder aquela linha. Nós que somos crentes e vamos rumo ao céu temos que marchar em linha reta.

No cartaz havia a imagem pintada de um mar aberto com uma faixa de areia separando as duas margens de águas. O simbolismo era o da passagem do Êxodo na qual Moisés escapa atravessando o mar em direção a Canaã após abrir magicamente o mar com seu cajado.

A vitória está do lado de lá e o povo está marchando pra conquistar a vitória. E a nossa vitória como cristão também não está na Terra e nós estamos caminhando em rumo à nossa vitória em linha reta sem olhar para o lado, rumo ao céu. Isso serve pra memorizar e mostrar pro povo que nós estamos trabalhando em cima de uma meta e não podemos vacilar.

À pedido do rapaz que pintava a fachada, Manoelzinho desceu até a rua para ver como estava a pintura, dois rapazes passavam e comentaram sobre a passagem de um cardume próximo ao litoral. Eles disseram que deram um lance de rede e mataram muitos peixes. Manoelzinho disse que tinha a informação de que havia uns cardumes passando mesmo. Os rapazes iriam levar alguns peixes para Manoelzinho e o pastor os convidou para almoçar em sua casa. Muito generoso, como de costume, Manoelzinho se virou em nossa direção e nos

convidou também. Nessa hora o pastor presidente Elizeu também apareceu e Manoelzinho falou que era para o pastor apresentar a nota das tintas para a prefeitura incluir no apoio dado à festa. *“É uma maneira da gente não gastar tanto”*. O dinheiro gasto na festa vem de doações de moradores pescadores cristãos principalmente, entretanto alguns que estão afastados também fazem doações para a festa. A prefeitura de Angra também ajuda com material e outros insumos, segundo o pastor.

Findado o serviço da pintura da fachada do hotel, Manoelzinho tinha o compromisso de ensaiar o conjunto com os cantos e hinos que fariam parte do culto na igreja. Disse que seus homens comiam muito peixe e que isso fazia bem a mente ajudando a memorizar as músicas nos ensaios.

Sáímos do hotel para a rua e ouvimos o som de música que vinha do interior da igreja. Entramos e lá, Nice ensaiava o conjunto das crianças para a festa. Fizemos algumas tomadas e fomos à casa de Marcela para o almoço. Depois do almoço descemos até a casa de Manoelzinho que fica no mesmo terreno, mas na parte de baixo dos dois andares de construção. Manoelzinho dormia recostado numa cadeira na sala com a mesma roupa que havia pintado o hotel. Esperamos, tomamos café com batata doce na manteiga e Marcela desceu para ajudar aos pais vestirem-se para a festa. Marcela e Magna, esposa de Manoelzinho nos convidaram a entrar no quarto e abrindo o armário mostravam para a câmara as opções de terno, gravata e sapatos do pastor. Marcela pegou o sapato escolhido e disse que todos os sapatos do pastor são encomendados e personalizados. Conversando e olhando para a câmara ela comentou que o pastor possui mais de dez pares. *“Ele é muito vaidoso com sapato”*. Da gravata à cueca tudo foi escolhido pela filha e pela mulher do pastor.

Mais tarde, Manoelzinho se vestiu com a roupa escolhida e saiu de casa rumo à Igreja. Nesse momento, um pastor de Barra Mansa entrou perguntando por Neném, seu genro, casado com Marcela, com o finalidade de combinar um passeio na manhã do dia seguinte para pescar. Marcela disse que iria dar o recado para Neném, já adiantando que estava tudo certo. *“O Neném adora pescar”*.

Mesmo desviado da igreja Neném tem um papel fundamental nos dias de festa. Com ele fica o encargo de levar os convidados do pastor Manoelzinho para passeios nas ilhas e praias próximas. O papel desempenhado por Neném representa a noção de transversalidade espacial que está presente em Provetá. A igreja, o barco e a comunidade são locais que perpassam entre si experiências comuns a cada um desses espaços separadamente. Neném sob

certo aspecto trabalha para a igreja quando leva para pescar visitantes religiosos estrangeiros, mesmo sem pertencer à membrasia. Seus serviços estão de acordo com a hospitalidade local e são uma extensão da boa receptividade comum à casa do pastor Manoelzinho.

No caminho da igreja, Manoelzinho foi parado por uma moradora que explicou o motivo da ausência de seu marido na festa daquele ano. Ela deu o recado do marido pedindo desculpa pela falta e explicando que o marido estava num trabalho novo e que não conseguiu ser liberado para a festa. Manoelzinho escutou atentamente. Certamente, o marido da senhora é um integrante do conjunto dos Gideões e ela achou conveniente dar uma explicação para sua ausência. A presença dos membros da igreja em dia de festa é cobrada pela comunidade evangélica.

Manoelzinho passou através da entrada da igreja cuja a porta foi aberta por seu filho Magno. Após alguns testes no equipamento de som da igreja e algumas deliberações como a decisão sobre o melhor horário da saída do barco para trazer de Angra um grupo de irmãos, Manoelzinho deu início ao culto chamando o pastor Osmar, marido da irmã Marilene, sua irmã. Logo após, Manoelzinho apresentou o presbítero Manoel Ramos, segundo regente do conjunto de Gideões que faria o louvor. Durante os hinos cantados, Manoelzinho organizava o interior da igreja, explicando aos poucos presentes que cedo já estavam na igreja como deveriam estar distribuídas as formações dos grupos de jovens, crianças e adultos na arrumação da igreja. Frente ao coro dos homens, Manoelzinho regia com movimentos braçais as músicas que se seguiam. Depois do louvor, o pastor Elizeu, pastor presidente, fez a leitura. O pastor leu o trecho da Bíblia que narra a passagem de Moisés pelo mar Vermelho, tema da festa deste ano. O tema da festa a todo instante era lembrado e os trechos do Novo Testamento eram escolhidos de acordo com ele.

Manoelzinho após a leitura do pastor Elizeu atravessou o púlpito e conversou com o pastor Elizeu sobre a ausência do pregador para aquela noite. Disse-lhe que iria colocar o pastor Vadico para pregar no lugar do outro pastor. Elizeu concordou. Em seguida, Manoelzinho passou por Vadico e falou em seu ouvido para que ficasse ligado para pregar aquela noite. Vadico concordou, mas com certa surpresa.

Manoelzinho desceu até a frente do conjunto dos homens e regeu duas músicas com bastante entusiasmo. A banda que estava atrás do pastor, na frente do conjunto dos homens também recebia a regência do pastor que ora pedia por mais som de baixo, ora mais energia na bateria.

“Desligue de tudo lá de fora, porque o espírito de Deus está aqui. Mirem-se no céu!”

Pastor Vadico foi ao púlpito para a pregação. Muito enérgico – lembrando o que Manoelzinho falara anteriormente sobre “*o sangue correndo com mais violência*”, por ser festa de homens – narrava a epopéia do povo de Deus contra o faraó egípcio no Mar Vermelho. Quando trazia a história da Bíblia para a realidade, Vadico transmutava os personagens bíblicos em heróis e guerreiros do mar e da pesca.

“Deus falou a Moisés diante do mar: parte pra cima! Agora irmãos quando eu disser parte pra cima vamos partir pra cima com um passo a frente!”

Os homens dentro da religião pentecostal da assembléia de Provetá são os eleitos para levar a “palavra” para além da vila. O testemunho é marcado pela vivência experimentada na trajetória masculina que passa pelo período do desvio da igreja. No altar da igreja somente havia pastores sentados atrás do pregador Vadico e sua performance era pontuada por gestos e gritos fortes numa franca demonstração de virilidade masculina.

Os desviados sempre eram sempre lembrados como filhos cujos pais presentes na igreja deveriam chamar a força do Espírito Santo para que estes voltassem ao caminho correto do reino do Céu. A intensidade dos gritos do pastor amplificada pelas caixas do som da igreja causava uma resposta dos crentes presentes que também clamavam alto e glorificavam o Senhor falando línguas estranhas e preenchendo o som do lugar com ondas de gritos e sussurros. A captação desse momento pela câmera e sua possível exibição como parte desse trabalho dará uma noção mais próxima do real do que aconteceu naquela noite. Acredito que seja o exemplo vivo daquilo que Manoelzinho se referia quando afirmou que os homens pensavam mais pesado, com mais violência.

Os Gideões em seguida começaram um novo hino de louvor e fizeram um fila percorrendo a igreja em círculo. Os crentes presentes cantavam e levantavam a mão. Alguns choravam. Ao serem tocadas pelo Espírito Santo ou ver a maior parte dos seus colegas também serem, a existência de uma dimensão transcendental se revela como algo real. É nesse momento que a sociedade se realiza como eminentemente religiosa. Além do aspecto religioso, outros modos de comportamento são percebidos e exaltados através da performance ritual, como as normas de gênero. Essa percepção parece estar relacionada com o que as mulheres e homens adultos vêem como legítimo e não-legítimo nas condutas dentro das normas de gênero da comunidade. A categoria homem e mulher, neste caso, menino e menina, envolve atributos sociais e simbólicos, como poder fazer certas coisas, através da

experiência do observável, exercer legitimamente a sexualidade, assumir comportamentos dentro de uma determinada ordem.

O culto prosseguia e Manoelzinho continuava regendo o coro e deliberando sobre a organização da festa. Ele se aproximou novamente do pastor presidente e perguntou quem iria fazer a consagração na manhã seguinte. Pode ser o pastor Marcos? Pode, respondeu o pastor presidente. Logo após, Manoelzinho foi até o pastor Marcos e perguntou se ele aceitava e ele disse que sim. “Amém, é de Deus”. Toda movimentação do pastor Manoelzinho pela igreja só pôde ser decifrada quando mostrei as imagens captadas posteriormente a ele. Ele me contava o que fazia no plano, explicando seus passos durante o culto.

Assim Manoelzinho terminou o culto daquela noite:

Eu tenho um recado. Nos Estados Unidos toda nação fica apreensiva e eles estão fechando tudo, aeroportos...Só que eu tenho um recado da parte de Deus que é o contrário. Vocês ao invés de fechar o coração devem abrir o coração, porque tem promessa séria de Deus pra nós. Deus fez uma promessa muito séria pra nós lá no monte, meus irmãos e eu estou esperando. Até o final desse trabalho eu estou esperando a benção. Se não vier hoje, eu continuo esperando de manhã, porque ele prometeu e ele vai cumprir com sua palavra. Aleluia! Ele lá dá a notícia deles na televisão e não cumprem. Mas o nosso Deus não, nosso Deus fala e cumpre. Fica ligado!Os barcos estão na bóia ouvindo também a palavra. Quando não tem peixe não tem dinheiro, mas no final vai dar tudo certo!

2.3 “Segundo dia” - A Festa

Pela manhã, enquanto acontecia a consagração na igreja, grupos chegavam ao cais vindos de outros locais, como, por exemplo, Volta Redonda. Um dos barcos chegou ao cais com uma banda de lá tocando músicas evangélicas. Os visitantes se dirigiam direto para o hotel da igreja, onde se instalaram e fizeram uma refeição. Muitos dormiram logo após, outros saíram debaixo do sol forte para passear pela comunidade.

À noite estávamos novamente na igreja para mais um culto dentro da programação da festa dos Gideões. Entre alguns testemunhos dados por membros da igreja, coordenados pelo pastor Manoelzinho, grupos convidados de outros lugares como Praia Vermelha e Volta Redonda apresentavam também seu louvor com seus conjuntos musicais. Um deles se chamava Varões de Guerra. Existia algumas diferenças entre os grupos convidados de fora e a comunidade de Provetá presente na igreja. A vestimenta era muito mais elaborada e “chique”

entre os membros da igreja de Provetá e as músicas dos grupos de fora que ouvi naquela noite possuíam uma clara inspiração em ritmos nordestinos, como o xote e o forró. Era claro o estranhamento por parte de alguns presentes em relação ao barulho daqueles ritmos diferentes na igreja. Manoelzinho pegou o microfone e disse que a igreja era lugar de se fazer barulho: “... *é lugar de alegria, é lugar da presença do Espírito Santo*”. Claramente, tentava naturalizar o som estranho. Nesse momento muitos já estavam de pé e se movimentavam, gesticulando os braços, pulando, dançando, mexendo o corpo numa espécie de êxtase característico da presença do Espírito Santo. O pastor se referindo a um crente que se mexia muito, levantando os braços para cima e pulando, disse: “*A igreja é lugar de glória, olha aí Deus trabalhando!*”

Em seguida, o pastor presidente anunciou a passagem da ofertório:

O irmão Augustinho, anunciado pelo pastor Manoelzinho, deu também sua palavra:

Gostaria de dar a palavra que se encontra no livro de Joel, capítulo 2, versículo 7 que diz assim: ‘Como valentes correrão, como homens de guerra subirão o muro e irá cada um no seu caminho e não se desviarão de sua fileira.’ Que cada Gideão seja valente e caminhe em rumo de sua vitória para não se desviar de sua fileira. Pedir também para vocês desviados que estão aqui na casa do Senhor, para que vocês possam levantar sua mão pra Jesus e pedi seu perdão.

Em seguida o pastor presidente anunciou o coro “Soldados de Cristo” que cantaria enquanto as doações eram recolhidas por seis homens que percorriam toda a igreja.

Essa terra é a terra da benção. Todos que vem em Provetá saem daqui abençoados! Então se você quer ser mais abençoado contribua nessa festa. As irmãs estão trabalhando na cantina para a gente poder dar uma ajuda na passagem do pregador. Você veio à Proveta para sair daqui abençoado se você abençoar a igreja. Se você não abençoar, não adianta chorar depois. Quem não é evangélico, você não é constrangido a contribuir, mas se você quiser contribuir tenha a certeza que você estará contribuindo para Deus. Se você ajudar os Gideões, tenha a certeza que esse ano será de mais benção para você. Você veio à Provetá e sairá daqui abençoado se abençoar a igreja. A todos aqueles que puderem contribuir e aos que não podem contribuir, Deus abençoe a todos! Digam amém!

O coro começou a cantar e o ritmo agora era de samba. A letra dizia:

Crete turista é aquele que só perto dele o fogo não cai / Mas quando Jesus manda fogo, ele corre de novo pra não se queimar / E se tem crente curioso, Jesus queima, queima agora, o poder se manifesta e se reverte em benção e glória / Se pede perdão nessa hora, Jesus dá vitória pra ele vencer / Se tiver turista na igreja tenho certeza Jesus vai queimar.

Nesse momento, alguns Gideões se levantaram com a bolsa para recolher entre as fileiras de bancos da igreja. É um momento forte de demarcação espacial para os que pertencem à igreja e para os de fora. Os crentes que estão freqüentando a igreja, ou como eles dizem, são cristãos são exaltados, enquanto aqueles que estão ali, mas estão afastados, ou não são evangélicos são colocados numa situação de diferenciação, postos a refletir sobre sua posição de “liminaridade” e a assumi-la perante a comunidade cristã. A participação na performance ritual do culto age para fora dos indivíduos e também reflexivamente no interior do *self*. O conflito instalado a partir da percepção da diferença de status, entre cristãos e não cristãos é parte integrante na estrutura ritual. Mais adiante veremos que a sequência dos eventos levará alguns a se posicionarem, mudando seu status com a aceitação de Jesus. Passando de desviado ou afastado a membro da igreja.

O pastor Marcio de Volta Redonda começou a pregação. Começou falando do povo de Israel escolhido por Deus. Não escolhido para fazer assepsia (suas palavras), mas escolhido para levar a palavra de Deus para todos os cantos do mundo.

Olhe para seu irmão e diga você é um escolhido de Deus. Deus escolheu uma terra para seu povo. Estar nesse território é estar na terra que jorra leite e mel. Quem acredita que está no território de Deus, levante a mão. Eu não sei onde você estava ontem, mas nesse momento onde você está é a promessa de Deus pra sua vida. Está garantida a nossa vitória, o nosso território, a nossa garantia! O satanás mudou de tática. Agora a batalha dele é individual. Ele quer te destruí, destruí sua família, destruí sua igreja. Mina sua força para você deixar de acreditar na força de Deus. Você tem que ser igual a Davi e crer na sua força individual. A unção de Deus te capacita nessa noite. Seu casamento vai dar certo, sua vida vai dar certo, sua igreja vai dar certo! Nós vamos viver a plenitude no senhor e tudo o que tem no meu território, eu vou desfrutar. A luta de satanás mudou. Antes era contra a igreja. Agora é individual. Ele quer acabar com você, com sua família, com a sua igreja! Mas você foi escolhido. Aquela batalha que você ia perder, já entrava par perder, agora você vai entrar cantando vitória. Se você acredita, levanta a mão pro céu. Não tem gigante que vai colocar limite na sua história! Se você esta acostumado em ações como essa ter atitudes de ‘emocionalismo’, eu vou te dar 5 segundos, porque o

teatro é o pai da mentira. E como posso eu, um pregador da palavra, mentir em cima do púlpito. Se você não crê, sente-se em seu lugar! Esse é o povo que Deus escolheu! Esse é o território que Deus escolheu para nós! Se você não crê, em 3 minutos estará adorando ao senhor! Se você está afastado ou desviado, essa é a hora para pedir perdão junto a seus irmãos e aceitar Jesus novamente em seu coração. Se você não é da igreja, entre por essa porta e abaixe sua cabeça que Deus vai te aceitar! E você vai receber um milagre!

Antes que o pastor terminasse sua pregação, Flávio, filho do mestre Ernani, dono do barco que faz o transporte de pessoas de Provetá a Angra dos Reis, entrou pela porta da frente da igreja com as mãos na cabeça e se dirigiu até a frente do púlpito. Junto com ele alguns jovens que estavam no culto também tiveram a mesma atitude e somaram-se a ele para aceitar Jesus. Somente desviados e afastados do sexo masculino estavam ali para aceitar Jesus. O pastor então disse para que todos levantassem suas mãos em direção aos novos filhos de Deus, que aquilo era um milagre.

Assim terminava o segundo dia de Festa, com os jovens sendo aceitos pela igreja para dali alcançarem o caminho da salvação. Após aquele dia, esses jovens teriam que frequentar a igreja com assiduidade e demonstrar para a comunidade através dos atos cotidianos que realmente estavam se livrando dos males da vida mundana, que não faziam mais parte do grupo dos desviados nem dos afastados para comporem a membrasia da igreja.

Van Gennep (2011) mostra em seu trabalho sobre ritos de passagem ou de transição que estes se caracterizam por três fases: separação, margem e agregação. No caso da religiosidade de Provetá, o afastamento se dá quando o jovem sai do domínio da Igreja e da comunidade e entra no trabalho da pesca conhecendo o 'mundo' praticando ações diferentes as da doutrina da religiosidade local. Durante o período liminar intermédio, as características do sujeito ritual (o 'transitante'), no caso local os afastados e desviados são ambíguas: passa através de um domínio cultural que tem poucos, ou nenhum dos atributos do passado ou do futuro (bebem, usam drogas, não frequentam a igreja, etc). Na terceira fase (reagregação ou reincorporação) consuma-se o rito de passagem. Para serem realmente aceitos novamente como membros da igreja, esses indivíduos devem passar por provações e se submeterem a aceitação comunitária religiosa.¹⁵

¹⁵ Turner (1974) aponta a submissão como característica importante das pessoas em estado liminar. Em muitos ritos de passagem os neófitos devem se submeter a uma autoridade que nada mais é senão a da comunidade total. Esta comunidade é depositária da gama total dos valores da cultura, normas, atitudes, sentimentos e relações.

Soube após uns meses que alguns daqueles jovens não tiveram êxito na sua volta à Igreja, pois não cumpriram a promessa de se livrarem do comportamento desviado não completando as etapas de submissão e disciplina impostas pela prática religiosa local. Aqueles que conseguiram permanecer caminham para um dia chegarem ao Reino dos Céus e, para isso acontecer, esses devem ser batizados nas águas do mar de Provetá.

2.4 “Terceiro dia” – O batismo

Pela manhã acordamos e da casa em que estávamos ouvíamos o som da consagração que acontecia na igreja desde as oito horas. Chegamos atrasados, mas registramos a confissão daqueles que iriam receber o batismo do Espírito Santo. Todos foram ao púlpito e declararam frente aos presentes que a partir daquela data estariam carregando por livre arbítrio o Espírito Santo.

Da praça onde se localiza a igreja até a praia são uns 70 metros e durante o caminho uma banda de percussão e sopros de Volta Redonda acompanhou o cortejo com uma marchinha. Os futuros batizados tiraram os sapatos e deixaram na escadaria da igreja para poderem caminhar até a praia e entrar nas águas do mar sem interrupções. Todos vestiam um jaleco branco que cobria todo o corpo até um pouco abaixo da altura do joelho. Jovens, crianças, adultos e idosos iriam receber o batismo do Espírito Santo naquela manhã calorenta de verão. Paulinho que na véspera da festa no Monte Sagrado foi anunciado como um novo membro da igreja, estava entre os batizados. Muitas pessoas, dentre elas crianças, mães, pais, maridos, esposas e irmãos acompanhavam o cortejo até a praia. O clima era de descontração. Muitos se abraçavam e sorriam enquanto caminhavam. Luana se posicionou dentro do mar e enquadrou a multidão de onde, uma a uma, as pessoas caminhavam mar adentro ao encontro dos ministros.

Dois presbíteros chamavam de dentro das águas do mar as pessoas uma a uma e diziam:

Foi de sua livre e espontânea vontade aceitar Jesus como seu salvador? E agora você promete servir o senhor até sua vinda ou até sua morte? Eu ministro do evangelho te batizo em nome do pai, do filho e de Espírito Santo.

Após essas palavras o ministro colocando a mão sobre o peito do crente, o empurrava para trás até afundar toda sua cabeça dentro d'água.

Fernanda, 19 anos, sobrinha do pastor Manoelzinho aceitou Jesus e se batizou naquele dia. Ela disse que estava pronta para o batismo e que tinha escolhido seu caminho. Horas depois no almoço, ela apareceu na casa da Marcela onde estávamos. Marcela a parabenizou pelo batismo e ela agradeceu e provocou Marcela sugerindo que também seria sua hora de batizar. Marcela respondeu que não, pois batismo é uma coisa muito séria e ainda não estava pronta para aceitar Jesus.

Eu sei que quando eu me batizar começa uma nova vida pra mim. Eu vou ser muito importante na igreja aqui de Provetá. Eu sei que tenho um dom e isso pra mim eu só posso fazer quando eu tiver a certeza que estou pronta.

No batismo, o convertido passa a ser membro da igreja e a possuir mais responsabilidade em relação às atividades religiosas. Marcela é casada com Neném, nascido em Provetá e desviado da igreja desde os 17 anos. Hoje Neném (João Carlos) tem 40 anos e, assim como todos moradores desviados que conheci e conversei, pretende voltar um dia para igreja, pois não vê “*outro caminho para seguir*”.

Captamos bem de perto o momento no qual os convertidos foram submersos nas águas do mar e logo vieram novamente à superfície, purificando suas almas e dissolvendo seus pecados. Esses jovens, homens e mulheres dramatizam essa ruptura supostamente definitiva e passam a integrar um novo ser pleno da presença do Espírito Santo.

O batismo fecha o ritual da festa dos Gideões. Os convertidos são alçados a uma nova categoria dentro da Igreja. O ritual foi presenciado por mais de uma centena de pessoas que atestaram o juramento dos crentes nas águas do mar. Através do batismo, os novos convertidos sacramentam a saída da *communitas*. Concebido como passagem definitiva para a nova etapa purificada e espiritual, o batismo pode ser considerado como ultima etapa desse “drama social” Fechando o ciclo do ritual, podemos dizer que esses indivíduos retornam a estrutura, revitalizados pela experiência na *communitas*”. (Turner, 1974)

Durante os dias de pesquisa e filmagem da festa dos Gideões, atestei que a utilização da ferramenta do audiovisual alternou o modo de apreensão do real filmado de acordo com o postulado de duas escolas do cinema documentário: o cinema verdade e o cinema direto. Posto que essas duas correntes se confundem ao longo da história do cinema documentário, aqui vou optar por separar seus postulados de acordo com o que fez Silvio Da-Rin (2004). Para o autor, o cinema verdade seria o cinema da câmera provocadora que apreende o real de acordo com a realidade filmada e teria em Jean Rouch seu maior expoente. E o cinema direto

seria o cinema filmado pela câmera que interfere minimamente diante da realidade que acontece independente dela, entendido através da metáfora da “mosca na parede”.

Ao longo da festa, posso dizer que minha câmera oscilou entre os dois sistemas. Ora provocando de maneira direta a performance dos personagens; isso fica mais evidente quando faço perguntas e a câmera está mais próxima do personagem que dialoga comigo e com a câmera, como no caso da pintura da fachada quando Manoelzinho descreve suas percepções da festa – cinema verdade. Ora registrando os acontecimentos com maior distanciamento devido ao fato da igreja estar cheia demais e eu ter que fixar o eixo da câmera sem atrapalhar o andamento do culto. O que dá a impressão de que a sequência dos fatos aconteceria de qualquer forma, com ou sem minha presença – cinema direto.

3 A PESCA DA SARDINHA

Nesse capítulo tomarei a atividade da pesca como objeto, tendo como ponto de partida algumas questões. Escolhi como eixo central da pesquisa as experiências e narrações pessoais de alguns pescadores que trabalham no mesmo barco conduzido pelo pastor Manoelzinho; e também o próprio pastor e proeiro que é herdeiro de um legado de carisma e liderança que seu falecido pai, o pastor Sales, também sustentava na praia de Provetá. A partir das relações que se estabelecem na pesca pretendo compreender como os moradores de Provetá, principalmente os pescadores, se organizam no espaço social da vila. Como se dá a relação entre o trabalho da pesca e a sociabilidade na vila. Em que consiste ser pescador para os moradores de Provetá? Existe algum tipo de hierarquia social que se dá pelos mesmos critérios da divisão do trabalho na pesca?

Ao todo fiz em torno de 10 viagens à Provetá e pude presenciar algumas festas da Igreja que acontecem ao longo do ano. A primeira festa que acompanhei, como descrevo no capítulo anterior, foi a festa dos Gideões no verão de 2011. Nesta festa produzida pelo corpo da Igreja de Povetá pude perceber que a pesca estava presente nos cultos, nas palavras e louvores. A dificuldade do trabalho dos pescadores era mencionada nos seus cultos e orações. O tema da festa foi “*Marchando rumo à vitória*”. Em vários momentos a pesca era referida como exemplo para mostrar a força de Deus e como a fé é capaz de vencer as dificuldades do trabalho, as adversidades que podem surgir no mar, etc. A oração do pastor Manoelzinho na saída do barco para a temporada da pesca ilustra como a religião faz parte da constituição da identidade dos pescadores provetaenses, do seu modo de viver.

Entre os anos de 60 até o final dos 70, a pesca teve seu apogeu¹⁶. Várias fábricas de sardinha se estabeleceram na Ilha Grande. O atrelamento da produção local com a demanda industrial trouxe desenvolvimento e também a hierarquização do trabalho. A partir dos anos 80 a produção de pescados começou a decrescer. Vários motivos como a queda do manancial pesqueiro marítimo de todo o mundo, a implementação de leis ambientais, proibindo a pesca industrial no contorno da Ilha Grande, a concorrência de barcos maiores, presença de barcos de exploração de petróleo e plataformas, entre outros, contribuíram para a queda da produção de pescados. Em Provetá pude perceber no convívio com os pescadores que existe unanimidade quando se fala do declínio da produção pesqueira nos tempos de hoje em comparação ao passado. A geração dos jovens “filhos do lugar” que conseguem terminar os

¹⁶ Bastos, Marcos e Callado, Cátia Henriques. O Ambiente da Ilha Grande. Rio de Janeiro Uerj/CEADS, 2009

estudos estão escolhendo trabalhar fora da pesca. Pretendo traçar um panorama de como, tomando como eixo principal a linha de parentesco do mestre e pastor Manoelzinho, as diferentes gerações de “filhos do lugar” estão percebendo o campo de possibilidades que se apresenta como mercado de trabalho. Como se dá a partir das mudanças ocorridas ao longo da história do lugar a percepção dos moradores locais em relação ao futuro do trabalho da pesca?

As entrevistas e imagens que fiz na ilha ao longo do campo serviram e servirão de material de pesquisa para trabalho. Como uma extensão do campo, a ilha de edição traz não somente um conteúdo oral das narrativas dos atores sociais a respeito de suas percepções e experiências, como também exibem a mimesis do ethos local. Outro dado que é acessado é a memória correlativa ao momento da captação para o entendimento de como se deu a negociação da filmagem. Como afirma Marc-Henri Piault (2000), tentamos dar centralidade à tarefa de reter o mais fielmente possível “os momentos fugidios do vivido, as singularidades e as diferenças do outro”.

Tendo Neném como principal informante, fui construindo laços de relação mais fortes com o lado masculino da sociedade local. Acompanhando Neném pela vila conheci alguns pescadores artesanais e industriais que negociam materiais de pesca, como óleo, linha, rede na praia, onde ficam os “ranchos” com pequenas embarcações, remos, redes de pesca e materiais afins.

O filme “Dias de Pescador” será meu ponto de partida para analisar as relações que se dão dentro do barco e que formam a pessoa do pescador provetaense. Aspectos como divisão de trabalho e solidariedade, tempo de descanso e relações em terra serão observados para ajudar a compreender os modos de sociabilização dos homens provetaenses que se dedicam à pesca. Vou procurar também lançar luz ao tipo de construção social presente nos dias de pesca no interior do barco ou em terra, nas horas de trabalho e nas horas de descanso, que edificam através dos rituais cotidianos as noções locais das categorias de gênero.

O trabalho da pesca industrial da sardinha no barco Estrela do Horizonte consiste em procurar o cardume, largar a rede, içar da rede pro barco, encher o porão do barco e descarregar o peixe em algum entreposto de pesca combinado anteriormente entre Manoelzinho e o dono do barco em terra via rádio de comunicação. Sendo a sardinha caracteristicamente pelágica, desloca-se horizontal e verticalmente na massa de água, acompanhando os deslocamentos da sua fonte de alimentos, o plâncton, que tende a localizar-se nas camadas mais superficiais durante a noite mais abaixo durante o dia. O sistema de pesca utiliza o fenômeno da bioluminescência produzido por protozoários (*Noctilucius*),

quando estimulados pelos movimentos dos cardumes alimentando-se próximo à superfície. O proeiro fica na cabine de comando ao lado do timoneiro, observando o radar que marca tudo que está abaixo da superfície, dando a direção a ser tomada pelo barco. A captura é feita com uma rede de cerco (traineira) de panagem de fios sintéticos, cujo comprimento total pode atingir 1.300 metros; tendo uma tralha de bóias, que mantém a flutuabilidade da rede e uma tralha de chumbo, que mantém a rede esticada. Ainda presas em toda extensão da tralha de chumbo, situam-se as anilhas através das quais corre um cabo, carregadeira, que, puxado após o cerco, fecha a parte inferior da rede, mantendo a sardinha presa. O proeiro dialoga com o contra-mestre na proa do barco dizendo qual o instante exato em que a rede deve ser lançada. O caíque, ou caíco, é largado de uma rampa na polpa do barco. O anilheiro conta as anilhas em voz alta. O caiqueiro carrega a outra ponta de rede e faz um círculo com o caíco (barco pequeno a motor) para cercar o cardume e trazer de volta a ponta ao barco principal para fechar o círculo. O gelador separa o gelo dentro do porão para estocar a maior quantidade possível de peixe. Quando o peixe está cercado todos descem para o convés para ajudar a colocar o peixe para dentro. As oscilações do mar dificultam as ações. O trabalho de puxar cordas e confeccionar nós é incessante. Todos dão duro no trabalho braçal. Notei que todos se revezam no trabalho no convés e ajudam a manobra para içar os peixes cercados para dentro do barco.

Trabalhar na pesca é uma tarefa dos homens. A prática da pesca continuada através dos anos fortalece essa identidade de gênero que entre a adolescência e a fase adulta, ou seja maiores de 16 anos, sua força motora.

São três gerações de “filhos do lugar” que reforçam a noção de comunidade pesqueira. A relação com o mar não se estabelece apenas quando o homem atinge a idade adulta e se põe a trabalhar através da pesca. O mar é um elemento da vida social permanente na vida da comunidade pesqueira. As crianças brincam de barquinho nas areias da praia simulando situações reais da vida de pescador de seus pais e avós. Os adolescentes e jovens pescam por diversão e os pescadores aposentados costuram redes e pescam de bote ou canoa. Zé Pimenta, de 75 anos, pai de Fabico, genro do pastor Manoelzinho que trabalha também no Estrela do Horizonte, hoje é aposentado da pesca industrial, mas continua pescando artesanalmente. Ele chegou em Provetá com seis anos vindo de Camburi.

Meu pai veio pra cá por causa da pesca. Trouxe nós. Eu, pequeno, já chorava para sair com meu pai para pescar. Pedia a minha mãe pra ela falar com ele pra me levar.

E quando ele resolvia me levar eu ficava muito contente, pegava minhas coisinhas e ia. Com 13 anos já trabalhava em cozinha de barco.

Está presente no imaginário dos meninos em Provetá a possibilidade em tornar-se pescador como seus pais. O lúdico como representação do real nessas brincadeiras naturalizam o ofício de pescador como futuro horizonte possível. O trabalho da pesca desde muito cedo se impõe aos jovens e crianças não do modo como afeta os adultos, com esforço e responsabilidade, mas como fator de socialização, através de atividades periféricas à pesca que invadem o ambiente doméstico. Ajudar a limpar o peixe, carregar utensílios para o pai pescador, buscar material que chega ao cais para construção e manutenção das casas, etc.

3.1 O Desvio – a diferente construção da noção de pessoa entre homens e mulheres provetaenses

A partir das filmagens no “Monte Sagrado” na noite de véspera da festa dos Gideões, observei alguns aspectos que usarei como dados para entender alguns fenômenos importantes que estão presentes na realidade social da comunidade ilhéu de Provetá.

Através da lente da câmera que “amplifica o real”, ao observar as filmagens do ritual do monte na ilha de edição, pude constatar a ausência de crianças do gênero masculino no local. Somente as meninas estavam lá e participavam do culto. Conversando depois com Fabico, ele me disse que elas são mais comportadas, sabem cantar melhor e possuem as letras decoradas, por isso tinham preferência para lá estar. O mesmo se deu quando estive na festa do conjunto Jóias de Cristo em setembro de 2011. Fui a alguns ensaios do coro das crianças e pude notar que havia um número de meninas muito maior do que de meninos, quase o quádruplo. Seguindo a análise, quando nos primeiros dias em que chegamos à Provetá nessa viagem e fizemos um dia inteiro de imagens do lugar, sem roteiro, registramos pessoas andando na vila, meninos jogando futebol, praia, moradores se banhando no mar, etc. Muitos meninos adolescentes e pré-adolescentes soltavam pipa e jogavam bola sem a presença de nenhum responsável. Quase não havia meninas da mesma faixa etária na praia.

A participação nas festas da igreja de Provetá abrange a todos os moradores da vila. A praça em frente à igreja fica cheia de moradores e visitantes que conversam em grupos e desfrutam das iguarias vendidas na cantina da igreja. Mesmo os não membros da igreja ou aqueles que estão afastados ou desviados comentam e indicam na véspera o acontecimento como um evento importante. Nas ruas e arredores da praça da igreja é notável a presença da

festividade, dado o número de pessoas que se espalham até a praia se dispendo até o outro lado da vila, no “canto do diabo”, no forró da D. Áurea. Quando acontece a festa dos Gideões é período de férias escolares. Geralmente, a vila está recebendo visita de parentes de moradores que muitas vezes não são crentes. Os meninos da vila pedem, então, para a D. Áurea, dona da única pousada do lugar, abrir o salão para festa.

No carnaval desse mesmo ano, que aconteceu logo após a festa dos Gideões, pude presenciar uma cena intrigante que muito tem a dizer sobre a diferença do pertencimento à igreja que se dá entre os gêneros. Os meninos que às tardes jogam futebol no campo exibindo naquele contexto suas habilidades verbais e corporais para marcar sua posição dentro de uma gramática extremamente machista do jogo de bola, dançavam aos pares entre eles no forró da D.Áurea. A dança era extremamente sexualizada e os corpos geralmente estavam suados. Fiquei sem palavras, desliguei a câmera antes das primeiras imagens. Não me pareceu ético registrar aquela performance. Indagava como era possível tamanha inversão de papéis entre o campo de futebol e a pista de dança. Jucélia Santos Bispo Ribeiro (2006) argumenta que os meninos estão muito mais aptos a, desde cedo, experimentar a sexualidade através do corpo. Nas brincadeiras jocosas no campo de futebol ou no barco, onde muitas vezes o sexo é colocado na seara de um campo de disputa viril, a sexualidade estaria relacionada a algo sujo, imoral, indecente, obsceno como objeto próprio do masculino. No contexto das meninas, segundo a autora:

(...) a sexualidade para muitas meninas não seria uma seara “correta” para a disputa no campo, uma vez que elas procuram atuar com a performance de “pureza” nas relações com as colegas e com os meninos (...) as meninas representariam a inocência e ingenuidade.

A categoria homem e mulher, neste caso, menino e menina, segundo a autora, envolve atributos sociais e simbólicos, como poder fazer certas coisas, exercer legitimamente a sexualidade, assumir comportamentos dentro de uma determinada ordem. (Ribeiro, 2006)

O tipo de interação da dança dos meninos no carnaval coloca em xeque qualquer concepção de gênero que fixe características de acordo com o sexo. O que está em jogo não é uma masculinidade intrínseca, mas condicional. Na brincadeira da dança, quem estava observando ria e vibrava quanto mais a performance sexualizada da dança transpunha as barreiras do “sexo dado” dos participantes, isto é, quanto mais o menino imitava uma menina dançando. Dessa forma, era comum cada “casal” fazer algo mais radical que o outro numa

performance que pela acentuação exagerada mais se assemelhava a um simulacro da dança entre homem e mulher. O que causava gargalhadas e gritos entre os que assistiam.

O ethos machista presente nas performances do jogo de futebol era naquele momento da dança do carnaval negado, ou suspenso, de modo que os meninos podiam brincar com outro, deslocando o sentido corriqueiro de sua identidade sexual, ao invés de tê-lo como um oponente competidor.

Os papéis sexuais são socialmente forjados e variam de cultura para cultura e de época para época. Peter Fry (1985) explorou as nuances e ambigüidade que habitam as categoria “masculino” no Brasil. Por exemplo, ele propõe uma interpretação dos papéis sexuais que vai além da ideia de que relações sexuais entre parceiros do mesmo sexo, obrigatoriamente denotaria uma identidade homossexual. Em Belém, uma das localidades escolhida para o estudo, o autor constatou que um homem poderia ter relação sexual com um parceiro “bicha” e, contraditoriamente, manter a identidade masculina intacta. O homem que é ativo na penetração, neste caso, pode não se considerar e não ser considerado homossexual. O passivo, “bicha”, representante do feminino, seria o verdadeiro detrator do seu sexo e, socialmente, “condenado”. A conceitualização social estaria orientada pela hierarquização sexual, comum à sociedade brasileira, que estabelece uma posição superior ao masculino em relação ao feminino, visto como ameaça a masculinidade.

Segundo o autor, para entender a forma e o conteúdo dos sistemas de representações sobre sexualidade é fundamental entender que eles são percebidos de acordo com o contexto político mais amplo. As maneiras de entender a sexualidade masculina no Brasil variam de região para região, de classe para classe, e, sobretudo, de um momento histórico para outro. Fry (1985) menciona que na década de 70 em plena ditadura, por exemplo, o grupo Dzi Croquettes levava para os palcos do Rio um espetáculo de dança e humor que subvertia as bases da vida cotidiana num “*deboche apoteótico dos papeis sexuais convencionais*”. Vestindo cílios postiços com barbas cerradas, soutiens compeitos peludos e meias de futebol com sapatos altos, os personagens forjavam outros papeis sexuais dentro de suas performances. O tom jocoso do espetáculo colocava em cheque as posições estabelecidas socialmente dos sexos.

Por analogia, e com o cuidado de não estabelecer um lugar definitivo e esteriotipado na percepção do fenômeno observado na dança dos meninos, havia uma gramática em tom subversivo dos papeis sexuais corriqueiros em sua performance. Aos mesmo tempo em que eram trocados os papeis de alguns atores que assumiam o feminino na dança com seus pares,

a identificação sexual não era comprometida. Ninguém deixou de ser visto como homem após aquela noite de carnaval. Se formos admitir que no carnaval é comum homens se vestirem de mulher sem perder a status masculino, em Provetá essa prática pode manifestar também uma simples fantasia. Se colocarmos a ausência feminina no local como mais um ingrediente contextual, podemos ainda conceber que a fantasia ali está para preencher essa ausência com uma presença espectral, como uma entidade que afirma a permanência de um modelo existente, no qual homens dançam com homens feminilizados, que substituem as mulheres ausentes.

No barco, durante as filmagens do filme *Dias de Pescador*, à noite, presenciei outra cena também curiosa. Em cima do casario a céu aberto, às vezes, passávamos a noite por conta do clima mais ameno. Neném, num desses dias, me apontou para dois pescadores que estavam dormindo sob a mesma manta e, o que me pareceu ser em tom de brincadeira, se acariciavam rindo na frente de todos que ali estavam. Esse tipo de brincadeira desconstrói, a meu ver, aquela imagem unidimensional do homem viril pescador. A possibilidade da flexibilização dos papéis ligados ao sexo traz a noção de que a masculinidade não é simplesmente dada. Ela está em constante construção através dos acontecimentos cotidianos e seus agentes podem experienciar momentos onde as noções de gênero se invertem na sede corporal de seus agentes. Ao sugerir o caráter performático do gênero, Butler sugere que as características físicas “femininas” e “masculinas” não são expressão de uma ontologia pré-determinada, mas sim a cristalização de um conjunto de práticas definidas pela cultura e suas relações de poder. Não se trata de *ser* homem ou de *ser* mulher, mas de um repetir-se quotidianamente “homem” e/ou “mulher”, através de “atos ritualizados”. (2010)

A quase ausência de meninas no âmbito da rua é mais um dado que expõe a diferença entre os caminhos trilhados por homens e mulheres provetaenses no que diz respeito a suas vidas ligadas à religiosidade local. O exemplo dado do forró na pousada da D.Áurea também corrobora o fato da diferença entre os sexos no que tange a forma de estar na igreja ao longo das fases da vida.

Na minha estada na casa da Marcela, filha do pastor Manoelzinho, presenciei inúmeras vezes a mãe (Marcela) procurando seu filho (João Carlos). Algumas vezes acompanhei o pai (Neném) na busca pelo filho que estava na praia brincando com os pés descalços, sem camisa. João Carlos tem 10 anos e participa do conjunto Jóias de Cristo. Mesmo não freqüentando os ensaios do conjunto e indo raramente aos cultos na igreja, João Carlos nessa festa chamou a atenção dos pais pela sua vontade e participação. A mãe,

Marcela, na véspera foi até o cais para pegar o terno do filho que foi encomendado em Angra dos Reis e me disse estar surpresa com a atitude de João: *“Nunca vi o João assim. Até no monte ele foi ontem cedinho.”*

O exemplo de João é interessante. Marcela disse que em algumas festas seu filho João nem vai e ela nem manda fazer a roupa. *“Eu pergunto se ele quer ir, se ele quiser eu apoio”*. Naquele ano, o fato do filho João ter participado da festa fez com que Marcela e Neném freqüentassem também a igreja de forma esporádica. Mas isso não foi suficiente para trazê-los de volta à vida cristã. Além de reforçar os laços de pertencimento a comunidade cristã, as festas religiosas possuem o papel de trazer a família para o convívio religioso. Nessa noite no culto no templo, Marcela e Neném estavam na galeria assistindo a participação do filho no conjunto. Marcela, é a única filha do pastor Manoelzinho que está afastada da igreja.

Em Provetá, o Evangelho é referido como a cultura local. Homens e mulheres desde muito cedo freqüentam a igreja e participam de uma vida social cuja moral é preconizada pelo pentecostalismo. As crianças recebem uma educação religiosa específica na escola dominical e em seus lares através de seus pais, tios, vizinhos e avós cristãos. Existe um grupo na igreja do qual as crianças fazem parte, o Jóias de Cristo. Elas ficam nesse grupo até 12 anos quando passam para a adolescência e mudam para o conjunto Eterno Louvor.

Assim como esse, na igreja de Provetá existem outros grupos. O Círculo de Oração, das mulheres na idade adulta, os Gideões, dos homens na idade adulta, os Atalaias de Cristo, dos homens não casados e a Tribo de Israel, dos adolescentes. Cada grupo desses é também um coral que nos cultos canta versos com mensagens específicas de acordo com os temas recorrentes dos rituais pentecostais. As apresentações geralmente são precedidas de ensaios que ocupam muitas vezes as tardes na igreja. O coral faz parte da liturgia dos cultos e quebram um pouco a monotonia dos mesmos, dando ritmo em canções que exaltam o amor em Cristo e sua adoração.

No decorrer dos anos as noções de infância e juventude foram sendo modificadas na vila.

O desenvolvimento dos conjuntos (...) mostra como foi modificada a construção do conceito de infância e juventude naquele grupo, em extensão ao desenvolvimento dessas noções no interior da sociedade mais ampla. No início, as crianças eram divididas de acordo com o sexo, como os adultos e se comportavam como estes no decorrer do culto. O indivíduo era considerado criança até efetuar o casamento. (Mendonça, 2011)

Hoje em dia existe um só conjunto que agrega meninos e meninas da mesma faixa etária. Magno, filho do pastor Manoelzinho freqüentou a escola dominical na sua infância e fez parte dos conjuntos das crianças e adolescentes. Na minha última viagem que fiz à Provetá antes de seu casamento, Magno fazia parte do conjunto dos jovens, Atalaias de Cristo.

Eu freqüentava a escola dominical. Eu era um jóia de Cristo. Aprendi muita coisa. Parte do que eu sou hoje, quer dizer, tudo o que eu sou hoje, meu jeito de pensar, meu jeito de agir, eu aprendi na escola dominical quando eu era criança...fui criado dentro dos padrões bíblicos. Nasci em um lar cristão. Isso é o que eu sou hoje. Minha mãe e meu pai que me ensinavam em casa.

Magno argumenta, como a maioria das pessoas que tive contato, que antigamente a rigidez na conduta social era maior e mais repreendida. Ele conta que, quando criança, ele e os amigos não podiam tomar banho de mar e nem jogar futebol.

A gente vinha pra praia jogava bola escondido e depois caía na água de roupa e tudo. Depois colocava a roupa na pedra pra secar pra poder voltar pra casa. Se meu avô, minha mãe descobrisse, eu apanhava, ficava de castigo. Hoje, a mentalidade tá mais aberta.

Ao serem educados dentro da mesma doutrina pentecostal, homens e mulheres desempenham diferentes papéis sociais, o que se intensifica na fase adulta. Como uma extensão da sociedade na qual Provetá está inserida, a educação das meninas está mais ligada a repressão das manifestações sexuais de acordo com a doutrina pentecostal que lhes é ensinada. Como já mencionei, os meninos são criados com mais liberdade e isso é notado nos exemplos citados acima, no ensaio do grupo das crianças e no Monte Sagrado, onde se percebe a ausência de um número significativo de meninos nessas atividades.

A freqüência na igreja das crianças depende muito da influência dos pais. É comum crianças que não são assíduas durante o ano, estarem mais presentes nas atividades em época de festa. As festas religiosas da igreja de Provetá possuem esse caráter aglutinador que fortalece o espectro presencial da religiosidade na vida social. Em Provetá as festas da igreja são eventos que englobam toda a comunidade. Mesmo aqueles que estão afastados ou desviados da igreja, participam da festa. Em diferentes ocasiões, ouvi comentários sobre as festas de meninos que estão desviados, como *“hoje vai ter festa, vai ser bom, etc...”*. As festas da Assembléia de Deus em Provetá possuem essa função de afirmar os valores

religiosos e divulgar seus preceitos. É o momento clímax, onde os evangélicos performatizam o que aprenderam anteriormente, durante o ano.

Dona Deca, mãe de Fabico, outro genro do pastor Manoelzinho, casado com Manoela, conta que sempre fez questão de que o filho freqüentasse a escola dominical, pois ali ele teria o aprendizado do caminho certo a seguir, ou seja, o caminho cristão.

O Evangelho diz: crie seus filhos no caminho que eles devem andar, pra quando crescerem não se desviarem dele. Eles se desviaram, mas depois eles voltaram. O Fabio era muito levado. Muitas vezes eu ia buscar ele no jogo da bola pra dar banho nele e botar ele pra ir para a igreja. Até hoje ele fala: mãe, eu nunca esqueço o que a senhora fazia comigo. Me pegava pra ir pra escola dominical. Depois ele se desviou, mas depois voltou. Ele já ta na igreja há uns 10 anos, casou-se com a Manuela filha do pastor Manoelzinho. As minhas filhas nunca desviaram não.

Ela diz que também nunca se desviou da igreja:

Eu sou evangélica desde o ventre. Quando eu nasci meu pai já era pastor...lá no Sono, Paraty. Com 12 anos eu vim pra cá trabalhar. Com 14 anos eu voltei de novo e foi quando eu conheci ele (Seu Zé). Esse tempo todo eu estava na igreja. Sempre vivendo o cotidiano da igreja. Eu nunca desviei da igreja não. Desde que nasci, meu pai era evangélico, pastor de igreja. Hoje Jesus já levou ele, só tenho minha mãe.

A trajetória da mulher da infância até a idade adulta na vila de Provetá está mais vinculada aos preceitos da educação cristã de um modo mais regular. Poucos casos de desvio da igreja por parte das mulheres são efetivados. Enquanto a trajetória dos homens está marcada pelo período do desvio, a norma para as mulheres é que elas possuam uma permanência constante nas atividades religiosas.

Nathália, neta de D.Deca, tem 15 anos e estuda em Angra na CEFET. Passa a semana em Angra e volta nos fins de semana para Provetá. Sua mãe teve que se mudar para Angra para acompanhar a vida escolar da filha. Como dispositivo de filmagem, isto é, como proposta de cena para desencadear algum tipo de sequência naturalista para o filme, eu sugeri que Nathália convidasse seus amigos para um passeio na praia, onde poderíamos conversar. Dessa forma, acreditei que pudesse surgir de improviso alguns assuntos importantes para a pesquisa envolvendo a questão da vida dos adolescentes de Provetá. Nessa viagem estava sozinho. Magno me acompanhou como um bom assistente, me ajudando a carregar a câmera e o tripé e sugerindo também locações onde a filmagem pudesse transcorrer tranqüila. Chegando à casa da amiga Fernanda que ouvia um CD com músicas evangélicas, Nathália

contou para sua amiga nosso plano. Passamos na casa de um outro amigo das meninas para pegar o violão e partimos em direção à praia. Os três tocaram e cantaram três músicas que costumam cantar na igreja e depois conversaram um pouco comigo. Nathália me contou que nunca saiu da igreja e que pretende assim continuar. Perguntei o que ela mais gostava de fazer e ela me disse que gostava de cantar os hinos da igreja. Uma das letras que ouvi naquela manhã tinha como tema a paixão. A música exaltava a paixão por Jesus, mas podia muito bem ser confundida com a paixão entre homem e mulher.

Se pensarmos a diferença da educação do homem e da mulher na sociedade secular, podemos admitir que a educação religiosa destinada aos provetaenses lhe é extensiva, porém agrega valores próprios da moral evangélica. Cuidados na aparência como não usar jóias ou bijuterias, usar cabelos compridos e usar saias são regras de comportamento que a mulher desde cedo deve seguir. No pertencimento formal à igreja, o cumprimento da doutrina pentecostal é essencial. O cristão (o crente que está na igreja) não deve fumar, beber, jogar, não deve fazer sexo fora do casamento e deve se guardar para uma só pessoa após contrair matrimônio. Para as mulheres essas regras costumam ser mais rígidas. Os casos de afastamento compulsório da igreja se dão por motivos ligados à sexualidade. Diferente dos homens que já possuem em seu horizonte o desvio como possibilidade, eu diria, até como norma quando chegam à fase adulta e saem para trabalhar na pesca, às mulheres o desvio se dá pela quebra do comportamento esperado. Quando casam, as mulheres alcançam um estatuto de estabilidade mais adequado aos ensinamentos bíblicos. Passam da posição de perigo a uma posição estável na esfera social.

É na fase do desvio que o homem começa a ganhar o dinheiro do seu sustento se afastando. Nessa fase de separação da igreja, o homem ganha o status de ser trabalhador da pesca. O desvio se dá aqui como disposição normativa ao ethos local e não unicamente como fator desestabilizante da ordem social local. O espectro social dito desviante, o tempo de desvio são vividos de maneira particular. Os homens, quando retornam à igreja, carregam na bagagem os testemunhos de terem participado da vida mundana, cheia de maldade e perigos. Nas viagens para pescaria os homens conhecem o mundo fora da ilha. Nos portos e enseadas onde atracam, muitos desses homens curtem os bares, boates e gastam o dinheiro com diversão e sexo. O conjunto dos Gideões é formado basicamente por homens que se desviaram e retornaram à igreja. Uma das funções do conjunto é trazer esses homens desviados de volta ao corpo religioso.

O trabalho na pesca longe da família e da comunidade contribui para a formação do pescador proveatense que passa por um período de *liminaridade*, utilizando o termo desenvolvido por Victor Turner.

Os homens são libertados da estrutura e entram na "communitas" apenas para retornar à estrutura, revitalizados pela experiência da "communitas". Certo é que nenhuma sociedade pode funcionar adequadamente sem esta dialética. (...) De tudo isso, concluo que, para os indivíduos ou para os grupos, a vida social é um tipo de processo dialético que abrange a experiência sucessiva do alto e do baixo, de communitas e estrutura, homogeneidade e diferenciação, igualdade e desigualdade. A passagem de uma situação mais baixa para outra mais alta é feita através de um limbo de ausência de "status". (Turner, 1974)

Eu diria que ao perder o status social de homem religioso, fiel aos preceitos da igreja, esse mesmo homem ganha um outro status que funciona como fator estabilizador que o possibilita viver a experiência da vida mundana, que é o status de trabalhador da pesca.

Não necessariamente, os homens de Provetá percorrem a mesma trajetória de vida. Isso pode parecer óbvio, porém é importante que se observe alguns conflitos que permeiam as trajetórias dos indivíduos.

Mariana Mendonça (2011) observa nos dias atuais uma mudança nesse paradigma estrutural que ela denomina de pertencimento contínuo. Muitos jovens que possuem uma condição financeira favorável, cujo pai é pescador, não estão seguindo a mesma carreira, continuando seus estudos em faculdades em Angra dos Reis, Barra Mansa, Rio de Janeiro ou Volta Redonda. Esse fenômeno segundo o pastor Gustavo é um desígnio de Deus. De acordo com ele, depois da chegada da luz elétrica – ponto de inflexão para os moradores da vila – o jovem deixou de ter a pesca como objetivo e passou a dar atenção maior aos estudos. A terceira geração de evangélicos de Provetá parece possuir uma situação econômica melhor que lhe permite seguir estudando. Se antes os jovens possuíam o horizonte de possibilidades restrito a vida de pescador, hoje ele se abre a uma nova perspectiva. Os jovens que continuam seus estudos, então, mesmo fora de Provetá continuam pertencendo à Igreja e pertencem também à elite local. Os que não possuem tais condições financeiras, trabalham na pesca e terminam seus estudos no segundo grau, em geral. A escolha de não ser pescador parece então ser mais plausível àqueles que possuem uma melhor condição financeira.

Magno, filho do pastor Manoelzinho, trabalhou na pesca durante um ano após completar o ensino médio e não quis continuar na profissão do pai.

Acho que todos aqui no Provetá, quando moleque tinha a mentalidade de ser pescador. O pai pescador, o tio, o avô. O meio de sobrevivência aqui em Provetá pra quem mora aqui, ou é pescador, ou é pescador. Na minha casa, por eu ser o único homem da família, a minha mãe não me apoiou, queria que eu estudasse, queria que

eu fizesse outra coisa na vida. Ela tinha certeza que a pesca era um trabalho difícil. Por experiência do meu pai também. Meu pai já passou muito sufoco, já naufragou. E a vida de pescador é difícil. Passa muitos dias fora. Mas eu sempre tive vontade, já cheguei a pescar uma época também. É uma experiência única, você ficar num barco com 14 homens, não pode tomar banho todo dia. Você tem que dormir na beliche, muito apertado. Você dorme de dia e trabalha a noite. É uma vida sofrida pra caramba. Por isso também nunca quis isso pra mim. Eu queria fazer outra coisa. Eu via o sofrimento do meu pai, meu tio. Particularmente, eu nunca quis ser pescador. Mas admiro muito a pesca. Nossa vila vive da pesca., desde quando existe Provetá, é pesca. Tudo que você viu construído é pesca. Pousada, tudo, a maioria das finanças vem da pesca. É um trabalho muito digno. Uma profissão muito linda. As pessoas que mais batalham na vida são os pescadores. Admiro meu pai pela garra que ele tem, pela vontade, pela paixão que ele tem pela profissão. O rumo que minha vida tomou, acho que não seria bom pra mim.

A idade na qual os jovens provetaenses se desviam da igreja nem sempre é a mesma em que começam a trabalhar efetivamente como pescador. Sem falar que muitos desses jovens nem irão trabalhar na pesca. Geralmente, desde criança é possível que o rapaz saia para pescar com o pai por lazer ou, esporadicamente, no barco onde o pai trabalha. Conheci alguns exemplos de jovens desviados que não trabalhavam na pesca ou em outra atividade.

Teteti, cantor da igreja de Provetá foi um caso desses. Ele já trabalhou durante alguns anos na pesca, antes de se casar, mas sua vocação para música, segundo ele, o levou por outro caminho.

Tenho 6 irmãos. 4 estão na igreja e 2 estão afastados da igreja. Me afastei quando tinha 13 anos. Foi legal numa parte e numa outra não. Quando adolescente senti vontade de conhecer as coisas de fora. E algumas coisas me prejudicaram. Eu quis conhecer o outro lado. Conheci coisas que na igreja não existem. Com um certo tempo essas coisas me prejudicaram, porque eu aprendi a beber e a fumar. Eu conseguia essas coisas com facilidade. Depois de certo tempo fui cansando e tive desejo de retornar.

Assim como Teteti, boa parte dos jovens homens de Provetá também se desviam da igreja antes de entrar em alguma atividade laboral. A possibilidade de desvio num horizonte próximo legitimada pela dinâmica do aprendizado de ser homem, favorece a antecipação do jovem na sua entrada na vida mundana. Não necessariamente o jovem precisa ser pescador para estar fora da igreja. Desde criança o menino é criado com um “laço mais frouxo” daquele que mantém a menina reta na disciplina pentecostal, no “caminho da salvação”. Apesar das

mudanças sociais proporcionadas pela entrada da informação do mundo secular através das antenas de TV, celular e internet, que segundo Marcela, filha do pastor Manoelzinho, afetaram, por exemplo, o comportamento das meninas desde o modo de se vestir com mini-saias até seu comportamento na igreja, as meninas ainda se mantêm mais assíduas durante as fases de vida do que os meninos.

O exemplo de vida dado pela trajetória dos Gideões, topo da hierarquia da igreja, que se desviaram, conheceram a vida mundana e retornaram à igreja com o poder do testemunho e da palavra, garante aos homens o respaldo social que lhes possibilita o desvio e essa relação que durante a infância e a juventude transita entre dois universos, o da vida religiosa e o da “vida mundana”. A construção da masculinidade dos pescadores crentes provetaenses se dá quase predominantemente por essa via. Conhecedor de “dois mundos”, o aprendizado da masculinidade inclui o mundo da política – alguns ganham habilidade necessária para assumir os cargos políticos e as funções mais altas na hierarquia da igreja. Há, pois, uma adequação desta construção de gênero com o estatuto social: esses cargos são ocupados por uma “elite local” que possui outros atributos ligados a parentesco, a um carisma religioso e a um poder financeiro que há três gerações tem se reproduzido (cf. BIRMAN, BAKKER e MENDONÇA).

O mundo dos espetáculos e da mídia pentecostal tem também atraído jovens evangélicos, como foi o caso de Teteti. Ele se desviou da igreja aos 13 anos, trabalhou na pesca, se casou e resolveu investir na carreira de cantor. Hoje, ele é contratado para cantar em festas e outras igrejas fora de Provetá. Além disso, possui uma barbearia na extensão de sua casa onde exerce a função de barbeiro para complementar a renda familiar.

O ser humano anda atrás de alguma coisa que possa satisfazer sua alma. Retornei pra igreja e tive uma nova experiência com Deus, porque estava com 22 anos. Eu pude conhecer Deus sozinho, diferente quando meus pais me levavam para a igreja. Eu tive desejo de voltar pra igreja porque eu acreditava que só Deus poderia me tirar daquela situação. Eu tinha que acreditar que podia ser feliz sem usar bebida e maconha.

Nesse depoimento, Teteti expõe a importância da aceitação de Jesus como uma escolha voluntária. Ele precisava ter o poder de optar, de entender por si a dinâmica do retorno à igreja. Como ator dentro da trama da narrativa em que apresenta sua história, ele desempenha conscientemente a dramatização de sua performance. Não mais pertencer à

crença pela vontade de seus pais, mas optar por viver dentro da doutrina pentecostal pela vontade individual.

Interessante prestar atenção nas histórias que cada um constrói para dar sentido a passagem da “vida mundana” à “vida cristã”. Geralmente, os jovens que desviados retornam à igreja chegam ao limite da experiência de uma vida cercada de drogas, bebidas e tudo mais de coisas ruins e prejudiciais. Magno contou como resolveu voltar para a Igreja:

Eu estava no campo e tinha bebido muito e fumado também. Estava anoitecendo quase e o Teleco tava comigo e tinha outros amigos também. Eu falava mas ninguém entendia o que eu estava falando. Minha cabeça doía muito e eu sentia meu coração muito acelerado. Eu tava muito doído. Muito doído mesmo. Eu consegui sair dali e fui na direção da igreja andando sem entender nada. Aí eu parei quase em frente à igreja fiquei abraçado no poste que tem ali chorando muito. Pensei que ia morrer, então eu decidi ir pra casa. Tomei um banho chorando ainda, tremendo e fui pra igreja pra voltar.

No campo da pesquisa, pude notar que os jovens desviados bebem demasiadamente e muitas vezes também fazem uso de maconha e cocaína. Nas minhas filmagens, enquanto fazia a entrevista com o Magno no campo de futebol e ele me dizia que não freqüentava mais o lugar pois não queria constranger nem ficar constrangido na presença de seus amigos desviados, um rapaz caiu no chão de terra no fundo do quadro, interrompendo a entrevista. Magno e eu ficamos preocupados, enquanto outros meninos tentavam despertar o amigo desacordado. Essa cena é ilustrativa do quanto radical é o comportamento de alguns desviados no uso de bebida alcoólica. Recorrentemente, encontrava com rapazes bêbados à luz do dia, independente do dia da semana. A radicalização das oposições se observa a partir da denominação “nativa” dos espaços geográficos da vila. O canto do diabo, onde acontece o forró da pousada da D. Áurea e o futebol onde se faz uso de bebida alcoólica e drogas, está em oposição à praça da igreja na outra ponta da vila.

A experiência desses jovens na “vida mundana” caminha em direção a um extremo amaldiçoado pela moral pentecostal. O retorno à igreja, concebido como único futuro possível se dá geralmente após uma experiência malfadada no mundo das drogas que coincide com o fim de uma linha de fronteira subjetiva que coloca o sujeito muitas vezes face a face com a morte. A narrativa que constrói o discurso do filho regenerado tece esse fio como modelo quase como regra. É comum escutarmos o testemunho dos homens na igreja que obedecem a esse discurso. Teteti:

Eu estava com meus amigos no picinho fumando um baseado e me deu uma angústia muito grande. Comecei a chorar ali na presença deles. E eles não entendiam nada e eu comecei a falar pra eles que daquele dia...e dentro do meu íntimo alguém me dizia que ia morrer naquele dia. Eu comecei a entrar em pânico, com medo da morte. Eu achava que estavam me perseguindo, que meus amigos não estavam nem aí pra mim. Aí eu vim da cachoeira com eles sentamos onde hoje é o DPO, não tinha na época. Eu não conseguia ficar com eles, estava com uma angustia muito grande, aí eu fui pra casa, tomei um banho, coloquei uma calça um chinelo, vim na praia. Tinha um rapaz na praia que era da igreja. Eu fiquei olhando o mar e chorando e o rapaz falou: a única solução pra você é o pastor Eliseu. Eu olhei pra ele, mas ele não olhava pra minha cara. Aquela voz eu ouvia, mas ele não falava nada. Eu olhei pra ele e falei eu vou na casa do pastor. Eu fui caminhando, as pessoas saíam da minha frente achando que eu estava maluco. Eu pedia perdão pra todo mundo, dizia que ia morrer. Ele e o pastor Pedro Paulo oraram por mim, perguntaram o que eu necessitava e eu contei pra eles o que estava acontecendo comigo. Você não vai morrer. Deus tem uma esperança pra você. Daquele dia eu retornei pra igreja, tive um encontro com Deus. Eu fiquei um tempo achando que ia morrer, mesmo na igreja. Parecia que eu estava me acertando com Deus para morrer. Nessa época que eu estava vivendo isso era parada de pesca. Nessa época eu pescava no Jose Augusto 4. Eu tive um atrito com o responsável pelo barco eu fui dispensado do barco. Eu ganhava um dinheiro legal na pesca e comprava o que eu queria. Comprava droga, roupa, bebida...Nesses 3 meses de parada eu fiquei por aqui bebendo, nas noitadas, tocando violão. Eu fiquei 3 meses nessa. Eu desejava voltar a trabalhar, voltar a pescar, mas não conseguia sair de casa, com depressão. O pessoal vinha aqui fazer oração. Eu ficava com medo da morte com dificuldade de dormir.

O desvio, ou seja, a experiência vivida no período de tempo em que estão longe da igreja desfrutando da “vida mundana” capacita o homens para o exercício do testemunho (MARIZ, 1999). O testemunho traz como eixo a historia de antes e depois da conversão individual. Através dessa narração, o homem performatiza por meio de gestos e palavras, como Deus o livrou dos males do mundo por ele experimentados.

Magno, filho do pastor Manoelzinho, não vai como seu pai e seu avô, tornar-se um pescador. Magno se desviou da igreja e ao retornar, logo se casou, passando à fase adulta.

Na ocasião de seu casamento, fui convidado para filmar. Já filmei alguns casamentos como meio de ganhar um extra, fora da atividade de edição. Os casamentos me serviram como escola para fazer documentário. Em um dia, acompanhando o noivo ou a noiva (geralmente nesses eventos eram dois cinegrafistas) até a igreja e depois até a festa, tem-se

que contar uma estória com principio, meio e fim, pontuando momentos fortes do ritual. Eu colhia depoimentos dos noivos que diziam como eles se conheceram, o que estavam esperando da festa, o que sentiam um pelo outro, o que o outro representava, etc. O roteiro já estava definido e somente haveria de ser preenchido pela captação dos momentos do ritual. Então, fazia as entrevistas enquanto os noivos se arrumavam para a cerimônia.

No caso do casamento de Magno, como somente havia eu fazendo câmera, fiz as duas entrevistas, a do noivo e a da noiva, Larissa. Fui primeiro à casa de Magno e ele já estava pronto. Esperava-me sentado no quinta, embaixo da jaqueira, e me disse que poderia ser ali entrevistado. Não havia ninguém, aparentemente, na casa e ele me contou como conheceu a Larissa e o que ela representava para ele. Saí da casa do pastor Manoelzinho e fui direto na casa da tia da Larissa que mora ao lado da padaria e é casada com o contra-mestre do Estrela do Horizonte, o Raimundo. Lá, Larissa dava os últimos retoques no arranjo do cabelo e na maquiagem, ajudada pela tia e pela amiga Nathália. Havia algumas primas no quarto também. Larissa respondeu às mesmas perguntas que fiz ao Magno. Alguns casamentos que filmei também tiveram as mesmas características na arrumação dos noivos. O noivo se apronta sozinho no hotel ou em casa, enquanto a noiva é adulada por um comitê composto pro cabeleireiro, maquiador e alguém para servir como apoio sentimental. Enquanto Magno, no ato de se aprontar sozinho, incorpora um traço mais individualizante que caracteriza de modo geral o ethos local masculino; analogamente, os meninos são afastados de suas famílias para ganhar a vida no mar; Larissa era cuidada na casa da tia com atenção e carinho dentro de um espaço ritual que muito tem a ver com as redes sociais das mulheres estabelecidas pela religiosidade local em dias de festa.¹⁷

Larissa saiu para a rua acompanhada de duas damas de honra que seguravam, uma em cada ponta, o vestido da noiva. Na igreja, o pastor Vadico foi o responsável pela liturgia. E ele abriu o casamento com o mito da criação da mulher, no qual se crê que sua origem provém da costela do homem.

Antes, você era um menino que sua mãe cuidava, perdia horas na noite. E, hoje, você está casando dentro da Assembléia de Deus. A responsabilidade agora é muito grande, você é um homem (...) As mulheres sejam submissas ao marido, como ao senhor. O marido é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da igreja. Assim como Cristo está sujeito à Igreja, as mulheres estão em tudo submissas ao homem, ao seu marido.

¹⁷ Ver Mendonça, Mariana (2011).

Na tradição pentecostal, a relação de assimetria entre homens e mulheres é anunciada através dos textos bíblicos na ocasião do casamento dessa forma descrita acima. Tradição já enraizada na cultura local, a diferença entre os sexos e a dominação masculina pertencem à história e é transmitida através de gerações em Provetá. Essa percepção parece estar relacionada com o que os agentes vêem como legítimo e não-legítimo nas condutas historicamente traçadas dentro das normas de gênero da comunidade. O trabalho, a rua, a casa e a igreja são territórios onde essa ideologia perpassa transversalmente.

Para Joan Scott, o gênero é uma primeira maneira de dar significado às relações de poder. É o primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado. No caso de Provetá, no que é professado no casamento, fica claro a influência direta da religião na definição dos papéis sexuais.

A desigualdade entre os sexos não é dada nem determinada pelas diferenças biológicas (SCOTT, 1990). Pois as mulheres não são obedientes, castas, perfumosas e caprichosamente enfeitadas já por natureza. *“Só podem conseguir essas graças, sem as quais não lhes é dado desfrutar nenhuma das delicias da vida, mediante a mais enfadonha disciplina.”* Não apenas as mulheres aprendem a ser femininas e submissas, mas também os homens são vigiados na manutenção de sua masculinidade. Nós devemos aprender a ser dominadores e ativos.

3.2 Trabalho e Solidariedade

Na ocasião do casamento do filho mais novo do pastor Manoelzinho, Magno, no verão de 2012 na época do defeso, começou uma obra para construção de sua casa no mesmo terreno da família, onde seus pais e suas irmãs já casadas residem e, onde agora, ele moraria com sua esposa. Durante dois dias pelas oito da manhã, por volta de quinze jovens iam até a praia com carrinhos de mão para pegar areia da praia para a construção. Manoelzinho distribuía dinheiro entre eles e, no final da tarefa, cerveja para quem quisesse. Mesmo sendo pastor, Manoelzinho disse que a cerveja, cujo consumo é proibido pela religiosidade local, atraía os jovens para o trabalho e que se não fizesse dessa forma alguns desses jovens não participariam do mutirão. Teleco, jovem desviado da igreja, disse que ajuda mesmo sem receber nada, já que considera Magno como irmão, pois foram criados juntos. Disse que agindo assim, quando precisar, poderá contar com a ajuda dos demais. Os pescadores do

barco Estrela do Horizonte não ajudaram no mutirão. Nem mesmo Fabico e Neném, que são cunhados de Magno e trabalham no barco, participaram neste dia.

Assim que cheguei à Ilha, na primeira viagem, acontecia um mutirão para a “bateção” de uma laje na casa de um pescador. Nesse dia, sob luz de uma perspectiva um tanto homogeneizante, concluía que havia um “espírito comunitário” que operava no sentido de viabilizar esses mutirões. Entretanto, a rede de solidariedade que é tecida nesses momentos obedece a uma lógica própria. O que significa ir a um mutirão na casa do pastor Manoelzinho? Será o mesmo que ir a um mutirão na casa do caiqueiro de um barco? Essas redes de solidariedade “em terra” têm a ver com a solidariedade que existe entre os pescadores no mar?

O montante ganho na pescaria está diretamente relacionado ao desempenho dos pescadores no barco. Ninguém pode “fazer corpo mole” sob a ameaça de ser desligado do barco. No barco, apesar de cada um ter sua posição, como pude constatar no filme *Dias de Pescador*, há uma rotatividade nas funções. O timoneiro faz trabalho no convés auxiliando o trabalho do “sarico”, afastando o bote da traineira para que ele não danifique o casco da traineira. Da mesma forma, todos os homens se revezam em turnos de 3 horas no timão conduzindo o barco no mar, para que todos descansem nos momentos em que o barco está indo descarregar o peixe ou saindo para o local onde “está o peixe”.

Essa solidariedade está de certa maneira vinculada também à forma de distribuição dos ganhos do barco que se dá sob a forma de partilha. O montante total da pescaria no mês é dividido em partes de acordo com a posição de ocupação no barco. O total dos ganhos é distribuído em partes e essas partes são diferentes de acordo com a posição da ocupação no barco. A metade dos ganhos mensais vai para o dono do barco. Da outra metade se retira as despesas com os suprimentos do barco, como alimentação e despesas de cozinha em geral, gelo para gelar o peixe e combustível para a traineira, denominadas despesas de administração. O restante que sobra é dividido de maneira desigual da seguinte forma: Metade vai para o mestre-proeiro, o que é equivalente a cinquenta partes; 7 partes vão para o contra-mestre; 3 partes vão para o cozinheiro; duas partes para o chumbeiro; uma parte e meia para os geladores; uma parte para o trabalhadores de convés e para o caiqueiro.

Os valores decrescentes são distribuídos obedecendo a uma hierarquia de valor atribuído ao trabalho de acordo com determinada qualificação do trabalhador. Essa hierarquia diferencia os trabalhadores e se contrapõe à ideia de solidariedade igualitária existente no trabalho da pesca. Todos enfrentam os perigos do mar no mesmo barco e somam suas forças

para apanhar a maior quantidade de peixe possível, entretanto na hora da divisão dos lucros, uma divisão hierárquica desigual se impõe. Manoelzinho disse pra mim que essas posições no barco possuem um tempo para serem desempenhadas. O caiqueiro, segundo ele, deve ser um rapaz novo, jovem, com força e resistência. Existe uma lógica etária e de tempo de trabalho para a ocupação das posições no barco.

O caiqueiro quer se tornar gelador ou cozinheiro, depende. Ele pode crescer na pesca e ganhar mais. O gelador, o timoneiro querem virar mestre, contra-mestre. Isso dá estímulo pro pescador.

Os geladores, caiqueiros, sondeiro, cafifeiro e chumbeiro formam o grupo de mais baixa qualificação, são posições de convés e são ocupadas pelos pescadores que iniciam a vida no mar. O salário correspondente varia entre meia e duas partes. A função de cozinheiro e a de timoneiro pressupõe um certo nível de especialização, mas são posições limites no que diz respeito a uma possível ascensão de posição dentro do barco. A remuneração pode chegar a 3 partes. Todas as posições de trabalho no convés pressupõem uma possível ascensão para os que as ocupam. Dessa forma, principalmente os caiqueiros e os geladores, pelo perigo e pela insalubridade representada respectivamente pelas funções almejam chegar a condição de contra-mestre um dia. A posição de contra-mestre por sua vez é uma posição de acesso a categoria de mestre-proeiro. O contra-mestre é o homem de confiança do mestre-proeiro e deve possuir experiência no trabalho no mar. A parte que cabe ao contra-mestre é sete vezes a unidade da parte. A posição de mestre é o grau máximo de saber da pesca e sua remuneração chega a vinte cinco partes. No caso do barco Estrela do Horizonte a confiança no proeiro é oriunda dos dois lados da cadeia produtiva, do patrão, dono do barco e dos tripulantes, empregados do barco que têm a figura do mestre-proeiro como líder.

A representação da força de trabalho tomada como uma luta, como fala o pescador Neném para a câmera na saída para a pesca – *“partindo para a selva”* – em que fica claro a idéia de uma confrontação ao que há de selvagem, desconhecido e perigoso na atividade no mar é compartilhada por todos os integrantes da traineira. Essa representação opera em cada um de modo solidário, na medida em que no barco todos trabalham duro em prol da pescaria.

Os dias que passei no barco Estrela do Horizonte “senti na pele” o trabalho pesado dos pescadores da ilha. Desde a chegada em Jurujuba onde os pescadores preparam a rede, o barco, as ferramentas, o gelo, etc, para viajar na busca dos cardumes, foi possível perceber a demanda do esforço físico do exercício da pesca. No barco, além da captação das imagens e

sons para a feitura do filme, procurei compartilhar também um pouco do trabalho com os pescadores. Executei duas funções na minha “iniciação” como pescador que foram a de timoneiro e ajudando a descarregar a sardinha enchendo os baldes de sardinha para a fábrica. Quando o barco chega ao local para descarregar a pesca, dois homens ficam no porão enchendo os baldes. Quando cheios, esses baldes com a sardinha congelada são arremessados para alguém no convés que por sua vez arremessa para quem está em terra e que vai descarregar as sardinhas nas caçambas da fábrica ou do caminhão transportador. O balde pesa uns cinco quilos e a repetição da atividade faz com que em pouco tempo a sensação do peso aumente causando enorme fadiga nos braços. Geralmente o tempo de descarrego é de mais ou menos 3 horas e eu permaneci na atividade durante exatos 50 minutos antes de pedir para sair. A reação dos companheiros foi de riso e gozação. Do mesmo modo fui gozado nos dois primeiros dias no barco, pois não conseguia parar de vomitar e ficar bem para operar a câmera. Assim que consegui me estabilizar e filmar a primeira pescaria, o caiqueiro Teleco disse a meu respeito para o Fabico: “*Nosso cinegrafista nem tá enjoando mais, vai largar os estudos e virar pescador como nós*”. Estava claro nessas duas passagens que eu não era um deles. Meu lugar era demarcado tendo como referência essa diferença de resistência no trabalho no mar. Eu era o cinegrafista e seria inteligente eu me limitar a isso após a tentativa de experimentar ser um pescador.

Dizer que a etnografia é como uma iniciação não é recomendar que o pesquisador deva realmente se submeter a processos pelos quais um nativo adquire sabedoria de grupo (...) O etnógrafo, menos que tentar se fundir na sociedade em estudo, ‘desempenha seu papel de estrangeiro’. (Clifford, 2011: 193)

Eu era visto por eles como um estudante fazendo uma pesquisa e ao mesmo tempo como um cinegrafista. O mestre Manoelzinho já estava acostumado com a presença de estudantes em Provetá e alguns pescadores também, ao certo.

Quando perguntei se poderia levar minha amiga Luana na viagem do Estrela do Horizonte, Fabico me advertiu que seria difícil para uma mulher agüentar o trabalho no mar. Além disso, ele disse que não seria bom ter uma presença feminina no barco, pois os homens poderiam não ficar à vontade com isso.

Sendo uma função exclusivamente masculina, o trabalho na pesca é uma das atividades que demarca a fronteira entre homens e mulheres. Entendido como um trabalho duro e braçal que requer força física para seu desempenho, o trabalho da pesca é um campo

privilegiado para pensarmos a construção da categoria do gênero masculino local. O corpo que sofre e deve ser forte pertence ao homem pescador provetaense e através dele se dá a percepção da diferença entre homens e mulheres, ou entre caiçaras e não caiçaras. Marca que fundamenta todo o orgulho de ser pescador presente na fala do pastor Manoelzinho quando diz que não existe pescador como o nascido em Provetá.

Segundo Françoise Héritier, a noção de identidade passa necessariamente por uma representação do corpo e de seu lugar no mundo, sendo impossível viver como indivíduo, como ser social e sexuado, sem se deparar com problemas relativos ao corpo. Assim, ao analisar as categorias de gênero é preciso levar em conta as representações relativas ao corpo, aos diferentes papéis desempenhados por cada sexo na reprodução, aos aportes dos ancestrais e genitores na formação da pessoa.

Meu status entre eles era definido como um outro tipo de trabalhador. Um trabalhador que em vez de pegar no pesado, portava uma câmera de vídeo. Era um estrangeiro que acompanhava um grupo de pescadores. Sentia-me como tal e muitas vezes isso me causou certo constrangimento. Daí tenha vindo, talvez, a vontade de me igualar, mostrando-me capaz de realizar suas funções.

Em terra são os homens quem detém os mais altos cargos na igreja e na administração da vila. No mar, esses homens enfrentam o distanciamento em relação ao continente, à ilha e à família. O mar não somente inspira risco e conflito como também propicia certa solidariedade entre os homens que ali estão desempenhando a tarefa de pescar arriscando a própria vida. Algumas vezes durante as filmagens presenciei o pastor e proeiro Manoelzinho avisando pelo rádio a ocorrência de algum cardume próximo a outro barco. Esse ideário social que Simone Maldonado (1994) convencionou chamar de “camaradagem” passa pela noção de autonomia e liberdade inspiradas pela ausência de apropriação e de divisão formal do meio em que produzem e pela imensidão do mar. Isso associado aos mecanismos sociais simbólicos e práticos de auto-representação. Essa “camaradagem” e esse senso de igualdade terminam por se estender à terra e à fala dos pescadores sobre seus feitos no mar. Essa solidariedade está organizada de forma hierárquica na figura do mestre. É o mestre que diz que deve-se emprestar ferramenta ao barco vizinho, assim como é ele quem determina se seus homens podem sair à noite para curtir uma noitada em terra. No caso do pastor e proeiro Manoelzinho, a figura do mestre tem uma dupla dimensão. Os homens de seu barco não devem beber nem fumar como também manter a disciplina saindo pouco do barco para manter a concentração no trabalho. Orando a cada saída para o mar, o pastor também

presentifica no barco a vida religiosa comunitária, lembrando seus homens do ideal cristão que dá forma ao que chamamos ethos provetaense.

Manoelzinho é empregado do dono do barco Estrela do Horizonte que mora em Jurujuba em Niterói. A posição de cada um no barco caracteriza a função e tarefa executadas por cada tripulante no barco de pesca. Ela expressa a regra e a prática da divisão do trabalho e a cooperação no processo de produção. As posições estão diferenciadas segundo as funções e a remuneração.

É importante para analisar esse aspecto da inserção da atividade pesqueira na dinâmica do capitalismo industrial que traz o trabalho de Luiz Fernando Duarte (1999), sobre pescadores de sardinha de Jurujuba, em Niterói no Rio de Janeiro, feito na década de 70. Nele, o autor compara a situação da pesca industrial de sardinha com a pesca artesanal. Na passagem da pesca artesanal para a industrial, o autor observa como o modo de produção industrial do capitalismo influencia o trabalho da pesca hierarquizando as posições de ocupação dos trabalhadores e desestabilizando a relação de solidariedade entre os pescadores. Será que acontece o mesmo em Provetá? Como isso se estrutura no campo? Parto do pressuposto de que em Provetá, as redes de solidariedade não são afetadas pela divisão do trabalho a ponto de se romper. Existe um “espírito” de lealdade que ultrapassa o terreno do trabalho no mar, gerando um sentido de confiança para além dos afazeres da pesca.

No caso de Provetá é interessante observar que no momento da pesquisa, ou seja, nos dias atuais, a pesca industrial da sardinha já está consolidada. A pesquisa de Luiz Fernando Duarte feita em Jurujuba na década de 70 presenciou essa transição da atividade artesanal para a industrial. Portanto, os fenômenos e conflitos que acompanharam a mudança lá apareceram distinguindo e polarizando as características das duas formas da atividade pesqueira.

Quando a pesca para no defeso, muitos pescadores procuram outras fontes de renda. Neném possui uma lancha que lhe proporciona no verão um “bico”. Ele leva turistas para conhecer e mergulhar nas ilhas e praias do entorno. Mas segundo ele, esse trabalho é muito incerto. Às vezes ele tem um passeio marcado e vai até Angra para pegar os turistas, mas quando chega por lá, não encontra ninguém. Outra atividade que Neném costuma exercer é costurando rede de outros barcos. Teleco, outro gelador do barco de Manoelzinho, tem um primo que trabalha em um rebocador no Rio e que às vezes lhe chama para trabalhar. *“Eu vou, mas fico sempre ligando pra cá, porque o Manoelzinho pode cismar de sair, sei lá, para pegar outro peixe. Aí, eu tenho que estar aqui pronto pra sair.”* Mesmo conseguindo outra

fonte de renda durante as paradas da pesca, os pescadores permanecem de certa forma fiéis a seu mestre. A rede de solidariedade se estende também dentro período de parada da pesca.

Da mesma forma, os laços de solidariedade entre os pescadores se estendem até a terra, na troca de saberes e experiências da atividade no mar. Os Gideões de Provetá são esses homens que compartilham esses saberes do mar e lideram a membrasia religiosa local. Muitos pastores são proeiros como Manoelzinho e Vadico. O compartilhamento da técnica e dos perigos e dificuldades no mar, cria um laço de “camaradagem” e solidariedade que chega em terra e à comunidade também através dos testemunhos desse homens na igreja local. É através dos mecanismos sociais de auto-representação que esses homens figuram como lideranças locais, tendo a pesca, o ideal de vida comunitária e a religiosidade como referências.

3.3 O barco Estrela do Horizonte e os “horizontes” de trabalho dos provetaenses

Pretendo nesse capítulo, abordar o tema do trabalho na pesca em Provetá tomando como ponto de partida a trajetória de jovens provenientes de famílias distintas e seu campo de possibilidades dentro do contexto da pesca em Provetá. Tomarei como base para minha análise teórica o estudo de Gilberto Velho (1999) no qual desenvolve as noções de projeto e campo de possibilidades de estudantes estrangeiros nos EUA na década de 70. Vou analisar os fatores que influenciam a escolha do futuro profissional desses jovens, tendo como ponto de partida a condição e a estratificação social orientadas pela educação, posição social, influência religiosa, origem familiar e renda, levando em consideração o estabelecimento de fronteiras e hierarquias na dinâmica da vida social.

Entre os anos de 60 até o final dos 70, a pesca teve seu apogeu¹⁸. Várias fábricas de sardinha se estabeleceram na Ilha Grande. O atrelamento da produção local com a demanda industrial trouxe desenvolvimento e também a hierarquização do trabalho. A partir dos anos 80, a produção de pescados começou a decrescer pelos motivos já mencionados nesse trabalho, como queda do manancial pesqueiro e a forte fiscalização ambiental. Com a desativação do presídio Candido Mendes nos anos 90, o turismo e os projetos ambientalistas se intensificaram na Ilha. A Ilha deixou de ser um espaço de reclusão e disciplina para se tornar um espaço de lazer, um paraíso turístico e ecológico.

O INEA, órgão controle ambiental, atua na ilha para o controle das áreas de conservação. O turismo e certas práticas de uso do meio ambiente passaram a ter o controle

¹⁸ Bastos, Marcos e Callado, Cátia Henriques. O Ambiente da Ilha Grande. Rio de Janeiro Uerj/CEADS, 2009

ambiental desse órgão. O ambientalismo e suas exigências de ordem, regulação de práticas e utilização dos territórios, frequentemente vão contra os interesses dos moradores da Ilha. (Prado, 2000). No caso da vila do Abraão e outras comunidades da Ilha Grande, muitos moradores tiveram antigas práticas de economia, como a pesca de canoa e o cultivo de roças, prejudicadas por atividades de controle desses órgãos e também pelo desenvolvimento turístico.

Em meio a esse cenário de mudanças, Provetá conseguiu manter o status de vila de pescadores. Patrícia Birman descreve que em sua primeira visita ao Abraão, turistas e moradores se referiam a Provetá como único lugar da Ilha onde a pesca resistiu à entrada do turismo. Os próprios moradores estão de acordo e se orgulham dessa identidade vinculada à atividade pesqueira.

Numa tentativa de frear o uso abusivo da costa pela prática da pesca, o Estado criou alguns instrumentos legais, como o defeso. A pesca é proibida durante o período do defeso de determinadas espécies de peixe, crustáceos ou frutos do mar. A pesca fica proibida para garantir a reprodução da espécie na época da desova. O Ministério do Trabalho e Emprego paga aos pescadores artesanais, que possuem carteira assinada e são pescadores por profissão, o seguro defeso, para que não fiquem sem renda. Para os pescadores industriais, o Ministério não paga o Seguro Defeso. Desta forma, os pescadores de Provetá costumam fazer acordo com os empregadores para serem dispensados e poderem pegar o Seguro desemprego e o Fundo de Garantia. Passado o período do defeso, eles voltam a trabalhar e a assinar a carteira novamente.

São dois períodos ao longo do ano nos quais a pesca de sardinha é proibida para proteção da desova – período de reprodução da sardinha. Ao todo são 175 dias sem pescar que o pescador é obrigado cumprir. Dessa forma, muitos tendem a mudar a modalidade da pesca e procurar outras fontes de renda. Muitos também saem da pesca para trabalhar em rebocadores e outras embarcações de transporte de pessoas e de cargas. Com o aumento da produção e prospecção de petróleo no mar com a descoberta do Pré-sal, a oferta de empregos em empresas petrolíferas tem sido também uma oportunidade de trabalho na vida dos pescadores da Ilha.

O trabalho da pesca além de ser difícil por demandar um esforço físico extremo por parte dos pescadores ainda conta com o fator sorte e com a sazonalidade determinada pela época do defeso, pelas estações do ano e pelas fases da lua. Esses fatores exercem um poder

desestabilizador nas relações de produção e conseqüentemente afetam os ganhos dos pescadores.

O pescador e mergulhador Boeca, diz que o defeso é realizado na época errada. A malha que é usada para medir o tamanho do peixe é maior do que deveria ser, segundo os pescadores. Além disso, a liberação da pesca é feita quando a sardinha está pronta para a desova.

A gente acaba pescando peixe pronto para desovar”. A malha pra medir a sardinha é maior, é claro que a sardinha vai passar. Como eles podem medir assim, fora da realidade. Eles não têm experiência, só teoria.

Ele contou que alguns peixes estão em extinção e que a temperatura da água no fundo do mar está mais quente provocando mudanças no ambiente marinho, fazendo alguns peixes desaparecerem.

Eu mergulho, sempre mergulhei. O fundo do mar nunca esteve tão quente. Tem dias que parece que a gente está numa caldeira. Antigamente, eu via golfinho, tubarão, peixe-boi direto no fundo. Hoje em dia raramente a gente vê um peixe grande que chame nossa atenção.

Essa condição, de certa forma, precária na luta para obter peixe para vender e disso tirar o sustento está presente nas conversas entre os trabalhadores. E é por isso que muitos pais pescadores não querem o mesmo destino para seus filhos. Apesar de muitas vezes ter testemunhado a alegria de alguns pescadores pela fartura da pesca em certos períodos do ano, pude perceber uma contradição entre esses estados momentâneos de satisfação pela atividade e a noção mais abrangente da pesca como profissão.

Para o pastor Gustavo, como demonstrou Mariana Mendonça, referindo-se à chegada de luz elétrica, o que está acontecendo nos dias atuais é um desígnio de Deus. Uma profecia feita há alguns anos de que essa nova geração seria uma “geração de doutores”.

O jovem de Provetá hoje mudou...Tem o antes da luz e o depois da luz. O jovem provetaense antes da luz ele era voltado para uma situação central, só do local, ele era centralizado com a pesca, era centralizado com a igreja, e centralizado com a comunidade. Hoje o jovem depois da luz é centrado com os estudos, com sua profissão e com a família. A Igreja, não digo que está em segundo plano ainda, mas está quase chegando ao segundo plano. (Mendonça, 2011)

As transformações por que passou Provetá ao longo de sua história, como a chegada de saneamento básico, telefones públicos, posto de saúde, colégio municipal e estadual, fornecimento de energia elétrica, teriam se dado por obra e benção do Espírito Santo. Essa “modernidade” é aceita como desígnio de Deus.

Segundo Briman (2008):

A ideia de prosperidade, no caso da geração que hoje se encontra por volta de cinquenta anos e que ocupa todos os cargos de poder na vila, encerra uma experiência de mobilidade social de um grupo cujos antepassados são vistos como pescadores pobres que moravam em casas de taipa. Eram católicos, pobres, e conheceram o progresso da vila e de seus filhos junto com a religião que abraçaram. Participaram do desenvolvimento da pesca industrial da sardinha e obtiveram, como mestres e proeiros das traineiras, o conforto de uma casa de tijolo. Hoje, seus filhos, netos e bisnetos possuem acesso à televisão, à água encanada, à eletricidade, à escola e ao posto de saúde.

Nem todos os homens que trabalham no barco do pastor Manoelzinho estão na igreja¹⁹. Seus dois genros, Neném e Fabico, fazem parte da tripulação do barco. Neném não pertence ao corpo da igreja e Fabico estuda para se tornar um presbítero. Os dois são nascidos em Provetá, entretanto seus pais não nasceram na praia de Provetá. Fabico e Neném trabalham em posições diferentes no barco e ganham quantias equivalentes.

¹⁹ Eles designam cristão aqueles que estão frequentando a igreja e foram batizados no pentecostalismo. Todos são crentes e evangélicos, mesmo estando desviados.

Figura 2 – Praia de Provetá.



Fonte: Foto: Natânia Lopes. 2010.

Os dois possuem o ginásio, ou ensino fundamental, completo. Fabício continuou os estudos e quer ter o diploma do segundo grau. Hoje em dia, muitos jovens da terceira geração de “filhos do lugar” estão dando continuidade aos estudos, passando os dias da semana em Angra, cidades próximas ou até em outros estados que possuem universidade. O próprio filho do pastor Manoelzinho, Magno, não pretende ser pescador e faz faculdade de teologia fora do Rio, no interior de São Paulo.

“Essa vida é muito dura. Meu filho está estudando para ter uma vida melhor” – palavras do pastor.

Muitos jovens hoje também pretendem, como Magno, não viver da pesca. Segundo a visão de Gustavo, administrador da vila e presbítero, se antes os jovens se viam sem grandes perspectivas e invariavelmente trabalhavam na pesca, hoje eles possuem uma visão de mundo ampliada, proporcionada pelos meios de comunicação, o crescente acesso à educação formal e também pela ascensão social de uma parte da comunidade provetaense. Portanto, diferente da geração de Manoelzinho, os jovens que *estão* na Igreja não são mais necessariamente pescadores e pertencem ao que seria a elite local. É o caso de Magno e de Gustavo, filho do pastor Vadico. Os dois, assim como outros, estudam fora de Angra e não pretendem viver da pesca.

Como assinala Mariana Mendonça (2011: 72), aqueles jovens que precisam trabalhar vão para pesca e param seus estudos por causa das longas viagens de trabalho. Os que não precisam trabalhar continuam seus estudos para se tornarem “doutores”.

A pesca para esses jovens *filhos do lugar* e pertencentes a famílias da elite local já não se apresenta como um horizonte possível. Entretanto, pode perceber que para outros jovens que não possuem esse status local, a pesca continua sendo a atividade que proporciona estabilidade e ascensão social. Anísio, caiqueiro do barco Estrela do Horizonte conta que antes de entrar no barco do mestre Manoelzinho, não parava em barco nenhum e às vezes ficava parado sem trabalhar e bebendo. Para Anísio, trabalhar no Estrela do Horizonte é motivo de orgulho e símbolo de um certo status. Assim como ele, muitos vêem a profissão de pescador como única possibilidade de trabalho, principalmente aqueles que não são socialmente categorizados como pertencentes à elite local.

O grau de escolaridade reforça o limite de caminhos possíveis para o exercício de uma outra profissão. Em Provetá, as escolas oferecem somente ensino básico, fundamental e ginásial. Muitos adultos não possuem segundo grau completo e por isso se vêem em uma posição de pouca ou nenhuma escolha no mercado de trabalho.

Lagarto, pescador de 33 anos, afastado da igreja, filho de “nascidos do lugar” contou que trabalhar na pesca tem seu lado ruim também porque o pescador acaba parando os estudos. Assim como ele, muitos pescadores compartilham dessa opinião.

Alguns jovens procuram trabalho no comércio em Angra dos Reis. Esse tipo de atividade, como pude testemunhar em algumas reuniões na Associação de Moradores, é vista como pouco digna e exploradora.

“O rapaz sai daqui de Provetá, leva duas horas de barco pra ficar em pé numa loja vendendo roupa. Isso não é um trabalho digno”²⁰.

A mesma condição do trabalho árduo da pesca é concebida pelos moradores de Provetá como detentora das qualidades que compõe a dignidade de seus trabalhadores. A representação de uma identidade quase heróica é verificada também na fala dos moradores que dizem que os provetaenses são os melhores trabalhadores e pescadores de Angra e que o pastor Manoelzinho é o melhor proeiro da região.

Dentro do campo de possibilidades de trabalho para os jovens provetaenses encontra-se o estaleiro BrasFELS, em Angra, que constrói e conserta embarcações e plataformas de

²⁰ Fala do presidente da associação de moradores em reunião na Associação no mês de março de 2012.

grande porte. Em 2008, o estaleiro teria gerado mais de 20.000 empregos indiretos na região. O trabalho de soldador requer segundo grau completo e é alvo do desejo dos jovens. Os benefícios, segundo eles, são carteira assinada e estabilidade. Estabilidade que a pesca não dá pela característica da sazonalidade.

Com a prospecção do Pré-sal no litoral do Estado do Rio de Janeiro algumas oportunidades de trabalho também se apresentaram para os moradores de Provetá e da Ilha Grande como um todo. Muitos trabalhadores estão correndo para a conclusão do ensino médio para fazer um exame de qualificação para a obtenção da carteira de “moço de convés”. O trabalho é periódico e varia entre 15 e 40 dias no mar e o correspondente em terra. O salário é em torno de 3.000 reais e, mais uma vez, a estabilidade é considerada como um fator determinante pelos provetaenses. Alguns jovens da nova geração já estão entrando na fase adulta com essa possibilidade profissional.

A dificuldade e o suor do trabalho da pesca ora vistos como fatores que caracterizam dignidade a profissão são também dados de instabilidade se comparados com esses outros tipos de ocupação laboral. A distinção de classe social entre os moradores de Provetá se apresenta a meu ver como fator indissolúvel das possibilidades dentro do mercado de trabalho. A geração de “doutores” não abrange todos os jovens da atual geração, mas apenas os da elite local. Por outro lado, a pesca ainda é vista como um tipo de ascensão social pela outra parte dos jovens provetaenses.

Dentro dessa dinâmica, observo como se dá, na perspectiva da oposição entre o tempo presente e o passado, a percepção dos moradores da Vila em relação ao contexto social local. É percebido na fala dos moradores de Provetá um esforço para a explicação dos fenômenos sociais atuais colocando como referência um tempo passado. Os paradigmas referenciais mudam de acordo com o campo abordado. Por exemplo, é comum eles se referirem a pesca e suas mudanças tomando como pontos de inflexão o fim das fábricas e o início da lei do defeso. Outro exemplo pode ser dado por ocasião da instalação de luz elétrica e a chegada da televisão que na visão do pastor Manoelzinho transformou o modo de comportamento das crianças dentro da Igreja.

Na Igreja o comportamento da criança era melhor também, era mais tranqüilo. Hoje a criança é muito agitada devido às coisas que apareceram, luz, televisão... Essas coisas tirou a atenção das crianças na Igreja porque as vezes a criança fica dividida. Tá achando que não tá bom ali, vai pra casa assistir televisão, vai pra praça sabe que tem diversão, antigamente não tinha luz então não tinha opção, ficava como criança,

centrada ali na Igreja, entendeu? Você se dedicava mais, eu em meu tempo de criança pra agora acho que era muito melhor (...) Tinha muita diferença porque evoluiu muito, a brincadeira da criança hoje é totalmente diferente da criança antiga, do meu tempo principalmente. A nossa brincadeira era mais sadia, mais gostosa, não tinha tanta maldade. A gente brincava de preso. Que era brincar de preso? Preso a gente considerava como se fosse os fugitivos lá da colônia, a gente brincava muito sobre isso, tinha uma equipe de preso e uma equipe de soldado no caso, aí a gente usava um pedacinho de pau como arma, era uma brincadeira gostosa, isso era freqüente aqui na comunidade.

Os relatos demonstram como alguns provetaenses da primeira geração de *nascidos e criados* no evangelho se recordam da sua relação com a Igreja na infância. Eles enfatizam o que consideram “evolução”, principalmente, a chegada da luz elétrica e da televisão como fatores que modificaram, por exemplo, a dedicação e atenção da criança na Igreja. Antes, o lugar era “pacato” e “humilde” e por isso as crianças eram mais disciplinadas e concediam mais atenção ao cumprimento das obrigações religiosas que delas eram exigidas.

A história pode trazer mudanças nos paradigmas sociais em determinada sociedade. Assim como a chegada da luz elétrica e da televisão mudaram certos aspectos da cultura local, na visão de alguns moradores, essa nova era de “geração de doutores” também desloca o paradigma da construção do “homem ideal” provetaense. Magno, filho do pastor Manoelzinho e neto do pastor Sales, também liderança local, recebe o legado de liderança espiritual de seus genitores, mas deles se difere por não ser pescador. Por seu turno, Gustavo, filho do pastor Vadico, se realmente fizer curso de engenharia, certamente não conseguirá emprego em Provetá. Se o conjunto dos Gideões é composto por homens pescadores, logo terá que mudar as regras de pertencimento para se adaptar aos novos tempos. Poderíamos pensar ingenua e evolutivamente, que o fim da cultura provetaense, tal como hoje a percebemos, se aproxima. Mas esse novo contexto talvez embute um “reacomodamento” da cultura local no “mundo”. Melhor compreender as dinâmicas locais como parte da sociedade global e transcultural. Se a pesca industrial nos anos 80 levou os pescadores da vila para longe de suas famílias, fazendo-os retornar sazonalmente e colocando-os em contato com outros lugares e culturas; hoje, esses jovens talvez reorganizem o modo de vida local com novas trajetórias e fluxos que irão determinar uma nova dinâmica de caráter translocal. Salhins (1997) propõe pensar e redescobrir, nas pequenas ilhas do Pacífico, determinados “princípios de reciprocidade circular” nos seus fluxos comerciais, simbólicos e parentais além-mar que nos ajudariam na reinserção dos atores sociais num campo de transformações mais complexo

e dinâmico do que aquele classicamente proposto pela dicotomia rural/urbano. O autor demonstra como determinadas especificidades culturais locais eram constitutivas de uma sociedade translocal e não simples respostas adaptativas a um modelo que seria derivado da modernidade urbana. Há autores que enfatizam os efeitos homogeneizantes do sistema mundial sobre culturas locais, creditando tal crença à “grande narrativa de dominação ocidental”. Ao contrário do que muitas vezes somos levados a supor, em nome de um pressuposto de pureza da sociedade em estudo, Sahlins demonstra que, não poucas vezes, esses fluxos terminam por fortalecer costumes e instituições tradicionais num dos pólos.

Sem querer fazer um trabalho de adivinhação, creio ser útil apontar o que está em processo de mudança, anunciada pelos próprios “nativos”, na comunidade em questão. Se a construção da noção de pessoa do “tipo ideal” provetaense passa pelos territórios da pesca e da religião, é passível a projeção de que os “doutores” da nova geração engendrem sua liderança através de novas centralidades onde talvez seja indispensável uma “expansão dos horizontes da comunidade”. (Sahlins, 1997)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central dessa dissertação foi compreender a construção da noção de pessoa do pescador evangélico de Provetá. Procurei, através da descrição da festa dos homens, a festa dos Gideões, acompanhando através do processo de sua produção, analisar os dados etnográficos pertinentes a minha intenção de abordagem. O ethos constituído historicamente e no dia-a-dia da vila pelos seus membros se constrói a partir das experiências sociais que esses agentes vivem nos espaços coetâneos correspondentes ao mar, local de trabalho, e à terra, local de interação social - igreja, casa e rua.

Ter acompanhado o pastor Manoelzinho e ter sido hospedado em sua casa me colocou na pesquisa sob certo aspecto com o privilégio de presenciar o modo de vida de um homem cuja a herança e o carisma ajudaram a construir sua pessoa como um “tipo ideal” (WEBER) do homem provetaense: pescador, crente e dedicado à família e à comunidade. A construção da noção de pessoa (MAUSS, 2008), de seu personagem para a pesquisa deve levar em conta o status social que coloca o pastor como representante das ideias e dos ideais da comunidade como um todo. Alguns estudos foram feitos em Provetá antes da minha pesquisa e todos detectaram a família do pastor Manoelzinho como eixo referencial para análise. Isso se dá muito por conta da sabedoria e vivência do pastor que sabe como ninguém transmitir seu conhecimento através da boa conversa e o modo de ser, através da elaboração e performance daquilo que Foucault denominou como “arte da existência” ou “técnicas de si”. (1998)

Práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo.

A atividade pesqueira transpassa as fronteiras do local e interage de forma recíproca através dos ambientes da vila. A solidariedade entre os homens que partilham da mesma identidade de ser pescador, do mesmo perigo e dificuldade, “deságua” nos modos de interação social presentes na vila, evidenciados nos rituais, nas arrumações das festas e nos mutirões.

A formação do ethos provetaense dentro da doutrina pentecostal da Assembléia de Deus e do ambiente marcado pela divisão do trabalho remete a uma diferenciação sistêmica entre homens e mulheres. Pude perceber desde a minha chegada, no convívio no campo de futebol e no barco, ambientes exclusivos de meninos e homens, que esses espaços muito

tenham a me dizer sobre a formação do estatuto masculino local. Além desses cenários, a igreja com suas divisões de tarefas entre homens e mulheres, meninos e meninas, e divulgadora da moral religiosa que preconiza a submissão da mulher ao homem também hierarquiza a relação entre os sexos, dando ao homem um poder maior na estrutura social e política local.

A construção simbólica da diferença masculino/feminino, procura no conjunto de representações próprios a cada sociedade, os elementos invariáveis cujo agenciamento se traduz por uma desigualdade considerada como natural, inscrita na ordem do mundo. Héritier (1996) considera que as categorias de gênero e as representações da pessoa, do corpo e de suas partes, por exemplo, não são fenômenos universais, inscritos em uma natureza biológica irreduzível, mas constituem, ao contrário, construções culturais específicas. No discurso do pastor Manoelzinho, ao pintar o hotel, percebemos a construção do “tipo ideal” do líder comunitário. Quando ele diz que a festa dos Gideões é a maior festa de Provetá, porque é uma festa de varões, em comparação a festa das mulheres, subjaz ao texto uma demarcação de fronteiras ligadas ao gênero. Busquei através desse trabalho, perceber, através de algumas performances, as disposições sociais que reforçam a diferença entre a construção da pessoa entre homens e mulheres desde a infância. Destarte, no Monte Sagrado, através da captação e, posteriormente, na ilha de edição notei a ausência dos meninos que indicaria uma diferença no sentido de pertencimento a igreja que distingue meninos e meninas.

A solidariedade dos homens na pesca e a troca de informação e saberes cristalizam um “corpo unificado” masculino (Gideões) que irá também agenciar em terra as direções políticas e sociais da comunidade. A hierarquia que marca a organização da pesca e as relações no mar se apóia em grande medida no igualitarismo inerente à atividade e ao fato de todos serem pescadores. E essa disposição à igualdade, à fidelidade e à cooperação se dá sob a égide do mestre.

Através do que Simone Maldonado (1994) chama de “mestrança”, o mestre possui os atributos necessários que lhe dão competência não somente na tarefa de encontrar o peixe, mas também de articular sua negociação no comércio industrial da pesca. Essa habilidade atrai a confiança dos outros pescadores, que, a partir desse sentimento comum, a ele são fidelizados e, dele, seguidores.

O “líder carismático” é um bom “tipo ideal” para pensarmos a figura do mestre. No caso do pastor Manoelzinho, o carisma também é atribuído pela posição de líder espiritual.

Ele incorpora disposições éticas implicitamente existentes nos centros ativos da sociedade (Geertz, 1973) e na consciência social de seus seguidores, os pescadores.

“O mestre é como um arquétipo que se visse à proa dos barcos, o olhar penetrante, atento, tendo nas mãos por atribuição da sua sociedade e do seu barco, feixes de relações, de práticas e de sentimentos.” (MALDONADO, 1994:134)

Figura 3– Manoelzinho na proa do barco atento ao comando de largar a rede.



Fonte: Imagem / frame do filme Dias de Pescador. Autor: João Gustavo Monteiro de Barros, 2011.

“Antigamente não tinha sonda para ver o peixe não. A gente pescava no olho. Indo lá para a proa do barco e olhando o sinal do cardume. Como eu fiz no filme, era assim que a gente pescava.”²¹

A pessoa do pastor Manoelzinho se apresenta como um modelo exemplar desse pescador e líder comunitário. Sobre a noção de construção da pessoa nos Pueblos, Mauss (2008) destaca a importância dos nomes e prenomes nos clãs, que a partir deles ordenam-se “pessoas humanas” e, a partir dessas, ordenam-se os gestos dos atores num drama.

“(…) em suma, uma noção da pessoas, do indivíduo confundido com seu clã mas já destacado dele no cerimonial, pela máscara, por seu título, sua posição, seu papel, sua propriedade, sua sobrevivência e seu reaparecimento na terra num de seus descendentes dotados das mesmas posições, prenomes, títulos, direitos e funções.” (MAUSS, 2008)

²¹ No filme Dias de Pescador, em dado momento Manoelzinho deixa a cabine e vai até a proa do barco para ver o cardume da sardinha passar e mandar largar a rede, com a cabeça projetada para frente como se “farejasse” a água e movimentando os braços indicando a manobra para o timoneiro.

A noção de pessoa se apresenta como uma referência para pensar o personagem do pastor Manoelzinho. Suas facetas reúnem as características do modelo exemplar e sua performance no filme-pesquisa catalisa as facetas de bom pescador e bom líder comunitário e religioso. Em outras palavras, ele representa o principal modelo que personifica a tradição e suas postura e ações escrevem um modo de ser particular que está de acordo com os modos e preceitos morais da doutrina pentecostal, assim como com as condutas imanentes ao comportamento ideal de um líder trabalhador envolvido na vida comunitária.

Assim como um iniciado, portador do “segredo”, ser mestre, proeiro e pastor, filho do ex-pastor presidente, representa ser um elo de ligação entre presente e passado e ter o dom de transmitir o modelo do homem provetaense ao escrever *seu status e suas leis em todos os seus relacionamentos e expressões diárias*. (MAUSS, 2008)

Filho do pescador e do pastor Sales, Manoelzinho cresceu na Vila de Povetá e na Igreja e se tornou membro do corpo da igreja na juventude. Casou cedo com D.Magna e se desviou duas vezes da Igreja. Na última vez em que se desviou, ele conta que as coisas não estavam bem para ele, que gastava dinheiro com boate e bebida e que a desgraça maior culminou na traição de seu antigo patrão que o dispensou. Voltando para igreja, e com a força da oração, Deus colocou em seu destino seu atual patrão. A partir daí sua vida tem sido de muito trabalho e prosperidade.

O pastor Sales é sempre lembrado em conversas pela vila como um pastor austero e também carismático. Manoelzinho parece ter herdado de seu pai o legado para liderar a comunidade. Respeitado pelos moradores da vila e também da Iha Grande, Manoelzinho é considerado como o melhor proeiro da Ilha. No convés do Estrela do Horizonte, o pastor contou para mim como foi difícil chegar onde chegou.

Eu já me desviei dos caminhos de Deus, sabe, meu casamento não ia bem, eu bebia, gastava todo meu dinheiro em boate, no Rio, em Angra, em Niterói. Quase perdi tudo. Quando aceitei de novo Jesus, tudo mudou. Mas depois disso também, eu tive uns altos e baixos. Meu antigo patrão traiu minha confiança. Não cumpriu com a palavra e eu fiquei sem barco, sem ter como trabalhar. Aí Deus colocou no meu caminho o meu patrão atual. A partir daí as coisas têm dado certo pra mim e para minha família.

O fato do pastor Manoelzinho ser considerado o melhor proeiro de Provetá por alguns moradores locais deve ser pensado de forma multidimensional. Essa identidade atribuída à figura do pastor Manoelzinho é uma construção que está ligada a vários outros processos de

interação social e a outros projetos individuais e coletivos dinâmicos que se dão e se deram ao longo tempo na comunidade de Provetá.

O carisma, como salienta Geertz (2009), ora é definido como uma certa qualidade que destaca um indivíduo, colocando-o em uma relação privilegiada com as origens do ser, e ora é considerado um poder hipnótico que certas personalidades parecem possuir que os torna capazes de provocar paixões e dominar mentes. Não é possível saber ao certo se ele é um status, um estímulo ou uma fusão ambígua dos dois.

O talento de Manoelzinho na pesca talvez sozinho não fosse dado suficiente para explicar o sucesso como líder. Pastor da igreja, Manoelzinho é além de representante maior dos Gideões, grupo dos homens, considerado como um grande conselheiro. Para ele está claro que sua condição é um desígnio de Deus, obra do Espírito Santo. O respeito e confiança também relacionados pela herança familiar e parentesco, sua posição na igreja, seu talento e sua performance convergem para a formação de uma conjectura favorável para a construção de sua pessoa. Na oração do pastor Manoelzinho, podemos perceber seu respeito ao mar através seu pedido aos anjos, que Deus os coloque na proa para guardar a embarcação contra os perigos e acidentes. Essa condição perigosa do trabalho na pesca torna esses homens dignos de certo status no local, heróis que sobrevivem ao trabalho estafante da pesca dentro do mar inconstante e misterioso.

Convivendo com alguns meninos que trabalham na pesca em outros barcos na Ilha, principalmente no campo de futebol, localizado na área atrás do bairro Fazendinha em Provetá, lugar não freqüentado por meninos cristãos por ser associado ao consumo de maconha e bebidas alcoólicas, “o canto do diabo”, pude perceber que o barco do Manoelzinho, apesar de em sua maioria não ser ocupado por evangélicos praticantes, é um barco “disciplinado”. Enquanto nesse barco; quando ancorado no Rio ou em Niterói, por conta de algum contratempo, como alguma tempestade; nenhum dos tripulantes pode sair para terra, a não ser somente em caso de urgência, em outros barcos os tripulantes costumam sair para zonas de prostituição, bares, boates e casas de massagens. A influência e disciplina imposta pelo comandante do barco agrega valores que vão além da ocupação hierárquica na divisão do trabalho. Manoelzinho não admite bebidas a bordo e diz que está fazendo bem a seus homens quando faz tais restrições. Neném me contou que o primo da Marcela, portanto, sobrinho de Manoelzinho estava trabalhando no barco e não durou dois meses. Segundo Neném, Marcelo é solteiro e gasta tudo o que ganha na farra, com mulher e bebida. Ele bebia escondido no barco e não cumpria suas obrigações de maneira devida. Manoelzinho teve que

afastá-lo do barco por mau comportamento. Há outros mestres também pastores ou membros da igreja que não agem dessa forma, deixando seus homens à vontade quando o barco está atracado.

O Manoelzinho é muito bom, é o cara que mais pesca aqui em Provetá, se bobear em Angra. Ele é o melhor proeiro da Ilha Grande. A gente fica mais tranqüilo. Já sai para a pesca sabendo que vai matar.²²

Manoelzinho disse que quando o pescador sai à noite ele se prejudica, fica cansado e não rende o que deve render.

Eu falo por mim. Eu já fui desviado da Igreja e ficava mal de saúde, gastava meu dinheiro. Pra que a gente vai trabalhar se vai gastar o dinheiro em jogo, bebida, essas coisas?

Concomitante à vontade de contribuir para a saúde de seus homens, existe uma ideia de prosperidade que atravessa a posição defendida pelo pastor. Não beber, não fumar, não gastar significa estar cuidando de si e também cuidando para a melhor performance na caça ao peixe.

Já presenciei um culto na festa dos Gideões, onde o pastor pregador sentenciou que Manoelzinho iria conseguir uma proeza, a de não ter mais patrão. Ele conseguiria ser seu próprio patrão.

Assim como Manoelzinho almeja um dia ser seu próprio patrão, não é difícil imaginarmos que seus homens também almejam melhores posições de trabalho. Devemos considerar que além do carisma, o mestre também é uma posição de desejo entre os homens distribuídos hierarquicamente no barco. Outro dado a ser observado é o da aproximação da figura do mestre de um caráter patriarcal. Enquanto chefes, os mestres se ocupam da organização econômica e são responsáveis muitas vezes pelo recrutamento à base da afiliação pessoal. Portanto, a figura do mestre não é apenas detentora do potencial de agregação, estando também, pelo motivo acima citado, passível de gerar conflitos.

Com a profecia que anunciou a chegada de uma nova geração de doutores em Provetá, esse modelo ideal é, sob muitos aspectos, desfeito. Além daqueles desviados e afastados que nunca voltarão para a igreja e deixarão de completar o drama social provetaense; a construção

²² Os Pescadores usam o verbo matar ao invés de pescar para determinar o ato de pescar e trazer o peixe (para comer ou para comercializar) ao barco. Como se o peixe fosse uma caça.

da noção de pessoa desses jovens que saem para tornarem-se doutores e não seguem a profissão de pescador de seus pais, conformaria um novo modelo, distinto do atual. Se a construção da masculinidade e da solidariedade passa pela relação do homem com o mar; onde se inscrevem no corpo e na subjetividade as representações dos papéis desempenhados pelo sexo, através do dia-a-dia e do aportes dos ancestrais e genitores; a pessoa desses jovens terá outros atributos para que eles exerçam seus papéis na comunidade.

REFERÊNCIAS

- BAKKER, André. *Entre telas e orações: religião e mídia em uma comunidade evangélica na Ilha Grande*. Monografia de final de curso de Ciências Sociais. UERJ, Rio de Janeiro, 2006.
- BAKKER, André. *Deus, o diabo e a televisão: mídia moderna de massa e pentecostalismo em uma Comunidade Evangélica da Ilha Grande*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: PPCIS/UERJ, 2008.
- BIRMAN, Patrícia. O Espírito Santo, a mídia e o Território dos Crentes. *Ciências Sociais e Religião*. Ano 8, n. 8, 2006.
- BIRMAN, Patrícia. *Comunidade Evangélica, conflitos geracionais e recepção midiática*, Rio de Janeiro: no prelo, 2005.
- BIRMAN, Patrícia. *Memória, política e gestão religiosa do espaço: análise da comunidade de crentes de Provetá, na Ilha Grande*, 2008.
- BREDER, Débora. A Valência Diferencial dos Sexos: diferença e hierarquia segundo Françoise Héritier. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. ANPUH. São Paulo, julho 2011.
- CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: Antropologia e Literatura no século XX*. UFRJ, 2011.
- COMOLLI, Jean-Louis. Filmar para ver. In: Escritos de teoria y critica de cine. Simung/Fadu. Buenos Aires, 2002.
- DA MATTA, Roberto. O Ofício do Etnólogo, ou como ter “Antropological Blues”. In Edson de Oliveira Nunes, Org. *A Aventura Sociológica*. Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1978.
- DA-RIN, Silvio. *Espelho Partido. Tradição e Transformação do Documentário*. Rio de Janeiro. Azougue, 2004.
- DE FRANCE, Claudine (org.). *Do Filme Etnográfico à Antropologia Fílmica*. Campinas, SP, Ed. Unicamp, 2000.
- DELEUZE, Gilles. *A Imagem-Tempo*. Brasiliense. São Paulo, 2005.
- DEVOS, Rafael Victorino. Paisagens da Narrativa Oral: *A Descoberta da Imagem*. In Cadernos de Antropologia e Imagem. UERJ. NAI, 2006.
- DOUGLAS, Mary. Impureza Ritual. In: Pureza e Perigo. São Paulo. Perspectiva, 1976.
- DUARTE, Luís. “Família, reprodução e ethos religioso: subjetivismo e naturalismo como valores estruturantes”. In: *Religião e Família*, Luiz Fernando Dias Duarte, Maria Heilborn, Myriam Lins de Barros e Clarice Peixoto (orgs.) Rio de Janeiro: Conta capa Livraria, 2006.

DUARTE, Luís. As redes de Suor. A Reprodução social dos trabalhadores da pesca em Jurujuba. Niterói. Ed UFF, 1999.

ELIAS, N., DUNNING, E. “O lazer no espectro do tempo livre”. In *A busca da excitação*. Difel, pp. 139-186, 1992.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FRESTON, Paul. Breve Historia do Pentecostalismo Brasileiro. In: Antoniazzi, Alberto. Nem Anjos, nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo Brasileiro. Petrópolis, Vozes, 1994b.

FRY, Peter. Para inglês ver: identidade e Política na cultura brasileira. Zahar editores. Rio de Janeiro, 1982.

FRY, Peter e Edward Mc Rae. O que é Homossexualidade. Abril Cultural, Brasiliense. São Paulo, 1985.

GASTALDO, E. *Kickboxers: esportes de combate e identidade masculina*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). PPGAS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

GAUTHIER, Guy. *Le documentaires, un autre cinéma*. Paris: Natham, 1995.

GEERTZ, Clifford. “Do ponto de vista dos nativos’: a natureza do entendimento antropológico” In: *Saber Local*. Petrópolis: Vozes, 1997.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. LTC, Rio de Janeiro, 1989.

GEERTZ, Clifford. *Nova Luz sobre a Antropologia*. Jorge Zahar editor, Rio de Janeiro, 2001.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1975.

GONÇALVES, Marco Antonio. *O Real Imaginado. Etnografia, Cinema e Surrealismo em Jean Rouch*. Topbooks, Rio de Janeiro, 2008.

GRABURN, Nelson. *Reconstruindo Tradição: Turismo na China e no Japão*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, out. 2008, vol. 23, n.68, pag. 11-21.

HEILBORN, M. L. *Gênero e hierarquia. A costela de Adão revisitada*. Estudos Feministas (1), 1993.

HENLEY, Paul. *Cinematografia e Pesquisa Etnográfica*. In *Cadernos de Antropologia e Imagem*. UERJ. NAI, 1995.

HENLEY, Paul. In *Cadernos de Antropologia e Imagem*. UERJ. NAI, 2004.

HÉRITIER, Françoise. Masculin/Féminin. La pensée de la différence. Paris, Éditions Odile Jacob, 1996.

JOHANES, Fabian. *The Time and the Other*. New York, 1983.

LEAL, Rosana. As maneira de fazer turismo nas classes populares: Astúcia, criatividade e relações de vizinhança. *VII RAM*, 2007.

LIPSET, David. O que faz um homem? *Relendo Naven e The Gender of the Gift*. Cadernos Pagu (33), 2009:57-81.

MC DOUGALL, David. In Cadernos de Antropologia e Imagem. UERJ. NAI, 2005.

MAFRA, Clara. *Os Evangélicos*. Jorge Zahar Ed., 2001.

MALDONADO, Simone. Mestres e Mares. *Espaço e Indivisão na Pesca Marítima*. São Paulo, Annablume, 1993.

MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: *Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. Edições Loyola, São Paulo, 1999.

MARIZ, Cecília. A Teologia da Batalha Espiritual: uma revisão da bibliografia. *Revista Brasileira de Informação em Ciências Sociais*, n° 47, 33-48.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Cosac Naif, São Paulo, (2003) 2008.

MENDONÇA, Mariana. Festa e Visitação Religiosa em uma Comunidade Evangélica na Ilha Grande. Rio de Janeiro. UERJ, 2011.

PIAULT, Marc Henri. A Antropologia e a sua “passagem à imagem. In Cadernos de Antropologia e Imagem. UERJ. NAI, 1995.

PIAULT, Marc Henri. *Antropologie ET Cinema*. Nathan, Paris, 2000.

PEREIRA, Vicente Creton. *Território Sagrado: A Geografia das Relações Sociais em uma Comunidade Evangélica na Ilha Grande*. Monografia de final de curso de Ciências Sociais – UERJ, Rio de Janeiro, 2007.

PRADO, Rosane. Do Presídio ao Paraíso Ecológico: Percepções de Questões Ambientais na Ilha Grande. Rio de Janeiro, UERJ, 2000a.

PRADO, Rosane. A UERJ e a Comunidade da Vila Dois Rios. Relatório de pesquisa. Rio de Janeiro, UERJ, 2000b.

PRADO, Rosane. Crentes na Ilha Grande: uma forma de ser nativo. In: Birman, Patrícia (org.) *Religião e Espaço Público*, SP, Attar Editorial, 2003.

PRITCHARD, E. *Os Nuer*. São Paulo, editora Perspectiva, 1978.

RIBEIRO, Jucélia Santos Bispo. Brincadeiras de Meninas e de Meninos: Socialização, Sexualidade e Gênero entre Crianças e a Construção Social das Diferenças. *Cadernos Pagu* (26), janeiro-junho de 2006: pp.145-168.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. *Structure and function in primitive society*. London: Cohen and West, 1959.

ROUCH, Jean. Os pais fundadores. Dos ancestrais totêmicos aos pesquisadores de amanhã. In: Monte-Mor (org.). *Catálogo da Mostra Internacional do Filme Etnográfico*. Rio de Janeiro, CCBB, 1993.

SALHINS, Marshall. O “Pessimismo Sentimental” e a Experiência Etnográfica: porque a cultura não é um objeto em vias de extinção. *Mana: Estudos de Antropologia Social*. Vol.3, Nº2. ISSN 0104 – 9314. Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1997.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, vol. 16, no 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990.

SILVA, Gláucia Oliveira. Tudo o que tem na terra tem no mar. A Classificação dos Seres Vivos entre Trabalhadores da Pesca em Piratininga, RJ. MN, UFRJ, 1988.

TURNER, Victor. *O Processo Ritual. Estrutura e Anti-Estrutura*. Rio de Janeiro. Vozes, 1974b.

TURNER, Victor. *Social dramas and Ritual Metaphors*. In *Drama, Fields and Metaphors*. New York: Cornell University, 1974a.

TURNER, Victor. *Schism and Continuity in a African Society*. Oxford: Oxford International Publishers, 1996.

VAN GENNEP, Arnold. *Os Ritos de Passagem*. 3.ed. Petrópolis, Vozes, 2011.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 1999.

WAGNER, Roy. *A Invenção da Cultura*. São Paulo. Cosac Naif. (1981) 2010.

ANEXO

Filme: Dias de Pescador – 30 min. Link: <https://vimeo.com/34567801>